

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

VERANICE RODRIGUES DE SANTANA DE MELO

**– EU TENHO CERTEZA QUE AS MINHAS BONECAS SABIAM LER!
LUDICIDADE E AVANÇO DE NÍVEIS NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
EM SALA DE AULA**

SANTA CRUZ DO SUL

2025

VERANICE RODRIGUES DE SANTANA DE MELO

**– EU TENHO CERTEZA QUE AS MINHAS BONECAS SABIAM LER!
LUDICIDADE E O AVANÇO DE NÍVEIS NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, na Linha de Pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Gustsack

SANTA CRUZ DO SUL

2025

VERANICE RODRIGUES DE SANTANA DE MELO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, na Linha de Pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Gustsack

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ana Luisa Teixeira de Menezes

Prof. Dr. Solange Alves de Oliveira Mendes

SANTA CRUZ DO SUL

2025

O que é Letramento?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor;
telegrama de parabéns e cartas
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo o que você pode ser.

In: SOARES, Magda. LETRAMENTO um tema em três gêneros. 2. ed. 8. Reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui, neste momento de defesa da dissertação só foi possível, porque sempre tive pessoas incríveis ao meu lado me incentivando e acreditando em mim. Por isso, quero expressar meu carinho e meu agradecimento.

Agradeço primeiramente à Deus, pelo seu amor incondicional, pelo dom da vida, por me proporcionar momentos como este, um mix de emoção que não dá para descrever.

Agradeço à minha mãe Maria do Socorro e ao meu pai João Santana, pelo amor singular, pelos investimentos incalculáveis e pelo esforço de vida por nos proporcionar, a mim e minhas irmãs, condições para crescermos felizes sendo quem somos.

Agradeço ao meu marido, companheiro, amigo, cúmplice e eterno namorado Jaime, pelo amor, cuidado, zelo e incentivo, dia após dia, a cada passo que dávamos nessa caminhada.

Agradeço a meu filho, João Henrique, a parte mais linda da minha história, meu milagre, pela compreensão das ausências que se fizeram necessárias durante este período.

Agradeço a meu amigo e orientador, Prof. Felipe Gustsack, pelo acolhimento carinhoso desde que ingressei no Grupo de Pesquisa, por estar junto e acreditar que o brincar é “coisa séria”, não no sentido de sisudez que este “sério” possa parecer, mas sim no sentido de um ato muito importante para o desenvolvimento pleno de qualquer ser humano.

Agradeço aos colegas de mestrado que estiveram lado a lado comigo no primeiro ano do curso, compartilhando conquistas e aflições.

Agradeço a equipe da Integra, que tão prontamente nos atendeu, em especial a pessoa da Diany Balduino e Luana Ferreira. Que sempre estavam prontas para nos acolher e esclarecer dúvidas, sempre com sorriso no rosto e uma simpatia ímpar.

Agradeço à coordenação, secretaria e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC, pelo compromisso com a Educação e a pesquisa. Agradeço, especialmente, aos docentes que nos privilegiaram com suas presenças em Caldas Novas, os professores Sandra Richter, Mozart Linhares, Éder da Silva Silveira, Everton Luiz Simon, Moacir Fernando Viegas, Cheron Moretti, Betina Hillesheim e Ana Luíza por oportunizarem momentos enriquecedores de conhecimentos.

Agradeço aos professores Solange Alves de Oliveira Mendes, Cláudio José de Oliveira e Ana Luisa Teixeira de Menezes pela disponibilidade de leitura e de participação nas bancas de qualificação e defesa.

Muito obrigada! Vamos seguindo, e já que temos que ir, não custa ser de forma leve, brincante, lúdica e prazerosa.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Eixos Propostos na Alfabetização.....	43
Tabela 2- Atividade com discentes pré-silábicos no segundo e no terceiro encontro.....	54
Tabela 3- Escrita espontânea de texto ‘Confusão na floresta’.....	64
Tabela 4- Correspondências fonográficas regulares.....	65
Tabela 5- Reconto oral da história ‘Casamento da Dona Baratinha’	79
Tabela 6- Níveis de escrita inicial da turma	86
Tabela 7- Desenvolvimento da escrita <i>Esquilo</i>	90
Tabela 8- Desenvolvimento da escrita <i>Uno</i>	90
Tabela 9- Desenvolvimento da escrita <i>Gato Xadrez</i>	91
Tabela 10- Desenvolvimento da escrita <i>Alienígena</i>	92
Tabela 11- Desenvolvimento da escrita <i>Pirata</i>	93
Tabela 12- Desenvolvimento da escrita <i>Cobra Carol</i>	94
Tabela 13- Desenvolvimento da escrita <i>Ratinho</i>	95
Tabela 14- Desenvolvimento da escrita <i>Sereia</i>	96
Tabela 15- Desenvolvimento da escrita <i>Macaco</i>	97
Tabela 16- Desenvolvimento da escrita <i>Raposa</i>	97
Tabela 17- Análise de Desempenho.....	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PPGEdu - Programa de Pós-Graduação em Educação

SEEDF - Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal

UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

TGD - Transtorno Global do Desenvolvimento

DI - Deficiência Intelectual

CCI - Centro de Criatividade Infante Juvenil

CEEL - Centro de Estudos em Educação e Linguagem

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SEEA - Serviço Especializado de Apoio e Atendimento ao Aluno

IDEB - Dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

TOD - Transtorno Desafiador de Oposição

TEA - Transtorno do Espectro Autista

HD - Doença de Huntington

AH - Altas Habilidades

TPAC - Transtorno do Processamento Auditivo Central

RESUMO

A pesquisa que deu origem a esta dissertação teve como objetivo geral investigar as contribuições da ludicidade no avanço da alfabetização e letramento de estudantes em sala de aula de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos oportunizaram conceituar alfabetização e letramento e o papel exercido na apropriação da escrita, descrever as principais características da ludicidade e como ela pode ser experienciada em sala de aula, estudar e debater a relação entre o uso de jogos didáticos e brincadeiras como estratégias mediadoras no processo de alfabetização e letramento. A minha trajetória de atuação, há 27 anos na educação, serviu como motivação para o estudo com o qual busquei compreender: quais são as possíveis contribuições de intervenções pedagógicas lúdicas para o avanço na alfabetização e letramento em salas de aula? A importância da ludicidade na educação foi abordada, destacando autores como Piaget (1978), Huizinga (2000), Maturana (2004) e Kishimoto (2017). Assim como autores da área da alfabetização e letramento como Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), Arthur Gomes de Moraes (1998) e Magda Soares (2004). Complementarmente foi realizada uma revisão bibliográfica e análise de dissertações sobre o tema na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, tendo como foco as produções realizadas nos últimos cinco anos (2019 a 2023), no Brasil. As ações de pesquisa se constituíram com a realização de observações e intervenções em sala de aula, em uma escola particular do Distrito Federal, situada na cidade satélite de Samambaia, em turmas de reforço de 1º e 2º Ano do Ensino Fundamental, com questionários e sondagens diagnósticas de níveis conceituais linguísticos para avaliar o impacto das intervenções lúdicas na alfabetização e letramento desses estudantes. A metodologia utilizada caracterizou-se como qualitativa, seguindo etapas da pesquisa-ação (Barbier, 2007). As intervenções foram baseadas em jogos, brincadeiras, contação de histórias e outras atividades lúdicas. As conclusões dão conta de que a prática pedagógica realizada promoveu um avanço das crianças e pode contribuir para uma educação de qualidade criativa e significativa, colaborando, ainda, com as concepções de que o lúdico é um elemento essencial no ensino da alfabetização ao possibilitar a aprendizagem de forma suave e prazerosa para as crianças.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento. Ludicidade. Escrita. Leitura. Sala de Aula.

ABSTRACT

The research that gave rise to this dissertation had as its general objective to investigate the contributions of playfulness in the advancement of literacy and literacy levels of students in the classroom. The specific objectives provided the opportunity to conceptualize literacy and literacy and the role played in the appropriation of writing, to describe the main characteristics of playfulness and how it can be experienced in the classroom, to study and debate the relationship between the use of didactic games and games as mediating strategies in the process of literacy and literacy. My trajectory of work, for 27 years in education, served as motivation for the study with which I sought to understand: what are the possible contributions of playful pedagogical interventions for the advancement of levels in literacy and literacy in classrooms? The importance of playfulness in education was addressed, highlighting authors such as Huizinga (2000), Maturana (2004), Kishimoto (2017) and Piaget (1978). As well as authors in the area of literacy such as Emília Ferreiro and Ana Teberosky (1999), Arthur Gomes de Moraes (1998) and Magda Soares (2004). Complementary a bibliographic review and analysis of dissertations on the subject in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations was carried out, focusing on the productions carried out in the last five years (2019 to 2023), in Brazil. The research actions consisted of observations and interventions in the classroom, in a private school in the Federal District, located in the satellite city of Samambaia, in reinforcement classes of the 1st and 2nd year of Elementary School, with questionnaires and diagnostic surveys of linguistic conceptual levels to evaluate the impact of playful interventions on the literacy and literacy of these students. The methodology used was characterized as qualitative, following stages of action research (Barbier, 2007) with ethnographic characteristics of an exploratory and explanatory approach. The interventions were based on games, games, storytelling and other playful activities. The conclusions show that the pedagogical practice carried out promoted an advance of levels among students and can contribute to a creative and meaningful quality education, also collaborating with the conceptions that play is an essential element in the teaching of literacy by enabling learning in a soft and pleasurable way for children.

Keywords: Literacy and Literacy. Playfulness. Writing. Reading. Classroom.

SUMÁRIO

1 EU TENHO CERTEZA QUE MINHAS BONECAS SABIAM LER!	11
2 ENCONTROS E ENCANTOS NA ALFABETIZAÇÃO.....	19
2.1 O ENCANTO DA TEORIA NA ALFABETIZAÇÃO	19
2.2 UMA FONTE DE ENCONTROS ACADÊMICOS.....	20
2.3 ESPAÇO ENTRE O ENCONTRO E O ENCANTO - CCI	27
3 UM CASAMENTO DE LETRAS E HISTÓRIAS	29
3.1 ALÉM DAS LETRAS, A MÚSICA.....	33
3.2 LUDICIAR SERIA UM VERBO, SE BRINCAR FOSSE COISA SÉRIA?	36
3.3 ENTRE PASSOS E SORRISOS: A DANÇA DO ENCONTRO DOS BRINQUEDOS	39
3.4 UNIÃO QUE FAZ DIFERENÇAS	41
4 NAMORANDO PENSAMENTOS.....	42
4.1 ENCONTRO DE OLHARES	45
4.2 A MÚSICA COMEÇA	46
4.3 PRIMEIROS PASSOS.....	87
5 DANÇA DE UMA CONQUISTA.....	101
ÚLTIMA DANÇA.....	102
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e esclarecido	106
APÊNDICE B - Roteiro da Sondagem Diagnóstica de Níveis Conceituais Linguísticos	114
APÊNDICE C - Quebra Cabeça Alfabeto	115
APÊNDICE D - História O Gato Xadrez	116
APÊNDICE F - Imagens das Cartelas do Bingo Gato Xadrez	118
APÊNDICE G - Palavras para Recurso Janelinha.....	119
APÊNDICE H – Caça Palavras	120
APÊNDICE I - Ficha Consciência Fonológica	121
APÊNDICE J - Palavras para Análise do Apêndice I	122
APÊNDICE K - Cartão Conflito Gato Xadrez	123
APÊNDICE L - Cruzadinha Gato Xadrez	124
APÊNDICE M - Cadê Você? Leitura	125
APÊNDICE N - Completar Frases.....	126
APÊNDICE O - Texto Confusão na Floresta	127
APÊNDICE P - Escrita Espontânea.....	130

APÊNDICE Q - Encontre as Sílabas.....	131
APÊNDICE R - Análise Consciência Fonológica.....	132
APÊNDICE S - Cruzadinha Confusão na Floresta	133
APÊNDICE T- Leitura, Desenho e Análise das Palavras	134
APÊNDICE U - Jogo Ceel Palavra dentro de Palavra.....	135
APÊNDICE V - Jogo Ceel Letra Inicial	136
APÊNDICE W - Confeção de Livro e Reconto de Confusão na Floresta.....	137
APÊNDICE X - Desafio C ou QU.....	140
APÊNDICE Y - Texto da Música Bichinhos do Jardim	142
APÊNDICE Z - Acróstico	144
APÊNDICE AA - Cartão Conflito Confusão na Floresta	145
APÊNDICE AB - Cartão Conflito Sílabas	146
APÊNDICE AC - Leitura de Palavras com Iniciais Iguais.....	147
APÊNDICE AD - Jogo Ceel Bingo da Sílabas Inicial	148
APÊNDICE AE - Material Pedagógico para Escrita de Palavras	149
APÊNDICE AF - Jogo Associar Palavras às Imagens	150
APÊNDICE AG - Jogo da Memória Confusão na Floresta.....	151
APÊNDICE AH - Texto Coletivo A Batalha na Ilha dos Sonhos.....	152
APÊNDICE AI - Sequência Ilustrada Casamento da Dona Baratinha	155

1 EU TENHO CERTEZA QUE MINHAS BONECAS SABIAM LER!

Começo contando minha história para explicar como cheguei até aqui, e este título remete muito bem à minha jornada e ao mesmo tempo relaciona com a alfabetização, meu tema preferido. Sou filha de uma família na qual totalizamos seis irmãs. Sou a segunda mais velha. Sempre gostei de brincar, na verdade me considero um ser brincante. Desde pequena gostava de brincar de escolinha e minhas bonecas eram as alunas, arrumava todo o ambiente como uma sala de aula e pelo fato de meu pai ser vigia de uma escola pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, às vezes íamos para lá, eu aproveitava para brincar dentro da sala de aula, lembro que usava a cadeira como apoio para escrever pois não alcançava o quadro de giz, colocava minhas bonecas nas carteiras e dava aula para elas, era a minha brincadeira preferida.

Minha mãe nasceu no ano da inauguração de Brasília, mas por ser de família com poucos recursos financeiros teve que trabalhar desde muito nova como empregada doméstica e, por muito tempo, foi obrigada a dormir no local de trabalho, pois o ganho não permitia retornar para casa diariamente, nos reencontrando apenas nos finais de semana. Então minhas irmãs e eu, ficávamos com minha avó, meu avô e meus tios. Amava estar com meus avós. Mesmo pequenina, lembro de meu avô sentado na cadeira de balanço me contando histórias. Eu ficava sentada no chão, ouvindo com muita atenção. Era um momento mágico para mim. Com certeza contribuiu para minha formação como contadora de histórias. A facilidade que encontro em transformar momentos comuns em inesquecíveis, deve ter nascido nestes encontros com a imaginação e ternura, que só meu avô possuía.

E não deu outra, ouvir histórias fazia a minha cabecinha fervilhar de ideias e o encontro com a escrita e a leitura também foi pura magia. Como tinha uma irmã mais velha, que já sabia ler eu ficava encantada, achava linda aquela mochila colorida, aqueles cadernos com desenhos na capa e os livros. O que será que estava escrito ali? Me atiçava a curiosidade. Mas quando completei sete anos, aconteceu o que eu mais esperava, o momento de ir para a escola pela primeira vez. A educação antes de sete anos não era obrigatória. Era ofertada pela escola particular, porém, com família de pouca renda, isso não era possível. Mas chegando na escola, tive uma professora maravilhosa, ela era linda! Parecia uma fada, voava pela sala como se nem pisasse no chão, costumava usar músicas em nossas aulas de alfabetização, e aquilo encantava mais ainda. Lembro-me até hoje de algumas das músicas aprendidas. Eu amava tudo aquilo e naquele mesmo ano, aprendi a ler. Lia tudo. De revista em quadrinhos até carta de amor que meus tios recebiam das namoradas. Um deles tinha uma caixa cheia de gibis. Eu aproveitava e passava um bom tempo lendo histórias em quadrinhos.

Já um pouco maior, descobri a revista intitulada Superinteressante, que fazia jus ao nome, era ótima pois, no final dela, sempre tinha desafios de raciocínio lógico por níveis. Ficava horas tentando desvendar os enigmas. Pegava também imagens da revista e fazia quebra cabeça. Inventava brinquedos, carrinho de rolimã com meus tios, soltava pipa, e mexia no material de marcenaria do meu avô. Acredito que esta caminhada estava me moldando para que no segundo grau (ensino médio) eu escolhesse fazer o Magistério.

E foi isso que aconteceu. Ao terminar o Curso de Magistério, fui trabalhar em uma escola particular com crianças de 3 anos de idade (maternal) e no ano seguinte, fui para uma turma de alfabetização. Estava muito apreensiva, mas a dona da escola que já me conhecia da Escola Normal me auxiliou por uma semana e depois segui sozinha com a turma. Me apaixonei, pois não precisei mudar nada do que já fazia, segui cantando, contando histórias, brincando, inventando brinquedos e brincadeiras com objetos e com as letras e as crianças iam aprendendo. Logo depois passei no concurso da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEEDF, e continuei com turma de alfabetização em uma cidade satélite de nome Paranoá. Uma comunidade carente. Continuei firme em meu propósito de levar educação de qualidade, com muito carinho e criatividade. Permaneci confiante, mesmo com uma realidade difícil, mas o que me encantava era perceber que crianças são todas iguais, elas gostam de carinho, atenção e de brincar.

Então é assim que sigo trabalhando há 27 anos. Acreditando em uma educação com trocas, com sentidos, com sentimentos. Pois somos seres que sentem, que dialogam, que tem emoções. E ao entrar na escola não deixo de ser quem eu sou, continuo sendo gente com alma e toco outros seres que também possuem alma, que tem suas histórias, seus sonhos, suas esperanças e expectativas.

Acredito em uma perspectiva de valorização da criança como ser pensante. Como criança que gosta de brincar, que gosta das descobertas, que é curiosa. Venho trabalhando e pensando a escola como caminho de busca de pertencimento, de alegria, um lugar de encanto. Por isso defendo a educação nos Anos Iniciais, principalmente na alfabetização por meio da ludicidade.

Os jogos são compreendidos como recursos fundamentais dos quais o ser humano lança mão em seu processo de desenvolvimento, possibilitando a organização de sua cognição e seu afeto, portanto a organização do seu mundo interior na sua relação com o mundo exterior (Piaget, 1990, apud Oliveira, 2010, p. 11).

Para Piaget o ser humano aprende por meio das suas ações e, o conhecimento acontece por meio das atividades. Essa educação significativa, que vai na contramão do decorar e de textos sem significados é um questionamento antigo. Desde o século XVIII, na idade moderna,

quando a concepção de infância é alterada, quando a criança era vista como um adulto em miniatura e passa a ser vista como um ser social com características e necessidades próprias. Com a mudança de compreensão de infância, também é questionada a educação que elas recebem e como recebem.

Destaco de início, dois autores que já se interessavam em mudar a educação naquela época. Um desses é Comenius, considerado o pai da didática. A escola que ele frequentava não era uma das piores, mesmo assim se sentia incomodado por estudar línguas sem nenhum livro de texto apropriado e sendo obrigado a memorizar regras gramaticais ininteligíveis. Então criou Didática Magna pois percebeu que os procedimentos de ensino da sua época eram inadequados, já que não existia metodologia de ensino e nada que fosse atraente para as crianças. Ele estava convencido que para se conhecer o mundo é necessário o cultivo dos sentidos e a relação adequada da linguagem com a experiência. Assim produziu o primeiro livro escolar ilustrado, o *Orbis Pictus* (O mundo em imagens), no qual sua intenção era uma recompilação de todas as coisas do universo e todas as atividades fundamentais da vida em representações visuais.

O outro é Rousseau, que foi um dos precursores a propor a educação como algo que fizesse sentido na vida do sujeito, necessitando de um mediador para construir e desenvolver seu conhecimento. Assim o educando ia consolidando a educação com liberdade e vontade de buscar mais. Para ele a criança deveria ser tratada como criança, agir como tal e aprender no mesmo ritmo. Segundo sua teoria, a brincadeira e os esportes traziam autonomia no aprendizado de linguagem, canto, geometria e aritmética.

Então, procuro destacar que a preocupação em uma educação própria para crianças é discutida há séculos. Desde então os afazeres educacionais vêm sofrendo algumas alterações dentro desta temática, mas quero me deter mais especificamente na alfabetização. Porém vou destacar a palavra “Movimento”. Pois é assim que vejo a educação, um movimento. Tanto para mudar o processo de ensino e aprendizagem, saindo de uma educação rígida, tradicional e sem vínculo com a realidade, movimentando-se para uma educação com sentido, contextualizada. E é nessa linha de pensamento que venho defendendo o movimento da educação, mas quero enfatizar o movimento no sentido de manipular, mexer, pôr a mão na massa, experimentar.

Aqui utilizo a ideia de Larrosa (2014) sobre experiência como algo que nos modifica, nos mexe. Assim, para acontecer a alfabetização e avanços no sistema de escrita alfabética é necessário esse movimento. Movimento de manipular as palavras como se fossem brinquedos, brincar com as letras, trocá-las de lugar, inventar novas palavras. Tratar as palavras como objetos com os quais possam brincar e assim aprender de forma leve e prazerosa.

Complementa essa perspectiva a ideia de Maturana, que aponta a necessidade de

proporcionar momentos para as crianças simplesmente serem elas mesmas a fim de colocar em movimento suas habilidades motoras, num domínio de mútua aceitação e respeito. Mediante o livre viver dos ritmos e das formas espontâneas de seus movimentos, as crianças experienciam a si mesmas, a seus territórios, a seus âmbitos de existência e, de fato, criam o seu entorno (Maturana, 2004, p. 151).

Assim, compreendo que minha pesquisa envolveu aspectos vinculados a uma concepção de docência como acontecimento na sala de aula da Alfabetização. Ou seja, uma docência como experiência de estar com as crianças priorizando e tomando a ludicidade como base das ações e das narrativas que constituem o ensinar e aprender. Percebi que tive que delinear com maior densidade essa perspectiva que se mostrou, como ação bastante próxima de um fazer artesanal coletivo que se movimenta conforme as hipóteses e concepções dos níveis conceituais linguísticos das crianças em relação à língua escrita. Dimensão essa que fui relatando em cada encontro registrando as narrativas que, emergiram nesse processo.

A conexão entre a ludicidade e a alfabetização/letramento, sob a perspectiva dos autores supracitados, demonstra que a ludicidade não é meramente um instrumento pedagógico, mas um aspecto fundamental de toda e qualquer aprendizagem. Quando integrados ao processo de alfabetização e letramento, os jogos aumentam o envolvimento, a criatividade e a formação do saber das crianças. Portanto, uma educação que considera o aspecto lúdico como um componente essencial do processo de ensino e aprendizagem, incentiva e oportuniza o aprender como uma experiência viva, nutrida por metodologias diversificadas e relevantes para todos os participantes dessas ações.

O tema de pesquisa que propus e realizei foi definido como “- Eu tenho certeza que minhas bonecas sabiam ler! Ludicidade e avanço de níveis na alfabetização e letramento em sala de aula,” sendo que o interesse para o estudo veio se configurando ao longo da minha história pessoal e profissional conforme procuro demonstrar neste capítulo. Mas, também guarda relações diretas com algumas referências teóricas e didáticas que procuro mapear, como é o caso do regimento da rede pública de ensino do Distrito Federal, especialmente no Art.38, que trata da Educação Básica e apresenta o objetivo principal como:

proporcionar o desenvolvimento integral do estudante, promover e assegurar formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (Distrito Federal. Regimento interno - SEEDF, 2019, p. 34).

Esse mesmo documento, ao referir-se sobre a avaliação na Educação Básica – Anos Iniciais, no Art. 182, estabelece o seguinte critério:

A avaliação é realizada por meio da observação e do acompanhamento contínuo das atividades individuais e coletivas, com o objetivo de se constatar os avanços obtidos pelo estudante e favorecer o (re) planejamento docente, considerando as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem, bem como a busca de soluções. (Distrito Federal. Regimento interno - SEEDF, 2019, p. 77).

No currículo da SEEDF, intitulado de Currículo em Movimento, a alfabetização, letramento e ludicidade fazem parte dos eixos integradores. Quer dizer que eles deverão estar presentes em qualquer disciplina e conteúdo, nos planejamentos dos professores, devendo articular os mesmos aos aspectos socioculturais, históricos, afetivos, lúdicos e motores em consonância com uma prática voltada a uma escola de qualidade social, que democratize e oportunize o aprendizado. É importante salientar, para além do documento de base legal, que os letramentos e a ludicidade acompanham toda a vida escolar e social, não só o Ensino Fundamental.

Considerando a importância da articulação de componentes curriculares de forma interdisciplinar e contextualizada, o currículo propõe ainda eixos integradores: alfabetização, somente para o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), letramentos e ludicidade para todo o Ensino Fundamental (Distrito Federal. Currículo em Movimento do Distrito Federal. Ensino Fundamental, Anos Iniciais – Anos Finais, 2018, p.21).

A partir dessas, entre outras concepções, procuro destacar a necessidade de abordar esse tema tão relevante e necessário, presente em todos os documentos que orientam a educação. Dessa maneira, venho salientar a questão que direcionou a pesquisa em verificar se, e como, os jogos e brincadeiras podem contribuir nessa etapa de alfabetização. Assim, o brincar aqui não é apenas um brincar por brincar, para passar o tempo, aproveitar um período de término da aula. Embora essa brincadeira também seja intencional, pois as crianças aprendem por meio da interação no recreio, no parquinho e nas brincadeiras. Mas quero destacar um brincar mediado com intencionalidade específica para a alfabetização em sala de aula. É criar possibilidade para que a criança avance no processo de ensino e aprendizagem, com atividades que propiciam uma experiência de plenitude, em que o estudante se envolve por inteiro e por meio da ludicidade, a fim de que aconteça o avanço para a consolidação do sistema de escrita alfabética. E para isso foi (e é) necessário ter conhecimento preciso a respeito dos níveis de escrita em que cada estudante se encontra, para conseguir fazer as intervenções necessárias.

Nesta minha proposta de pesquisa, o objetivo geral foi investigar as contribuições da ludicidade no avanço dos níveis de alfabetização e letramento de estudantes em sala de aula de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos foram conceituar alfabetização e letramento e o papel exercido na apropriação da escrita, descrever as principais características da ludicidade e como ela pode ser experienciada em sala de aula, analisar a

relação entre o uso de jogos didáticos e brincadeiras como estratégias mediadoras no processo de alfabetização.

Justifiquei minha proposta de pesquisa pela convicção no pensamento de que o brincar faz parte do ser das crianças. É brincando que elas tornam do seu corpo (incorporam) o mundo e durante os jogos e brincadeiras realizam várias experiências: são capazes de interagir com outras pessoas, organizar os seus modos de pensar, tomar decisões, desenvolver o pensamento abstrato, criar maneiras diferentes de jogar, brincar e produzir conhecimento. Ou seja, parti da concepção de que é assim que o espaço escolar se transforma em um ambiente acolhedor, em que o processo de ensino e aprendizagem fica mais prazeroso e descontraído.

Nesta perspectiva, o docente exerce o papel de artesão material e intelectual estando atento para evitar normas de procedimentos rígidas. Cria possibilidades para que o aprendiz construa pensamento e gere sua própria autonomia, ou seja, coloca sabor no saber.

Para além de um saber memorizado e usado como um produto pronto, os saberes estão diretamente associados ao processo de construção, e, conseqüentemente, vinculados a um saber fazer, saber como, saber por que, saber para quê, possibilitando o ato de “saborear”, ou conhecer o sabor presente e integrador do processo (Gustsack; Oliveira; Lanzarini, 2024, p.7).

O desafio do professor é colocar o estudante como protagonista de sua aprendizagem, incorporando ações lúdicas alinhadas ao conteúdo que proporcione este aprender de forma dinâmica e autônoma, despertando o interesse e a curiosidade. Segundo Berbel (2011, p. 29, apud Gustsack; Oliveira; Lanzarini, 2024, p.3): “Aprender por meio da problematização e/ou da resolução de problemas de sua área, portanto, é uma das possibilidades de envolvimento ativo dos alunos em seu próprio processo de formação. ”

Assim o ensino e aprendizagem, nessa perspectiva de movimento, com análise de pensamento, construção de saberes é que procurei destacar a experiência. Nesse sentido, conforme Larrosa (2002, p.21-24), a experiência pode ser compreendida como algo que nos passa, mas, para que isso aconteça é necessário ir mais devagar e à alfabetizadora cabe essa função de cuidado, de prestar atenção nos detalhes, suspender o juízo e abrir olhos e ouvidos, sua atenção, para cultivar a arte do encontro que se dá na educação entre docente, estudante e os objetos de conhecimento.

Nessa perspectiva, Maturana destaca uma educação pautada na cooperação e não na competição, aceitando o outro com suas capacidades e limitações. O autor nos apresenta, a partir da biologia, o amor como emoção básica que caracteriza o modo de vida humano. Para ele viver é aprender e aprender é viver, o que configura uma simbiose na qual o amor é o fundamento biológico do humano, pois é “a emoção central na história evolutiva que nos dá

origem” (1997, p. 57). Então, compete à alfabetizadora ter o compromisso de apresentar as compreensões possíveis de determinado conhecimento para que os estudantes possam gerar os seus. Atitude que contribui com a formação desses estudantes tornando-os capazes de gerar outros saberes, a partir de sua reflexão-ação-reflexão e a de seus pares.

Por essas, entre outras razões, defendo a ideia de que o verdadeiro sentido da educação passa pelo respeito ao outro. Ou seja, em toda aula de alfabetização deveria constar a cláusula da alegria e do divertimento. Com certeza seria uma aula mais dinâmica, sem passar a ser sinônimo de indisciplina e falta de respeito. Quando a criança está diante do jogo ela é exposta a refletir, ponderar, examinar, experimentar, elaborar, dominar a inquietude e a preocupação, além de conhecer o próprio corpo.

A metodologia utilizada para a pesquisa que deu origem a este estudo caracterizou-se como qualitativa e foi estruturada conforme com as etapas da pesquisa-ação proposta por Barbier (2007). Essas etapas incluem: Identificação do Problema; Planejamento da Ação; Implementação da Ação; Observação e Coleta de Dados; Reflexão e Análise; Replanejamento e Novas Ações. A pesquisa qualitativa busca aprofundar a compreensão de fenômenos sociais e culturais a partir de uma perspectiva interpretativa, e a pesquisa-ação destaca-se como uma estratégia que integra investigação e prática, permitindo que os pesquisadores atuem diretamente nas realidades que analisam.

Conforme mencionado por Barbier (2007), essa abordagem é caracterizada pela intersecção entre reflexão e ação, envolvendo ativamente os estudantes participantes da pesquisa. Isso possibilitou uma compreensão das realidades vividas pelos indivíduos, contribuindo para o aprimoramento das minhas práticas pedagógicas de maneira mais contextualizada e significativa. Ao empregar essa metodologia, não apenas coletei dados, mas também me engajei em um processo de interpretação e construção de conhecimento que respeita e valoriza as vozes dos participantes. Essa interação não só enriqueceu os resultados da pesquisa, como favoreceu um ambiente de aprendizado colaborativo e reflexivo, gerando uma transformação auto-eco-organizativa (Morin, 2015).

Nessa minha busca por estudar e conhecer mais a fundo esse imenso e complexo campo da educação, muitas vezes me percebi como uma dançarina ensaiando os passos de uma sinfonia e cada capítulo desta dissertação foi se transformando em um encontro mágico comigo mesma, com meus próprios pensamentos. Mas, mais importante ainda é que essa percepção alargou meu olhar principalmente para aqueles espaços onde as crianças, como dançarinas em um grande salão, se aproximam do universo encantado das letras. Assim, a metáfora do encontro, que perpassa os títulos desses capítulos, não é apenas uma figura de linguagem; é o

fio que tece as relações mais profundas entre os pequenos e o vasto mundo da leitura, culminando em uma dança majestosa que celebra o aprendizado para elas e para mim.

O primeiro ato desta jornada inicia-se com o tema: "Eu tenho certeza que as minhas bonecas sabiam ler!" Aqui, compartilho como minha infância e as brincadeiras se entrelaçavam, formando uma coreografia que impulsionou tanto meu processo de alfabetização quanto minha trajetória como alfabetizadora. Cada risada e cada história contada eram passos prazerosos que me conduziam ao conhecimento.

No segundo ato, "Encontros e encantos na alfabetização", apresento as justificativas que sustentam essa dança. Esse capítulo objetiva levar a um espaço mágico, onde o encontro e o encanto se entrelaçam, criando um ambiente de aprendizado que pulsa com a vida e a curiosidade das crianças.

No terceiro ato, "Um casamento entre letras e histórias", enfatizo a importância da ludicidade no processo de alfabetizar letrando. Aqui, esses elementos se entrelaçam como parceiros de dança, mostrando que aprender pode ser uma experiência alegre e envolvente.

No quarto ato, "Namorando pensamentos", revelo a metodologia que possibilitou minha pesquisa. Relato os primeiros passos dados, as aulas realizadas, cada movimento cuidadosamente planejado para que o aprendizado das crianças e minhas ações de refletir a esse respeito se tornasse uma dança harmônica e fluida.

E assim, chegamos ao *grand finale*: "Dança de uma conquista". Nessa conclusão, celebro não apenas os resultados da pesquisa, mas a beleza e a emoção de cada encontro que ocorreu ao longo do caminho. Juntos, os passos dados e as histórias vividas formam uma dança majestosa que reverbera nas memórias e corações das crianças, assim como no meu¹. Esta dissertação, para mim, não é apenas um estudo; é uma celebração da dança do aprender, na qual cada letra, cada palavra, e cada encontro se transforma em uma expressão de amor pelo conhecimento.

¹ Aqui lembrei do que disse Adélia Prado (2018), em seu poema "Para o Zé": "o que a memória ama fica eterno [...] imperecível".

2 ENCONTROS E ENCANTOS NA ALFABETIZAÇÃO

2.1 O ENCANTO DA TEORIA NA ALFABETIZAÇÃO

O lúdico tem relevância social pois consta em todos os documentos normativos da Educação Básica. Aparece no Currículo em Movimento (2018), Lei de Diretrizes e Bases – LDB (1996), Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) e nos cadernos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa PNAIC (2012). A LDB destaca que o objetivo da Educação Infantil é desenvolver o educando de forma integral. Seguindo essa ideia, a BNCC afirma que o brincar é fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Na brincadeira a criança consegue socializar-se com adultos e seus pares através de experiências lúdicas.

A BNCC do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. esse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo (Brasil, 2018, p. 57).

Segundo Castro (2017), em seu artigo sobre a ludicidade e educação, alguns autores vêm analisando o termo ludicidade em diferentes áreas do conhecimento. Eles permitem inferir significados que podem estar relacionados com prazer ou desprazer, jogo, brincadeira, criatividade, imaginação, fantasia e estratégia. Destaca ainda que na educação brasileira esse termo, ludicidade, vem relacionado à educação das crianças citando também que os fundamentos do Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa - PNAIC ressaltam que as atividades lúdicas possibilitam às crianças reconstruírem criativamente sentimentos e conhecimentos e edificam novas possibilidades de interpretação do mundo.

Ainda nesse sentido, vale lembrar que o Currículo em Movimento (SEEDF, 2018), aponta que se a ludicidade for incorporada na prática pedagógica, disponibiliza a interação entre as crianças e seus pares, com as mesmas e os adultos, como instrumento de promoção da imaginação, da exploração e da invenção de conhecer aquilo com que brincam e o resultado dessa mesma ação de brincar para o seu sentimento. Associada a essa ideia, compreendo que a apresentação do mundo por meio da linguagem tem uma característica lúdica, porém o lúdico não remete apenas a jogos e brincadeiras, mas abrange uma dimensão do simbólico. E, o simbólico “é imaginação, no sentido original do termo” (Huizinga, 2000, p. 17).

2.2 UMA FONTE DE ENCONTROS ACADÊMICOS

Em consonância com a linha de pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, justifico a vinculação deste projeto de dissertação, pois entendo que nas temáticas da Educação Básica, em especial dos Anos Iniciais, período da alfabetização, a aprendizagem ocorre por meio de um processo de invenção. Isto é, da capacidade criativa própria de cada indivíduo em sua relação com o mundo, de maneira integral, utilizando a imaginação e assim elaborando sentidos de si e do mundo.

Além disso, a dissertação apresentada está em coerência com os compromissos institucionais, pois a linha de pesquisa se define como:

A educação como experiência de ensinar e aprender na criação de si e do mundo. Estudos de diferentes dimensões da linguagem, das tecnologias e da interculturalidade no campo da educação, considerando a inseparabilidade do imaginar e do viver as escolas e demais contextos educativos (UNISC-PPGEdu, 2023, online).

Visando me situar em relação aos conhecimentos produzidos acerca do tema realizei uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), em agosto de 2023. Considerei o período de 2019-2023, tomando como critério os últimos cinco anos, em alusão à validade da produção científica de egressos dos cursos de pós-graduação stricto sensu adotados pela CAPES. No primeiro momento da pesquisa, recorri ao descritor: ‘o lúdico na Educação Infantil’, encontrando 197 trabalhos, sendo 162 dissertações e 35 teses. Mas quando passei a pesquisar ‘o lúdico na alfabetização’ o número diminuiu para quase menos da metade do volume anterior, totalizando 83 trabalhos. Esses se constituem de 74 dissertações e 9 teses. Continuando a aplicar mais filtros, acrescentei ‘o lúdico como avanço na Educação Infantil’ e o sistema não encontrou nada.

Repeti o mesmo comando modificando o nome Educação Infantil para alfabetização e a resposta foi a mesma, nada. Resolvi substituir a palavra avanço por ‘intervenção’ ficando assim, ‘o lúdico como intervenção na Educação Infantil’. O resultado passou a ser 27 pesquisas, sendo 23 dissertações e quatro teses. Após, repeti a busca inserindo a palavra ‘alfabetização’, (o lúdico como intervenção na alfabetização) e o resultado passou a ser 21 pesquisas, sendo 19 dissertações e duas teses. Então coloquei mais um filtro (o lúdico como intervenção na Educação Infantil “sala de aula”) e consegui seis pesquisas todas sendo dissertações, nenhuma tese. Por fim, coloquei o mesmo filtro para a alfabetização e consegui nove pesquisas. Na verdade, como uma se repete, totalizei apenas oito, todas sendo dissertações e nenhuma tese.

Fiz essa comparação entre a Educação Infantil e alfabetização, que envolve os Anos Iniciais, para mostrar que quando estamos falando de crianças pequenas na idade de Educação

Infantil, logo associamos ao brincar e esquecemos que na idade de alfabetização, nos Anos Iniciais, de seis a nove anos, também são crianças, gostam de brincar e aprendem brincando. Porém cabe ressaltar que essa etapa da Educação Infantil, não é prioridade o ensinar a ler e a escrever, tampouco uma pauta que avança no país. Há uma visão de que trabalhar leitura e escrita é criar prontidão para a alfabetização. Essa premissa foi evidenciada nos filtros aplicados em que aparecia essa articulação entre alfabetização e Educação Infantil. Todavia parece ocorrer uma ruptura nessa transição, sendo que o brincar fica um pouco adormecido, mas vou me deter ao resultado da alfabetização.

Nas oito dissertações encontradas com o descritor “o lúdico como intervenção na alfabetização em sala de aula”, percebi que é um tema que está presente em outras áreas do conhecimento como linguística, letras e artes, indo além da área da educação. Assim, organizei o quadro abaixo também com o intuito de demonstrar um pouco como esse tema vem sendo desenvolvido nas diferentes áreas.

Quadro 1- O lúdico como intervenção na alfabetização na sala de aula

Nº do trabalho	Autores (quem produziu)	Ano de defesa	Título do trabalho	Tipo (dissertação ou tese)	Local (universidade)	Tema Área do conhecimento
01	RODRIGUE S, Susane Andradde	2019	Marcas de autoria em turma de alfabetização sob a perspectiva da AD francesa	Dissertação	Universidade Federal do Pampa	Mestrado Profissional em Ensino de Línguas CNPQ > Letras , Linguística e Artes
02	OLALLA, Camilo Ernesto Subenko	2019	Kalulu: adaptação e avaliação do jogo digital para a alfabetização e aritmética básica	Dissertação	Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Neurociência e Cognição, São Bernardo do Campo, 2019.	Programa de Pós-Graduação em Neurociência e Cognição, São Bernardo do Campo Pós-Graduação em Neurociência e Cognição — Mestrado.
03	CARDOSO, Fabiana Moreira	2019	Letramento literário: práticas envolvidas nos	Dissertação	UFTM Universidade Federal do Triângulo	Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede

			mitos e lendas		Mineiro	Nacional
04	KLIPAN, Camila Gonçalves	2019	Discutindo ciência, tecnologia e sociedade com crianças pela mediação de obras de arte	Dissertação	Universidade Tecnológica Federal do Paraná Ponta Grossa	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia
05	LIMA, Joyce dos Santos	2020	Ah! Amada Amanda: a contação de história como subsídio para trabalhar a supressão da consoante nasal em posição de coda silábica	Dissertação	UFS Universidade Federal de Sergipe	Pós-Graduação Profissional em Letras
06	COSTA, Luis Gustavo da Silva	2021	Estratégias de ensino colaborativo como uma proposta de Atendimento Educacional Especializado – AEE	Dissertação	Unesp	Docência para a Educação Básica — FC
07	MARINELI, Rodrigo Chechi	2021	Instrumento lúdico para o ensino-aprendizagem de Ciências e Tecnologias na Educação de Jovens e Adultos: a plataforma Edmodo	Dissertação	Unesp	Pós-graduação Docência para a Educação Básica — FC
08	LEMOS, Flávia Ferreira	2021	Intervenção na consciência fonológica e vocabulário expressivo em crianças de baixa renda em fase de alfabetização	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia

Fonte: Autoria própria, 2025.

Pude observar, com esse quadro de base de dados pesquisados, que muitos artigos têm sido escritos sobre a ludicidade na alfabetização. Considero esse dado bastante favorável, pois quando aparece o lúdico os processos de ensino e aprendizagem na alfabetização parecem ter apresentado avanços importantes, conforme procuro mostrar a seguir.

A dissertação intitulada “Marcas de autoria em turma de alfabetização sob a perspectiva

da AD francesa” escrita por Susane Andrade Rodrigues, teve por objetivo:

Analisar se os sujeitos-alunos em etapa de alfabetização, no 1º ano do ensino fundamental, produzem gestos de interpretação singulares, dentro de suas próprias formulações de sentido por meio de uma intervenção ocorrida em sala de aula, com material didático produzido sob o viés discursivo.

Rodrigues utilizou a abordagem teórica da Análise do Discurso de perspectiva pecheutiana. Justifica sua escolha por acreditar que a língua não é homogênea e transparente, e que proporcionando possibilidades com o lúdico o educando assume a função-autor. Permitindo um trabalho com a filiação em outras formações discursivas, foi possível observar que gestos de interpretação singulares são possíveis de serem produzidos e ao mesmo tempo há a ruptura com o estabilizado e, assim, o favorecimento ao estudante para que desenvolva a autoria.

A dissertação intitulada “Kalulu: adaptação e avaliação do jogo digital para a alfabetização e aritmética básica”, de autoria de Camilo Ernesto Subenko Olalla, teve o objetivo de traduzir e adaptar o Kalulu² para o Português e ajudá-lo em uma escola pública, visando avaliar a experiência dos usuários pré e pós intervenção com o jogo, analisando a satisfação de leitura e escrita. Chegou à conclusão de que o resultado foi positivo para a maioria das crianças, na compreensão do jogo, diversão e jogabilidade. Isso foi aplicado dentro da rotina diária de uma sala de aula, sem alterar o conteúdo curricular próprio daquele ano letivo. Professora e coordenação sinalizaram como positivo e pode ser um indicador de possibilidades para incluir games na rotina escolar em sala de aula.

A dissertação, número três, que aparece em nosso quadro, intitulada “Letramento literário: práticas envolventes nos mitos e lendas”, de autoria de Fabiana Moreira Cardoso, teve o objetivo de colaboração do letramento literário de estudantes do 7º Ano do EFII. Utilizou a metodologia da pesquisa-ação, pautada nos pressupostos de Thiollent (2011), para participar da ação interventiva, acompanhar o processo de letramento literário e intervir nele de acordo com as exigências apresentadas em cada etapa de todo o processo. Percebeu nos resultados obtidos que houve uma melhora significativa no processo de letramento literário dos estudantes.

² É um jogo educativo desenvolvido na França, projetado para ajudar na alfabetização de crianças. O jogo foca na decodificação de grafemas e fonemas, introduzindo cada correspondência de forma explícita. Ele é baseado no banco de dados **Manulex**, que contém informações de 54 livros infantis. O objetivo é tornar o aprendizado de leitura mais lúdico e eficaz, com a mediação mínima do professor. Cf.: Olalla, C. E. S. (2019). *Kalulu: Adaptação e avaliação do jogo digital para a alfabetização e aritmética básica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do ABC (UFABC). Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFBC_0b95f8bca81240d83e7a52a8937582aa. O banco de dados **Manulex** é uma base de dados francesa desenvolvida por Ronald Peereman e Bernard Lété no Laboratório LEAD da Universidade de Burgundy. Ele é projetado para estudar o desenvolvimento do léxico mental em crianças, especialmente no contexto da alfabetização. O Manulex contém informações sobre a frequência e o uso de palavras em livros infantis, ajudando pesquisadores a entender como as crianças constroem seu vocabulário escrito através da exposição à leitura.

Entendeu que as atividades lúdicas propostas tiveram resultado positivo na intervenção e a maioria dos estudantes se envolveram com as atividades propostas de forma espontânea. Foi considerado que trabalhar com elementos lúdicos é uma opção para despertar leitores que demonstram pouco interesse por textos literários. Apesar de ser uma turma do Ensino Fundamental 2, cabe ressaltar que foi possível uma aula lúdica mesmo com crianças maiores, com idade entre 11 e 13 anos de idade com resultados positivos e envolvimento dos estudantes.

A dissertação intitulada “Discutindo ciência, tecnologia e sociedade com crianças pela mediação de obras de arte”, de autoria de Camila Gonçalves Klipan, teve o objetivo de “investigar as potencialidades da utilização de pinturas clássicas para mediar o ensino de ciências em um enfoque CTS para a educação infantil, visando a alfabetização científica e tecnológica.” Klipan utilizou a metodologia qualitativa e de intervenção. Destaca que a composição pinturas clássicas, ensino de ciências, CTS e ACT foi compatível para a prática e pesquisa, pois necessitou de muita inventividade em propor conteúdos de maneira diferenciada, levando-os ao estudo na área de arte e ciência e o resultado foi um modelo diferenciado para ensinar e aprender ciências, a autora utilizou quebra-cabeça, cartazes ou vídeos, realizaram visitas e as crianças demonstraram alegria, o trabalho realizado foi pensando em unir ludicidade da arte e cultura científica com o foco na discussão em sala de aula.

A dissertação intitulada “Ah! Amanda: a contação de história como subsídio para trabalhar a supressão da consoante nasal em posição de coda silábica”, de autoria de Joyce dos Santos Lima, teve por objetivo “despertar a consciência fonológica em seus diferentes níveis (fonêmica, silábica e intrassilábica) nas crianças do 1º ano da EMEF Dom Pedro II, de forma a ajudá-las a terem sucesso na alfabetização.” Além deste objetivo os docentes alfabetizadores queriam investigar a relação entre a produção escrita e a oral. Utilizaram algumas etapas na metodologia, primeiro teste de sondagem, análise de dados da primeira sondagem, segundo teste de sondagem. Perceberam que havia uma conservação e a partir daí surge a ideia de criação de atividades lúdicas incluindo a contação de história referente a consoante nasal. Depois foi realizado um novo teste e comprovaram uma redução significativa no número de apagamentos.

A dissertação intitulada “Estratégias de ensino colaborativo como uma proposta de Atendimento Educacional Especializado - AEE” de autoria de Luis Gustavo da Silva Costa, teve o objetivo de “analisar a aplicação e o estudo de estratégias de Ensino Colaborativo como uma proposta de Atendimento Educacional Especializado – AEE, a partir dos aportes teóricos da temática em questão e das percepções e concepções dos envolvidos”. Utilizou a metodologia de abordagem qualitativa, com característica de pesquisa-ação participante. Houve um atendimento direto em sala de aula, o que auxiliou a professora regente que declara satisfação

em trabalhar de modo colaborativo, enfatizando que enriquece o ensino e aprendizagem e é uma estratégia assertiva para a inclusão e avanços dos estudantes. A partir das intervenções em língua portuguesa e matemática devido à dificuldade apresentada por uma estudante com deficiência, criaram a caixa de jogos, oportunizando a construção de conhecimentos de maneira lúdica e prazerosa.

A dissertação intitulada “Instrumento lúdico para o ensino-aprendizagem de Ciências e Tecnologias na Educação de Jovens e Adultos: a plataforma Edmodo”, de autoria de Rodrigo Chechi Marineli, teve como objetivo geral:

avaliar o uso das TDIC e suas possibilidades de aprendizagem quanto ao ensino de Ciências com os estudantes da EJA no município de Barra Bonita – SP. Os objetivos específicos foram definidos em identificar questões relacionadas às TDIC em sala de aula e como utilizá-las para o ensino-aprendizado, investigar o letramento digital dos estudantes da EJA; analisar as contribuições do ensino de Ciências na EJA e investigar de forma intergeracional quanto ao uso das TDIC com os estudantes do quinto ano e EJA.

A metodologia utilizada foi uma abordagem qualitativa tendo como fio condutor a pesquisa de campo e pesquisa intervenção. A pesquisa apresentou algumas etapas além da revisão de literatura, foi necessário conhecer a plataforma Edmodo e suas funcionalidades, coleta de dados e observação do contato dos estudantes da EJA na plataforma virtual Edmodo. Ao final foi produzido um e-book intitulado “Semeando saberes on-line” com diversas atividades de Ciências e um jogo de tabuleiro “Ciências em Ação”. O autor chega à conclusão que é necessário a inclusão de TDIC e Ciências na grade curricular da EJA, com o foco no letramento digital e alfabetização científica³ proporcionando aos estudantes uma formação transformadora, libertadora, crítica e significativa.

A dissertação intitulada “Intervenção na consciência fonológica e vocabulário expressivo em crianças de baixa renda em fase de alfabetização” de autoria de Flávia Ferreira Lemos teve o objetivo de verificar a efetividade da intervenção em consciência fonológica e vocabulário expressivo em crianças com baixa renda no início da alfabetização. Para tanto Lemos utilizou do método de estudo intervencional, longitudinal, retrospectivo e documental. O estudo demonstrou a eficácia de um programa de intervenção em consciência fonológica e vocabulário expressivo desenvolvido no ambiente escolar e como esse estímulo pode impactar

³ A adoção da expressão Alfabetização Científica por pesquisadores da área (Lorenzetti & Delizoicov, 2001, Sasseron & Carvalho, 2011), sustenta-se no entendimento do processo de alfabetização como concebido por Paulo Freire (2014), ou seja, um processo que não se vincula apenas a ações dos sujeitos em decifrar e dominar códigos escritos, e que se concretiza por meio e a partir da autoformação manifestada como agência para análise de situações e contextos.

positivamente a aprendizagem de escolares, principalmente de níveis socioeconômicos mais baixos, nas práticas acadêmicas dos professores. Assim, possibilita o planejamento e formulação de políticas públicas que possam contribuir com o processo de aprendizagem, além da importância da inserção do fonoaudiólogo no ambiente escolar.

Diante do que foi apresentado, percebo que há uma redução dos espaços do brincar, nos contextos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, mesmo que tenha aparecido pesquisas no Ensino Fundamental 2 e Educação de Jovens e Adultos, ainda é um número pequeno e quando este ocorre é para um determinado conteúdo, mas esquecemos que ainda são crianças que estão na fase de alfabetização e carregam em si a fantasia, o encanto da descoberta, a vontade de manipular objetos, criar estratégias e o brincar é essencial para o seu desenvolvimento integral. O lúdico e o letramento perpassam toda a nossa vida escolar, ultrapassa a fase de anos iniciais demonstrando a grandeza dessa habilidade no ser humano.

E, para proporcionar essa alegria de uma aula mais dinâmica, trazemos o lúdico na alfabetização com a incorporação de jogos, brincadeiras, contação de histórias, cantigas de roda, músicas, enfim, tudo que tem relação ao universo infantil, pois potencializa o processo de pensar nas aulas e as crianças aprendem brincando. Na prática da contação de histórias, por exemplo, as crianças se identificam e libertam sua imaginação, o que lhes proporciona compreensões de mundo.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (Abramovich, 1989, p. 16).

Todos os documentos reguladores relacionados à educação e em especial à alfabetização, conforme explicito a seguir, deixam evidente que é necessária a incorporação de jogos e brincadeiras como intervenções no processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

Na faixa etária de seis a dez anos, as crianças se destacam por sua curiosidade, questionamentos e sociabilidade. Elas possuem uma imaginação vibrante e um forte desejo de aprender, tornando o lúdico uma parte essencial dessa fase da vida. Independentemente das circunstâncias em que vivem, buscam referências que ajudem a formar seus princípios, fundamentais para enfrentar os desafios do dia a dia. Esse período é crucial para o desenvolvimento da capacidade de simbolizar, perceber e compreender o mundo ao seu redor e suas diversas culturas. Por meio das interações sociais, as crianças começam a estruturar suas formas de pensar e agir, além de construir sua autonomia e identidade. Dessa forma, a

aprendizagem se expande quando se trabalha de maneira significativa o sistema de escrita (alfabetização) em conjunto com as práticas sociais de leitura e escrita (letramento). Esse processo ocorre de forma prazerosa e criativa, utilizando jogos, brincadeiras e brinquedos, que são a essência da ludicidade. (Distrito Federal. Currículo em Movimento - SEEDF, 2019, p. 10).

2.3 ESPAÇO ENTRE O ENCONTRO E O ENCANTO - CCI

A escola na qual fiz a pesquisa está situada na cidade satélite do Distrito Federal de nome Samambaia. É nomeada de Centro de Criatividade Infanto Juvenil (CCI), tendo 29 anos e seu objetivo geral é a efetivação da aprendizagem para todos os estudantes. O CCI foi fundado em 1996 pela Sociedade Educativa Braga e Elói Ltda, sendo uma iniciativa de um grupo de educadores que tinham o interesse em proporcionar uma educação de qualidade. Assim, foram implantadas, progressivamente, a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Em 2005, com o ingresso dos alunos na oitava série, tornou-se indispensável a criação do Centro de Educação

Avançada do CCI para atender ao Ensino Médio, com a utilização da mesma estrutura física e instrucional do CCI. Já em 2015, a escola disponibilizou a jornada escolar ampliada – JEA, além das aulas regulares em turno único. Atualmente, seus estudantes usufruem de uma formação sólida permitindo-lhes pesquisar, analisar, discernir e tomar decisões com base em princípios cívicos e éticos. Essas informações foram retiradas do portal CCI e com conversas com a equipe gestora da escola.

Nessa caminhada de 28 anos de história, a instituição conquistou parcerias expressivas e devido a isso, tornou-se possível o desenvolvimento de projetos de raciocínio lógico (Mind Lab Brasil), de educação ambiental (realizado no CLAT), tecnológica (Robótica), empreendedora (Jovens Empreendedores Primeiros Passos), emocional (Escola da Inteligência), profissional (OPA), dentre outros. A escola foi se destacando na Educação de Samambaia e do DF, com uma equipe de mais de 300 colaboradores, que trabalham com dedicação, compromisso e responsabilidade. A instituição segue uma linha pedagógica que contempla diversas formas de aprendizado para que os estudantes sejam bem-sucedidos em todas as áreas: pessoal, profissional e acadêmico. Com parcerias significativas com o Sistema Positivo, atualmente a escola atende 2.290 estudantes da Educação Infantil ao Ensino Superior e Escola Técnica.

O CCI oferece até 35 horas/aulas semanais sendo uma ampla gama de horários e atividades para atender às necessidades dos estudantes. No período matutino, as aulas acontecem de segunda a sexta-feira, das 07h30 às 12h00, abrangendo todos os estudantes. Já

no período vespertino, as aulas são realizadas em duas tardes, das 13h30 às 18h00, de acordo com o horário da turma ou conforme o Itinerário escolhido. Além disso, há atividades remotas (online) que seguem um horário específico estabelecido para cada turma. Para os jovens do 9º ano, são disponibilizados Programas Eletivos que seguem o modelo dos Itinerários Formativos, proporcionando uma formação mais diversificada. O CCI também oferta cursos técnicos, como Técnico em Enfermagem, Técnico em Segurança do Trabalho e Técnico em Radiologia, ampliando as possibilidades de formação profissional para os estudantes.

Recentemente o Grupo Educacional CCI resolveu crescer no ramo educacional e incluiu o Ensino Superior nos serviços oferecidos à comunidade, uma vez que já está consolidado na oferta de Educação Básica, há 25 anos. Assim, a Instituição de Ensino Superior (IES) oferece uma variedade de cursos autorizados, contando com uma ampla estrutura física e pedagógica. Entre os cursos disponíveis, estão Pedagogia, com duração de 4 anos; Administração, também com duração de 4 anos; Enfermagem, que possui duração de 5 anos; Análise e Desenvolvimento de Sistemas, com duração de 3 anos; e Psicologia, com duração de 5 anos.

Essas informações que relatam como funciona esse local mágico, foi retirada em uma conversa com uma das gestoras que apresentou o regimento interno da escola da escola e algumas vezes se direcionou ao site portal CCI. Esses dados me permitiram verificar que a escola CCI tem compromisso com a educação e demonstra interesse no aprendizado do estudante. A escola teve a proposta de melhorar na alfabetização com projetos de leitura e escrita, além do projeto de reforço que acontecia duas vezes por semana para estudantes que apresentavam alguma dificuldade de aprendizagem. Por essa razão, entre outras, escolhi essa escola para realizar a pesquisa que deu origem a esta dissertação.

A realização da pesquisa na escola CCI foi possível pois acredito que a alfabetização é uma viagem fascinante pelo universo das letras e das palavras, onde cada criança foi convidada a explorar a sua curiosidade de uma forma divertida. O aprendizado transformou-se em uma grande aventura, utilizando jogos, contação de histórias e atividades criativas para despertar a imaginação e a alegria de aprender. Vivenciando experiências brincantes com a leitura e a escrita.

3 UM CASAMENTO DE LETRAS E HISTÓRIAS

A criação da escrita pela humanidade foi sendo tecida, também, com a invenção das regras para melhor identificar o que está escrito e entender como esse sistema funciona. E, para que continue a ser pensado e compreendido tornou-se necessário ensinar as novas gerações. Caso isso não aconteça, a escrita tenderá a tornar-se um sistema inócuo e, portanto, sem possibilidade de decifrar ou compreender o que está escrito. A ideia de que nos tempos antigos apenas sacerdotes, reis ou grandes estudiosos dominavam a escrita é estranha e equivocada. Afinal, a escrita é um fato social, uma convenção, e não há possibilidade de sobreviver às custas de alguns.

A história mostra isso, pois quando o faraó enche as paredes e pilares de texto e apresenta publicamente, ele certamente não acha que seja a melhor maneira de manter um segredo de estado. Ao ler seus ordenados o interlocutor é o próprio povo. Os códigos de leis, que eram expostos em praças públicas, eram necessariamente lidos por todos para saberem sob quais leis viviam e como deveriam se comportar em sociedade.

Assim podemos perceber que a alfabetização emerge na Antiguidade por meio de representações gráficas. Cagliari ilustra bem esse fato utilizando uma alegoria, ao dizer que:

quem inventou a escrita foi a leitura: um dia, numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando, animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano. Certo dia recebeu a visita de alguns amigos que moravam próximo e foi interrogado a respeito dos desenhos. Queriam saber o que representavam aquelas figuras e por que ele as tinha pintado nas paredes. Naquele momento, o artista começou a explicar os nomes das figuras e a relatar os fatos que os desenhos representavam. Depois, à noite, ficou pensando no que tinha acontecido e acabou descobrindo que podia "ler" os desenhos que tinha feito. Ou seja, os desenhos, além de representar objetos da vida real, podiam servir também para representar palavras que, por sua vez, se referiam a esses mesmos objetos e fatos na linguagem oral. A humanidade descobria assim que, quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho; mas, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma de escrita (Cagliari, 1999, p.13, 14).

A escrita que conhecemos hoje é fruto de uma longa caminhada, pois na Antiguidade o ensino da leitura e da escrita enfatizava apenas o domínio do alfabeto, começando com o reconhecimento oral do nome de cada letra, porém era um processo repetitivo e demorado sem preocupação de contextualizar com os significados das palavras lidas. Os estudantes aprendiam a identificar as letras de forma oral e, posteriormente, eram submetidos a um procedimento repetitivo que privilegiava a memorização e a reprodução de textos.

Segundo Rizzo (2005), esse era o segredo da alfabetização, o processo de leitura e cópia, ou seja, os estudantes aprendiam a ler algo escrito e depois copiavam ou somente transcreviam.

Em seguida passa a ser vista como um código, nessa perspectiva, para aprender a ler e escrever, bastaria possuir habilidades perceptivas e motoras, tais como discriminação visual, auditiva, coordenação motora fina, entre outras. O esforço cognitivo do estudante se limitava a memorizar o nome e a forma das letras, além de decorar os sons que elas iriam substituir. Portanto, o aluno se tornava alfabetizado ao repetir as correspondências som-grafia apresentadas pela cartilha, seja através da memorização das famílias silábicas ou pela leitura de palavras que iniciam com uma relação fonema-grafema.

Muitas crianças conheciam o significado das letras, decoravam todas as sílabas, mas persistiam sem entender "como as letras funcionavam". Até chegar a ser considerada, atualmente, como um sistema notacional. Entretanto cabe destacar que, para o iniciante na escrita alfabética, as "regras de funcionamento" ou propriedades do sistema são importantes. Todavia, as informações do sistema ainda não estão "à disposição", "entregues" ou "prontas" na sua mente. Inicialmente, ele desconhece o funcionamento das letras, ou possui uma perspectiva ainda distinta daquela que nós, adultos alfabetizados, adotamos como a única viável, sobre esse aspecto, falaremos mais adiante.

No Brasil, a alfabetização está vinculada a métodos de ensino que têm gerado algumas teorias e didáticas para resolver o desafio das crianças em aprender a ler e a escrever. Os principais métodos de alfabetização utilizados foram os sintéticos, cujo princípio se baseava em partir de elementos simples, como letras ou sílabas e vão formando palavras e frases; os analíticos, que partiam de uma análise geral da frase ou texto para depois chegar nas unidades menores, a sílaba; e, o método fonético, que procura fazer a criança internalizar padrões regulares de correspondência entre som e soletração.

O que esses métodos tinham em comum era a perspectiva empirista associacionista, não a aprendizagem convencional do sistema de escrita. Então, pode-se dizer que até os anos 80 no Brasil, eles eram utilizados de forma alternadas, oscilavam entre um e outro. Mas a partir da década de 80, com a abordagem psicogenética da aprendizagem da língua escrita difundida entre as alfabetizadoras, principalmente na atuação formativa de Ferreiro, com o nome de construtivismo, essa abordagem representou uma mudança significativa nos pressupostos e metas no campo da alfabetização, uma vez que modificou profundamente a visão do processo de aprendizado e eliminou a distinção entre o aprendizado do sistema de escrita e práticas eficazes de leitura e escrita, porém cabe ressaltar que a teoria da psicogênese da língua escrita não se constitui em métodos de ensino da leitura e da escrita. Tal mudança de paradigma possibilitou identificar e elucidar o processo pelo qual a criança forma a ideia de língua escrita como um sistema de representação dos sons da fala por meio de sinais gráficos, ou seja, o

processo pelo qual a criança se torna alfabética. No entanto é importante sublinhar que uma criança numa hipótese alfabética ainda não está alfabetizada. O conceito de alfabetização também passou por mudança, não é apenas codificar e decodificar símbolos, mas compreender e utilizar a língua escrita em contextos sociais. Assim o processo de alfabetização ocorre com a interação intensa e variada da criança com práticas e recursos reais de leitura e escrita, para que o processo de conceitualização da língua escrita possa ocorrer.

Como resultado do construtivismo ter ganhado força e ter demonstrado processos naturais de entendimento da escrita pela criança, por não julgar os métodos que se concentravam no ensino direto e explícito do sistema de escrita e ser essencialmente uma teoria psicológica, e não apenas pedagógica, ele não apresentou uma metodologia de ensino. Assim, no processo de ensino, os docentes foram induzidos a acreditar que, mesmo com sua natureza convencional e tradicional, eles poderiam ser eficazes. Em uma frequência aleatória, a criança construiria as conexões entre a fala e a escrita de maneira acidental e assistencial, resultado natural da sua interação com diversas práticas de leitura e escrita realizadas por meio de atividades de letramento, prevalecendo assim sobre as atividades de alfabetização. Assim, em seus inícios, o construtivismo apresentava essa falta de instrução direta, clara e sistemática sobre a transferência da cadeia sonora.

Diferentes propostas pedagógicas foram introduzidas para o ensino da leitura e escrita no decorrer dos tempos. A Alfabetização era considerada um código, ignorando toda a sua complexidade e simplificando associar cada letra a seu fonema. A professora transmitia essa informação e escrever passava a ser codificar e ler era decodificar. Logo, nessa visão, a apropriação da escrita alfabética era aprendizagem de um código. Todavia houve uma mudança nessa perspectiva e a alfabetização passou a ser reconhecida como um sistema notacional, por haver regras e normas. Fundamentado nos estudos de Ferreiro (1985), Moraes (2012), cria um quadro com dez propriedades necessárias para o aprendiz se tornar alfabetizado.

1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro

e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.

9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.

10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal (Moraes, 2012, p.51).

Consequentemente não se trata apenas de uma transmissão de informações, incorporando a apropriação do sistema de escrita alfabética, repleto de regras em um processo evolutivo de reconstrução no qual a atividade do aprendiz gera novos saberes sobre a hipótese silábica.

Os antigos métodos de alfabetização possuíam uma visão equivocada sobre a aprendizagem da escrita alfabética, pois percebiam as crianças como “tábula rasa”; ou seja, era necessário apenas repetir as informações prontas, transmitidas pela professora ou pela cartilha, e a criança se alfabetizaria sem a necessidade de modificar suas ideias prévias sobre a escrita e compreensão de como funciona o alfabeto. Dessa maneira, para ler e escrever seria necessário apenas ter habilidades perceptivas e motoras (discriminação visual, auditiva e coordenação motora fina). Toda ação do/a estudante seria memorizar o nome e o traçado das letras e decorar os sons que elas substituiriam. Então, muitas crianças conheciam os nomes de todas as letras, memorizavam as famílias silábicas e permaneciam sem compreender como as letras se articulavam em palavras, estas em frases e como o sistema funcionava.

Contrapondo com os métodos que enfatizavam o erro e ofereciam uma resposta pronta, e pensando na escrita como um sistema notacional no qual temos não só caracteres e símbolos, mas também regras que definem como aqueles símbolos funcionam, Emília Ferreiro e Ana Teberosky sinalizam que a principal função alfabetizadora consiste em questionar as respostas oferecidas pelas crianças. Assim, as crianças têm a oportunidade de criar suas próprias hipóteses ou explicações quanto ao funcionamento da escrita alfabética. Então, conforme o predomínio das hipóteses das crianças em relação à estrutura e funcionamento da linguagem escrita, tornou-se possível pensar uma classificação do seu nível conceitual linguístico, que passaram a ser nomeados como: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético.

Declarados, de maneira sumária, esses traços característicos dos métodos de alfabetização, considero que para dar continuidade à discussão proposta neste trabalho, faz-se necessário conceituar alfabetização e em seguida ludicidade.

3.1 ALÉM DAS LETRAS, A MÚSICA

Soares compreende que a escrita alfabética implica compreender um sistema notacional, isto é, existem regras que envolvem processos mentais complexos, apreciação de sentidos e consciência fonológica. Segundo a autora a fala é inata, mas a escrita é uma invenção social, cultural, seu aprendizado não é natural e precisa ser ensinada e desenvolvida. A criança não aprende a ler e a escrever sozinha (2004, p.16).

A autora ressalta, ainda, a diferença entre alfabetização e letramento (Soares, 2001), destacando que a alfabetização é apropriação de leitura e escrita enquanto o letramento tem a ver com o uso e domínio das funções dessa escrita na sociedade. Destaca, nessa compreensão, a questão do erro como sendo construtivo, uma vez que o discente está pensando na construção da escrita e as hipóteses de que lança mão para chegar, tanto ao erro quanto ao acerto, são uma parte importante do processo de aprendizagem da escrita, pois é assim que aos poucos vai alcançando novas etapas de compreensão do sistema. A ação de alfabetizar implica em conhecer e operar com o sistema de escrita alfabética, ler, compreender e produzir textos de curta extensão. Assim, é necessário que essa criança conheça diferentes tipos de textos e textos reais, em sala de aula, para ultrapassar o processo de decodificação e encarar desafios para refletir sobre a escrita construindo conhecimento a partir do envolvimento com ela.

O significado de letramento trouxe à tona um aspecto crucial da leitura e da escrita: sua origem nas práticas sociais. O que se considera alfabetização e letramento poderia ser substituído pelo que realmente importa: o alfabetismo em uso, contextualizado pelas práticas culturais. Este alfabetismo em uso é a interpretação que a leitura e a escrita ganham na cultura.

Soares (2019), julga muito difícil separar alfabetização de letramento, segundo seus estudos, a alfabetização se desenvolve em contexto de letramento, que dá sentido ao aprender a ler e escrever, portanto, ser alfabetizado supõe também ter pelo menos algum nível de letramento. A autora destaca ainda que nas últimas décadas, a aprendizagem da língua escrita tem sido objeto de estudo em muitas outras áreas do conhecimento e cada uma privilegiando uma das facetas dessa aprendizagem.

Ela cita algumas como: a faceta fônica, que engloba o aprimoramento da consciência fonológica, crucial para que a criança perceba a fala como um conjunto de sons e entenda o sistema de escrita como uma representação gráfica desses sons, além do aprendizado das relações fonema-grafema e outras convenções de conversão da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita; a faceta da leitura fluente, que exige o reconhecimento integral de palavras e sentenças; da leitura compreensiva, que envolve o aumento do vocabulário e o

aprimoramento de competências como interpretação, avaliação, inferência, entre outras; da identificação e do uso adequado das diferentes funções da escrita, dos diversos portadores de texto, dos diferentes tipos e gêneros de texto, etc.

Cada uma dessas facetas é importante. Todavia, cada uma delas exige metodologia de ensino apropriada, de acordo com sua natureza, sendo algumas dessas metodologias caracterizadas por ensino direto e explícito, como é o caso da faceta para a qual se volta a alfabetização, outras caracterizadas por ensino muitas vezes incidental e indireto, porque dependente das possibilidades e motivações das crianças, bem como as circunstâncias e o contexto em que se realize a aprendizagem, como é caso das facetas que se caracterizam como de letramento.

Contudo, as informações atuais que elucidam tanto os processos de aprendizado quanto os objetos do aprendizado da escrita, bem como as conexões entre eles, demonstram que dar prioridade a uma, negligenciando ou desconsiderando outras, é um equívoco, um desvio no ensino e aprendizado da língua escrita, o que Magda Soares diz ser um descaminho (desencontro), mesmo em sua fase inicial. A autora ainda questiona que talvez seja este o motivo de fracassarmos nesse ensino e aprendizado pois, segundo a autora, esse processo de ensino e aprendizado precisa combinar conhecimentos e metodologias de diversas ciências e transformá-los em uma prática pedagógica que integre as várias facetas.

Para Kleiman (2007), o letramento tem como objeto de reflexão os aspectos sociais da língua escrita. Assim, quando falamos em alfabetização, por exemplo, é necessário se levar em conta uma concepção social da escrita, o que difere de uma concepção tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual como algo ligado apenas à aprendizagem de habilidades individuais. Um bom planejamento das aulas, nesse sentido, seria aquele que partisse da bagagem cultural diversificada dos/as estudantes e não daquilo que é considerado a sequência mais adequada para a apresentação dos conteúdos: ou seja, “[as] letras para formarem sílabas, [as] sílabas para formarem palavras e [as] palavras para formarem frases” (apud Lucas; Silveira; Oliveira; Gustsack, 2015, p.90).

Para Freire (1985), a alfabetização tem a ver com a habilidade de ler o mundo. Isto é, o processo de alfabetização acontece ao mesmo tempo em que se passa a assegurar o direito do/a estudante em afirmar a sua voz, poder dizer a sua palavra no contexto social. Para o autor, a alfabetização envolve refletir sobre a cultura e desenvolver uma consciência criteriosa do mundo, podendo mudar e falar acerca disso com suas palavras (p. 14).

Por isso, Freire defende a alfabetização como,

um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras... enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem (1981, p.13).

Antigamente nos censos de 1940, a pessoa era considerada alfabetizada se esta soubesse ler e escrever seu nome, mas, já em 1950 a 2000, essa perspectiva foi modificada para ler, escrever e interpretar um simples bilhete. Hoje, porém, diante das exigências complexas do mundo letrado, se faz necessário que o sujeito desenvolva habilidades de descrever, explicar e relacionar para ser considerado alfabetizado.

Na abordagem de Ferreiro, a criança já traz consigo alguns conhecimentos que devem ser considerados pela escola em todos os aspectos, pois nenhuma aprendizagem começa do zero e, nessa perspectiva, a bagagem que a criança traz consigo (esquema interpretativo) é de extrema importância antes de iniciar o processo de escolarização. “A alfabetização é um processo de coordenação de informações que, na maioria dos casos, ocorre anteriormente à chegada da criança na escola” (Ferreiro, 1999, p. 79). A autora defende que, nos grupos populacionais as crianças são alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem.

Mediante a proposta construtivista e sócio interacionista, a aprendizagem da escrita passa por cinco níveis. O primeiro e segundo nível consideramos pré-silábico. No primeiro nível da aprendizagem conceitual linguística a criança tem a intenção de escrever, porém não se preocupa com o som. Escreve com as letras que tem conhecimento e pode colocar a mesma escrita para palavras diferentes. No segundo nível a criança percebe que há uma relação entre a fala e a escrita e começa a sondar uma possível quantidade mínima de letras assim como a variedade entre elas para realizar a escrita.

O terceiro nível, denominada hipótese silábica, registra-se quando o/a estudante já escreve uma letra para cada sílaba. Neste nível a criança escreve se preocupando com número de sílaba, mas pode utilizar as letras que conhece, atribuindo letras aleatórias para designar uma sílaba. Este nível chamamos de silábico sem valor sonoro. Mas dentro desse nível, ainda existe estudantes que começa com a tentativa de dar valor sonoro às letras que utiliza para escrever, silábico com valor sonoro. O quarto nível é o momento em que a criança passa da hipótese silábica para a silábico-alfabética. Assim, passa a escrever preocupando-se com o uso de vogais e consoantes, ainda que possa haver excesso ou omissão de algumas letras. O quinto e último nível é o chamado alfabético, sendo que neste momento a criança escreve pautada na oralidade, considerando que a sílaba é composta por unidades menores.

Nesse sentido, Moraes (2012) reflete que a alfabetização é um processo que não ocorre da noite para o dia, sendo construído passo a passo como um percurso evolutivo no qual o aprendiz é quem gera gradualmente novos conhecimentos rumo à “hipótese alfabética”. Cabe ao professor estar dentro desse processo sendo o mediador e proporcionando estratégias para que o/a estudante perceba o sistema de escrita alfabética com suas regras de estrutura e funcionamento (Moraes, 2012, p. 52).

Com base nas opiniões desses autores, é possível identificar que a alfabetização é um processo, um percurso de aprendizagens, e como tal, não acontece de uma hora para outra. Para quem atua na alfabetização, é necessário conhecer as etapas de desenvolvimento do sistema de escrita alfabética para fazer as intervenções necessárias e auxiliar o/a alfabetizando/a em seu desenvolvimento. Assim, reforço minha intenção de pesquisar e contribuir com a ideia de que uma das estratégias que podem ser utilizadas, é opção pedagógica que envolve a ludicidade em sala de aula.

3.2 LUDICIAR SERIA UM VERBO, SE BRINCAR FOSSE COISA SÉRIA?

Ludicidade é o termo que tem origem na palavra latina “ludus”, que significa jogar ou brincar. Na educação usamos o conceito do lúdico para nos referir a jogos, brincadeiras e qualquer exercício que explore a imaginação e a fantasia. De acordo com Huizinga: “abrange os jogos infantis, a recreação, as competições, as representações litúrgicas e teatrais, e os jogos de azar” (2000, p. 29).

Conforme esse autor, o lúdico sempre esteve presente ao longo da história humana e continua até hoje. Em cada época, de acordo com o contexto histórico da vida e do pensamento das pessoas, os jogos sempre foram algo natural que todos vivenciavam e eram utilizados como ferramentas de caráter educativo que promoviam o desenvolvimento pessoal. Há relatos na história antiga de que o comportamento lúdico era desenvolvido por toda a família até quando os pais ensinavam um ofício aos filhos. Huizinga afirma que o jogo é universal, ou seja, no jogo se constituem os fundamentos da civilização. O autor divide a humanidade em dois grupos: um de trabalhadores que lavram, constroem e proveem as necessidades da vida; e outro, de jogadores que precisam da recreação constante, utilizando as classes produtivas como rebanho, fantoche ou peças de um jogo. A civilização se desenvolve através dos jogos.

Encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos. Em toda a parte, encontramos presente o jogo, como uma qualidade de ação bem determinada e distinta da vida "comum" (Huizinga, 2000, p.7).

Cabe ressaltar que para esse autor a compreensão que se tem do jogo não é igual para crianças e adultos. Enquanto para a criança foca-se no aspecto de que ele gera aprendizagem, para o adulto percebe-se o jogo como o momento de recreação. Assim, podemos dizer que o lúdico contribui para o desenvolvimento físico, cognitivo e social da criança. Físico porque desenvolve habilidades motoras e corporais, cognitivo desenvolvendo habilidades perceptuais como a atenção e memória, social porque desenvolve, de forma simbólica, uma realidade que ainda não pode alcançar, compartilhando e cedendo em sua relação com o outro.

Partindo da perspectiva de que o ser humano se desenvolve mediante o jogo, é necessário o envolvimento dos estudantes em atividades lúdicas como instrumentos da prática pedagógica favorecendo o raciocínio lógico, a criatividade e as habilidades pedagógicas de maneira notavelmente profunda, para atingir os aspectos cognitivo, social e emocional. Assim, compreende-se que a educação formal tem por característica o desenvolvimento cognitivo e motor, esquecendo-se muitas vezes do sensorial. A nossa cultura ocidental tem transmitido uma educação do não sentir. Assim nos tornamos mercadorias e não sujeitos históricos. E como consequência de tal fato, aparecem comportamentos mais agressivos, irônicos, sem limites e sem respeito a própria pessoa e a do outro.

Em uma outra abordagem, percebo que há uma necessidade de “conexão”, mas não me refiro à virtual. Esta também é importante e útil, porém quero destacar a conexão com a essência da natureza. Para isso, defendo a ideia de incorporar o lúdico com as cantigas de roda, as histórias, os versos, a corda. Assim tornamo-nos seres mais brincantes, alegres, solidários e criativos.

Mediante atividades em forma de brincadeiras, a criança se desenvolve de maneira geral nos aspectos cognitivos, afetivos, físico-motores, morais, linguísticos e sociais. Através desse processo de desenvolvimento, a criança adquire conhecimento do mundo e age em resposta. Na perspectiva de Piaget (1971), brincar é um meio para as crianças absorverem o mundo e construírem compreensão. Piaget acreditava que brincar é uma atividade instintiva e irrestrita, iniciada pela própria vontade da criança e impulsionada pela alegria que traz. Além disso, proclamou que os jogos não são simplesmente uma fonte de lazer ou diversão para gastar a vitalidade das crianças; em vez disso, servem como elementos de base da metodologia pedagógica que auxiliam e melhoram o crescimento cognitivo.

Piaget (1978) resalta as etapas do desenvolvimento cognitivo, dividindo-os em quatro estágios: sensório motor (0-2 anos - período do desenvolvimento dos órgãos dos sentidos como visão, audição, tato, assim é possível explorar músicas e brinquedos coloridos); pré-operatório

(2-7 anos - período que se destaca pelo jogo de imitação e do faz de conta); operatório concreto (7-12 anos - fase em que podemos primar por atividades mais bem elaboradas e com regras); e, por fim, o operatório formal (12 anos em diante - caracterizado pelo ápice do desenvolvimento cognitivo, surge a formulação de hipóteses e deduções conseguindo pensar no abstrato). Diante disso, percebo que explorar as brincadeiras aliando às aprendizagens pode ser utilizado em todas as faixas etárias.

Em uma perspectiva similar, Maturana e Zoller (2004) discorrem sobre o amar e o brincar como fundamental da condição humana. Destaca que nossa cultura ocidental moderna despreza a brincadeira, bem como as emoções em favor da racionalidade. Mesmo sendo importante a valorização da razão, somos seres também revestidos de emoções, e o amor é uma delas, segundo o qual se constitui o domínio das ações. Para o autor, brincadeira é qualquer atividade humana praticada na inocência e com a atenção voltada para ela própria e não para seus resultados (Maturana e Zoller, 2004, p. 231). Assim, em seu seminário envolvendo mães e filhos na primeira infância, Zoller revelou que o brincar tem um papel fundamental nas crianças em crescimento, tanto para o desenvolvimento de sua autoconsciência, consciência social e de mundo, quanto para o desenvolvimento de seu autorrespeito e autoaceitação (Maturana e Zoller, 2004, p. 224).

Freire, também ressalta o amor como sendo fundamento do diálogo: “o amor é, também, diálogo. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo as pessoas, não me é possível o diálogo” (Freire, 1987, apud Barreto, 1998, p.65). Isso leva a compreender que por meio das brincadeiras lúdicas acontece a troca (diálogo) de socialização e a criança passa a perceber que suas ações e pensamentos podem ser diferentes do outro. Neste momento deve existir muita afetividade, amor e respeito, visto que “só temos o mundo que criamos com os outros e que só o amor nos permite criar um mundo em comum com eles” (Maturana; Varela, 2001, p. 270). Sem um desenvolvimento adequado do sistema nervoso no amor, tal como vivido no brincar, não é possível aprender a amar e não é possível viver no amor (Maturana, 2004, p. 224). Os autores destacam ainda que a aprendizagem ocorre em toda a nossa existência através de conexões com objetos, com outros seres ou conosco mesmos, e que em vista disso, a aprendizagem acontece por meio de um processo de elaboração e não de repetição.

Kishimoto (2017), por sua vez, procura definir jogo, brinquedo e brincadeira, devido estes termos se misturarem e se confundirem em algum momento. Para a autora, jogo depende de muitos fatores a serem observados e exemplifica com uma criança indígena se divertindo com arco e flecha na mão. Alguns podem dizer que ela está brincando, mas para a comunidade indígena ela está se preparando para a arte de caça, algo necessário para a subsistência da tribo.

Então algo pode ser jogo ou não jogo, dependendo do significado a ele determinado. Logo o jogo é uma atividade que contribui para o desenvolvimento da criatividade da criança tanto na criação como também na execução. Para isso ela destaca três pontos para uma atividade ser considerada jogo. O sistema dentro do contexto social, as regras e um objeto. O brinquedo é o objeto, o fundamento da brincadeira. E por fim define brincadeira como “o lúdico em ação”. Dessa forma “brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo” (Kishimoto, 2017, p.25).

Kishimoto (2017) ainda afirma que se o brinquedo for utilizado com foco na aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, logo este deixa de ser um brinquedo e passa a ser material pedagógico. A autora diferencia fundamentando-se no objetivo da ação educativa. Assim para que o jogo seja considerado educativo, este deve ser empregado com caráter educativo. A autora ainda destaca que é necessário inserir no cotidiano da criança os contos, lendas, brinquedos e brincadeiras para formar indivíduos criativos, criteriosos e aptos para tomar decisões (Kishimoto, 1993).

Brincar, divertir-se, atuar de forma lúdica exige uma entrega completa do ser humano. A atividade lúdica, é o momento de entrega total, corpo e mente ao mesmo tempo, é a plenitude da experiência. Se estivermos em um salão de baile e estivermos realmente dançando, não há espaço para nada além de dançar. Os movimentos rítmicos, harmoniosos e graciosos do corpo são repletos de prazer e alegria. No entanto, se estamos em um salão de baile, fingindo que estamos dançando, mas na verdade estamos observando, com um olhar crítico, como os outros dançam, claro que não vamos nos divertir vivenciando esse momento (Cipriano, 2000, p. 21). Cipriano enfatiza o lúdico como uma experiência interna do ser humano. Fenômeno interno do sujeito, mas que se expressa no exterior.

3.3 ENTRE PASSOS E SORRISOS: A DANÇA DO ENCONTRO DOS BRINQUEDOS

A história do brinquedo é muito antiga, não se sabendo ao certo uma data para sua fundamentação, entretanto, desde a antiguidade os homens utilizavam objetos que serviam para a brincadeira. A história dos brinquedos é verdadeiramente fascinante, pois mostra não só a interação das crianças com o mundo que as rodeia, mas também como essas interações espelham as culturas, valores e progressos tecnológicos de cada período. Desde os brinquedos primitivos, feitos de pedras e galhos, até a variedade sofisticada disponível atualmente, cada item lúdico possui um significado que ultrapassa a simples diversão ou o mero entretenimento.

Em minhas intervenções com as crianças enfatizei a ideia de Kishimoto (2017), que ressalta sobre o brinquedo, dizendo que este é o objeto, o fundamento da brincadeira. E ainda

que se o brinquedo for utilizado com foco na aprendizagem e desenvolvimento de habilidades este deixa de ser um brinquedo e passa a ser material pedagógico. Confeccionei diversos materiais que foram utilizados em sala de aula para desenvolvimento do Sistema de Escrita Alfabética. Esses materiais pedagógicos foram inseridos sempre em um contexto com jogos, músicas, histórias com o objetivo de repertoriar as crianças em seu vocabulário e produção escrita. Assim, a ideia de trabalhar com materiais pedagógicos em sala de aula, foi motivada não apenas pelo potencial que eles têm para a aprendizagem da língua, mas, também, pela sua dimensão lúdica e possibilidade de elevação do desenvolvimento humano, elementos esses tão essenciais às práticas escolares.

No processo de alfabetização, os jogos pedagógicos puderam ser grandes parceiros, tendo em vista que esses possibilitaram aos estudantes uma reflexão sobre o sistema de escrita ao invés de fazerem treinos maçantes e sem propósito. Durante as atividades lúdicas, as crianças aplicaram seus conhecimentos sobre a lógica da escrita, reforçando aprendizados anteriores ou adquirindo novos saberes nesse campo. Ao brincar, elas puderam entender os fundamentos do sistema alfabético e compartilhar seus conhecimentos com os colegas. Contudo, é importante lembrar que nem tudo se consolidou na brincadeira, sendo necessário ter situações de não jogos para sistematizar a aprendizagem. Segundo propõe Kishimoto (2003, p. 37-38):

A utilização do jogo potencializa a exploração e construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos.

Dentro dessa perspectiva podemos trabalhar a Consciência Fonológica e qualquer outro conteúdo por meio de brincadeiras, cabe ressaltar que, consciência fonológica é um conjunto de habilidades necessárias, mas não suficientes para que o aprendiz se alfabetize, no entanto, de acordo com Morais, julguei mais adequado incluir a reflexão fonológica num amplo conjunto de atividades de “reflexão sobre o funcionamento das palavras escritas” (Morais, 2006). Dessa maneira, os aprendizes, foram auxiliados a começar a perceber certas propriedades do sistema alfabético (como a ordem, a estabilidade e a repetição de letras nas palavras), ao mesmo tempo em que, brincando, analisaram as semelhanças sonoras (de palavras que rimam ou têm sílabas iniciais ou mediais iguais) bem como examinaram a quantidade de partes (faladas e escritas) das palavras. Nesse sentido, usei também a palavra como brinquedo, o objeto da brincadeira. Assim as crianças tiveram a oportunidade de agir como sujeitos da língua, de forma lúdica e ao mesmo tempo reflexiva.

3.4 UNIÃO QUE FAZ DIFERENÇAS

A escola, não apenas nos anos iniciais, é um lugar privilegiado para desenvolver atividades que favoreçam a potencialidade lúdica de seus educandos. Percebe-se nessa perspectiva, que o brincar vai mais além do simples momento de descontração ou gastar energia. Diante do que foi apresentado, tornou-se cada vez mais relevante o fato de que o lúdico foi levado em consideração e pode ser utilizado como ferramenta para potencializar a alfabetização, não só por fazer parte da nossa essência, como também por desenvolver a capacidade cognitiva das crianças.

Atividades lúdicas propiciaram uma visão diversificada para a exploração e construção de saberes no processo de aprendizagem, tornando-se uma forte aliada para desenvolver habilidades de leitura e escrita, sem a necessidade de treinos repetitivos, enfadonhos e sem sentido. Na turma de alfabetização, o lúdico contribuiu para a aprendizagem desenvolvendo a criatividade, interação social, crescimento sadio, comunicação e senso de critérios para tomada de decisões.

É bem verdade que nem tudo se aprende ou consolida durante a brincadeira e para que os jogos, brincadeiras e todo o encanto do mundo infantil exercessem a função de auxiliar na alfabetização, foi necessário um planejamento bem alinhado com regras e objetivos explícitos. Em outras palavras, o lúdico precisou estar unido com a minha intencionalidade de professora para que a atividade fizesse sentido.

Dessa maneira fui mediadora das relações e precisei escolher os recursos didáticos apropriados para o meu objetivo, avaliar se os recursos eram o suficiente e planejar para que os estudantes aprendessem de fato. Cabe ressaltar que o brinquedo e o jogo em si, não trouxeram o saber pronto e acabado, por isso fez-se necessária a intervenção, entre os estudantes e os recursos, por meio da minha ação de professora alfabetizadora.

O ambiente lúdico foi o mais propício para a aprendizagem e produziu verdadeira internalização da alfabetização e do letramento. O brincar pedagogicamente fez parte do plano de aula. Brincando, cada criança mostrou-se capaz de aprender conceitos, regras, normas, valores e conteúdos conceituais.

Resumidamente, a ludicidade na alfabetização foi um ato consciente e planejado, convidando o estudante a ser protagonista como sujeito da linguagem. Assim, busquei seduzir os aprendizes para o prazer de conhecer. E, com essa intenção lúdico pedagógica, utilizei o brinquedo como material pedagógico para integrar as aulas de alfabetização.

4 NAMORANDO PENSAMENTOS

O presente estudo consistiu em pesquisa qualitativa pois predominou o caráter exploratório e explicativo, com enfoque na pesquisa bibliográfica, empírica e documental. Segundo Gil (1991) uma pesquisa bibliográfica contribui para a (re) definição de um tema e/ou de um problema. Assim, ela foi adotada a fim de proporcionar melhor visão do problema, torná-lo mais específico e possibilitar a construção de hipóteses. Dessa maneira, a pesquisa bibliográfica assumiu um caráter de estudo exploratório.

A metodologia utilizada caracterizou-se como qualitativa, seguindo etapas da pesquisa-ação (Barbier, 2007). A pesquisa empírica também fez parte do estudo pois foi um procedimento científico baseado em evidências concretas e observações diretas. Fiz observações diretas em sala de aula em uma turma de reforço, de alfabetização, respectivamente no 1º e 2º anos, essa turma era composta por alunos com alguma dificuldade de aprendizagem, nesse momento essas crianças saíam da sala de aula a qual pertenciam e eram direcionados para a sala denominada de ‘sala diversificada’. Porém não era trabalhado a alfabetização de maneira sistematizada. A pesquisa também envolveu a abordagem documental pelo fato de apresentar alguns documentos que constituem fonte rica e estável de dados e por estar se tratando de leis e documentos oficiais reguladores da educação e mais especificamente da alfabetização.

Vale ressaltar que uma primeira etapa da investigação aconteceu com o levantamento bibliográfico realizado sobre a temática a respeito da qual me debrucei. Assim sendo, priorizei a investigação de trabalhos que abordassem os temas da alfabetização, letramento e ludicidade na sala de aula. Dessa maneira, delimito a pesquisa bibliográfica na plataforma da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e material disponibilizado em publicações do CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem) da Universidade Federal de Pernambuco. As dissertações selecionadas e analisadas serviram de base para situar o objeto de estudo, bem como delimitar melhor a proposta de pesquisa. Quanto à pesquisa bibliográfica, além das publicações do CEEL, selecionei também alguns autores que investigam sobre a alfabetização tais como Moraes, Ferreira e Teberosky, Soares e Freire, bem como sobre a ludicidade explorando autores como Huizinga, Piaget, Maturana, Kishimoto e Cipriano.

A escola em que acompanhei os processos de alfabetização e suas relações com a ludicidade foi o CCI, onde aconteceu a aplicação de questionário sobre a disponibilidade e aceitação da pesquisa, o termo de consentimento livre e esclarecido, para direção e professores, respeitando a ética na pesquisa. Essa foi realizada dentro da escola na sala de aula de alfabetização, com um grupo de cinco crianças de primeiro ano e outro grupo de cinco crianças

de segundo ano, aproveitando o fato de que a escola já possuía um programa de reforço escolar no qual eram atendidos alguns discentes com dificuldade de aprendizagem. Assim, entrei com o projeto de ludicidade em sala de aula para atender esses grupos. Escolhi observar em duas turmas pois é a fase da alfabetização.

Mesmo sendo uma escola particular, existiam crianças diagnosticadas com algumas dificuldades de aprendizagem, porém a escola não se limitou e criou possibilidades para atendimentos diferenciados para elas. A questão que direcionou a pesquisa foi verificar se e como os jogos e brincadeiras podiam contribuir nessa etapa da alfabetização. Para tanto, apliquei a sondagem diagnóstica de níveis conceituais linguísticos (APÊNDICE B) baseada nos estudos de Emília Ferreira e Ana Teberosky sobre a hipótese de escrita, pois a partir dos resultados fiz as intervenções para provocar e verificar o possível avanço na compreensão do sistema de escrita alfabética. As intervenções foram baseadas em jogos, brincadeiras, contação de histórias, parlendas, poesia, tudo o que encanta e faz parte do universo do brincar infantil.

Durante as intervenções, apliquei outra sondagem para verificação de resultados e avaliação da intervenção utilizada e já chegando ao término da pesquisa, uma última sondagem para a análise e comparação final. Esta última ação foi necessária para verificar se conseguimos alcançar o objetivo de investigar as contribuições da ludicidade no avanço dos níveis de alfabetização e letramento de estudantes em sala de aula.

Assim, procurei compreender quais foram as possíveis contribuições de intervenções pedagógicas lúdicas para o avanço de níveis na alfabetização em salas de aula e, se as intervenções foram as mais adequadas à proposta de pesquisa. Ao final das intervenções utilizadas e resultados obtidos, foi confeccionado um portfólio com todas as músicas, histórias e atividades propostas para a turma e feita uma apresentação da pesquisa na escola fizemos ainda a confecção coletiva de um livro com um período de autógrafos dos participantes, sendo que esses produtos constituíram a devolutiva de minha pesquisa à escola e às crianças.

As intervenções seguiram uma rotina de 1 hora e meia de aula em cada turma (1º e 2º ano), no período de 2 meses. Nas segundas-feiras atendia a turma de 1º ano e nas quartas-feiras a turma de 2º ano, ambas no horário das 10:20 às 11:50. Foi reservada uma sala de aula para que os encontros acontecessem. Logo no início de minhas ações de pesquisa, a supervisora da Escola CCI, entregou-me as metas, elaboradas pela escola, que deveriam ser alcançadas até o final do ano letivo, relacionadas ao Desenvolvimento das Habilidades de Língua Portuguesa no 1º e 2º Ano do Ensino Fundamental.

1º Ano

Leitura e Interpretação: Compreender pequenos textos e histórias, identificando personagens e eventos principais.

Escrita: Produzir textos simples, como bilhete e pequenos relatos, usando a escrita de forma criativa.

Ortografia e Gramática: Começar a entender e aplicar regras básicas de escrita, como uso de letras maiúscula e pontuação.

Vocabulário: Ampliar o vocabulário, utilizando novas palavras em diferentes contextos.

2º Ano

Leitura: Ler e interpretar textos mais complexos, como fábulas e contos, começando a analisar a mensagem e os sentimentos dos personagens.

Produção de Texto: Escrever pequenos contos e narrativas, organizando as ideias em sequência lógica e respeitando a estrutura textual.

Ortografia e Gramática: Aperfeiçoar a escrita, incluindo o uso correto de acentos e pontuação, reconhecer tipos de frases (afirmativa, interrogativa e exclamativa).

Análise crítica: Começar a fazer perguntas sobre os textos lidos e desenvolver a capacidade de expressar opiniões e ideias sobre diferentes temas. (Centro de Criatividade Infante Juvenil. Regimento interno. 2022)

Soares (2021) destaca a importância das metas pois por meio delas são definidos conhecimentos fundantes a serem desenvolvidos ao longo da escolarização e não seria diferente no ciclo de alfabetização. E, nesse processo, resgata-se o entendimento da perspectiva de alfabetizar letrando (Soares, 2021, apud Leira, Oliveira-Mendes, 2023, p. 12).

Com as metas especificadas, foi possível elaborar um percurso de aprendizagem para os estudantes e com isso procurei desenvolver quatro eixos fundamentais na alfabetização: ouvir, falar, ler e escrever, que foram divididos em várias etapas, conforme tabela a seguir.

Tabela 1 - eixos propostos na alfabetização

OUVIR	FALAR	ESCREVER	LER
Momento da história - Hora do conto	Relembrando a história - reconto oral - com perguntas direcionadas, indicando começo, meio e fim da história.	Escrita espontânea de 4 palavras e uma frase (teste da psicogênese). Jogo de montar palavras (cartão conflito, caça-palavras, cruzadinha).	Leitura e análise da escrita para verificar nível. Jogo de ler palavras (janelinha, palavra dentro de palavra, associar palavra à imagem, leitura escondida).
Ao final das histórias foram realizadas produções artísticas como: dobradura, pintura, desenho livre, montagem de uma sequência ilustrada.			

Fonte: a autora.

Tendo como prioridade um trabalho sistemático e com os objetivos primordiais a serem alcançados durante essa fase, criei atividades que fizessem sentido para os aprendizes e fossem

capazes de auxiliá-los a pensarem novas hipóteses de escrita alfabética. Assim, nas atividades propostas, juntei a reflexão sobre as habilidades relacionadas à compreensão de leitura e escrita. Investi de modo especial em atividades que ajudassem os estudantes a desenvolverem as habilidades ligadas à consciência fonológica (identificar, segmentar, contar e comparar), pois, considerando a escrita alfabética um sistema notacional, e não um código, acreditei que distintas habilidades metafonológicas pudessem assumir um papel importantíssimo no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética (Morais, 2005), uma vez que possibilitam ao indivíduo refletir sobre a escrita. Mediante essas atividades pude verificar o que o estudante já conhecia sobre a língua e qual conflito estava enfrentando no avanço das hipóteses.

4.1 ENCONTRO DE OLHARES

Conforme já afirmei, as turmas foram compostas por 5 crianças de cada ano. No 1º ano foram selecionados 4 meninos e 1 menina, com faixa etária entre 6 e 7 anos. Essas crianças tinham algumas Necessidades Educacionais Especiais. Eram 3 estudantes com Dificuldade de Aprendizagem, 1 com o diagnóstico de TDAH (Transtorno do Déficit de atenção com hiperatividade), TOD (Transtorno Desafiador de Oposição), sendo investigada a possibilidade de TEA (Transtorno do Espectro Autista) e 1 também diagnosticado com TDAH (Transtorno do Déficit de atenção com hiperatividade), HD (Huntington: movimentos coreicos indesejados, alterações comportamentais e psiquiátricos, demência) e AH (Altas Habilidades). A turma de segundo ano também foi composta por 5 aprendizes. Sendo 4 meninos e 1 menina, com faixa etária de 7 e 8 anos. Duas crianças estavam diagnosticadas com Dificuldade de Aprendizagem, 2 com TPAC (Transtorno do Processamento Auditivo Central) e 1 com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Considerando esse quadro, as crianças foram imersas nas atividades, respeitando suas limitações, mas levando em consideração a perspectiva do aperfeiçoamento e da superação de suas dificuldades. Sabia que o processo seria desafiador, todavia, acreditei que todos deveriam ter acesso a maneiras que facilitassem o aprendizado. Por isso comecei com histórias e brincadeiras. Descrevo, a seguir, o que foi realizado em cada aula e como estava acontecendo o avanço da leitura e escrita na turma. As intervenções, conteúdos e atividades propostas trabalhados eram as mesmas, porém para facilitar a escrita e o entendimento escrevi cada encontro e as ocorrências que aconteciam.

4.2 A MÚSICA COMEÇA

1º Encontro

Conteúdo: Rimas e Aliteraões em textos Poéticos.

Objetivo: Promover o reconhecimento e a compreensão de rimas e aliteraões.

Comecei a aula recepcionando a turma com muita alegria e agradecendo por elas estarem ali. Organizei a sala de aula deixando-a toda enfeitada com dobraduras de gatos coladas no quadro e nas paredes, além do texto e algumas atividades que seriam realizadas no decorrer da aula, por acreditar que assim o ambiente escolar se torna acolhedor e desperta o interesse e atenção nas crianças e para isso, coloquei material visualmente atrativo, cartazes grandes, com letras as quais todos conseguiam ver, imagens coloridas, e plastificado para melhor durabilidade e praticidade para as crianças responderem as atividades no próprio material e ser possível a reutilização e correções necessárias, assim elas iam se sentir mais animadas e perceber que houve um preparo para a chegada delas. Assim iniciamos o encontro. Elas já estavam animadas, falantes, empolgadas e tentando descobrir o que ia acontecer. Deu para perceber que elas pensavam que era só brincar por brincar, mas no passar do tempo, foram entendendo a dinâmica da aula. Dispus a turma em grupo único, sentados em uma única mesa, uma vez que era um grupo de 5 discentes.

Falei que ia contar uma história, e perguntei se elas gostavam de ouvir histórias. Uma criança, de nome fictício *Pirata*, disse que não gostava de histórias e que só queria ficar na sala se fosse para brincar de Uno⁴. Disse para ela que, naquela aula, a gente não iria jogar uno, mas iríamos fazer outras atividades e ouvir história, acrescentando que ela poderia ficar na turma com a gente e no final iria dizer se gostou da aula ou não. Usei um recurso de contação de histórias, segundo o qual ia tirando folhas de papel criativo A4 coloridas de um envelope transparente para contar a história do Gato Xadrez, de Bia Villela.

⁴ Baralho de cartas- O **brinquedo UNO** é um baralho de cartas composto por 114 cartas, marcadas de 1 a 9 com 4 cores, sendo elas: amarela, vermelha, azul e verde. As cartas especiais incluem Pular, Reverter, Comprar 2 ou 4 Cartas e Carta Coringa.

Imagem 1 - Uno



Fonte: a autora.

A história do “Gato Xadrez” é uma história que relaciona cores, rimas e leitura. Naquele momento percebi que a turma estava “hipnotizada”. Expliquei que uma das características do gênero textual poema é a rima e a disposição agradável como as palavras se encontram no texto. Na classe de alfabetização, textos poéticos são, por um lado, jogos linguísticos, brincadeiras com as palavras e seus sons, e por outro, estímulo para uma visão estética e emocional do mundo. Nesta etapa, os poemas são destinados à apreciação, memorização, canto, recitação e à percepção do jogo de sons e significados das palavras.

Depois espalhei uns cartões para as crianças encontrarem a parte da cor do gato com a parte que rimava. Nesses encartes tinha a imagem, por exemplo, de um gato amarelo e na carta estava escrito “era uma vez um gato amarelo”, em outra carta com a imagem também do gato amarelo, vinha a outra parte do poema que completava a rima “esqueceu de comer e ficou meio magrelo”. Elas iam pegando as cartinhas e tentando ler, sendo que as cartas eram coloridas para facilitar a leitura e a ordem. Depois cada estudante ia colocando sobre a mesa e formando o texto. O texto original estava impresso grande e colado na parede para facilitar a leitura e a sequência do texto.

Imagem 2 -



Fonte: a autora.

Logo em seguida dei uma cartela de bingo com as imagens relacionadas à história e às palavras retiradas. Essa atividade foi feita com a o recurso chamado “janelinha”, que consiste em colocar as palavras dentro de um envelope com uma abertura lateral. Aos poucos eu ia tirando a palavra escondida de trás do papel, letra por letra, e as crianças iam tentando ler e levantando hipóteses de leitura. Depois da palavra lida, as crianças localizavam as imagens em suas cartelas e marcavam no bingo utilizando bolinha de massinha.

Imagem 3 -



Fonte: a autora.

Depois voltamos para o texto fixado na parede e tentamos ler coletivamente, identificando e destacando as rimas. As crianças iam marcando no cartaz e na atividade em folha. Percebi, neste momento que estratégias como essa, de localizar palavras no texto revelase uma abordagem eficiente para auxiliar as crianças que estão iniciando sua jornada na leitura, pois ao se depararem com essa prática, elas experimentaram a gratificante sensação de acompanhar o desenrolar da narrativa. Essa interação estimulante não apenas promoveu a familiaridade com as palavras, mas também construiu as bases para uma compreensão mais profunda do funcionamento do texto.

Imagem 4 -



Fonte: a autora.

Em seguida fiz um caça-palavras. Da mesma maneira, adotei material impresso grande para as crianças encontrarem as palavras e em uma folha A4, a mesma atividade para realizarem individualmente.

Imagem 5 - Turma de 2º ano e Turma de 1º ano



Fonte: a autora.

Cantamos a música Troca Letra de Bento e Totó para enfatizar que se a gente muda a letra, muda a palavra. Utilizei um recurso de dois cubos, um com a parte da cabeça, outro com a parte do corpo dos animais, sendo que a medida que íamos cantando, ia virando as partes do cubo e alterando as imagens dos animais.

Existia na fazenda um PATO com a letra P.

O fazendeiro errou seu nome e escreveu PATO com G.

Pato com G? Está errado fazendeiro.

O Pato virou um Gato...

Neste momento virei a caixa mostrando a imagem do Gato.

E continuamos cantando

Existia na fazenda um GATO com a letra G.

O fazendeiro errou seu nome e pôs o R em vez G.

R em vez do G? Está errado fazendeiro.

Perguntei:

- Que palavra formou agora?

As crianças gritaram “RATO”!

E continuamos com a música.

O Gato virou um Rato...

Neste momento virei a caixa mostrando a imagem do Rato.

E continuamos cantando

Existia na fazenda um RATO que foi lá roer.

O fazendeiro errou seu nome e escreveu RATO com P.

Rato com P? Errou de novo fazendeiro.

O Rato virou um Pato...

O Pato virou um Gato,

O Gato virou um Rato,

O Rato virou um Pato,

O Pato virou um Gato.

Imagem 6 -



Fonte: a autora.

Para finalizar a aula, fizemos a brincadeira “Quem dá conta? ” Era o momento de realizar a atividade diagnóstica para saber o nível de escrita que cada um estava. Baseada nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, colei umas figuras relacionadas à história e elas deveriam escrever os nomes das imagens. As crianças utilizaram a escrita espontânea, nessa atividade.

Então, retomei a conversa com o estudante *Pirata*, que havia falado que não gostava de história, mas que ficou participando de tudo até o final. Então perguntei se ele tinha gostado da nossa aula e ele disse que tinha ‘amado’. Assim, falei para ele dar uma nota de 0 a 10 para a aula, e ele disse:

– Eu dou mil.

Esse foi o momento em que todas as crianças começaram a falar as notas de satisfação da aula. Até que uma delas, o *Esquilo*, falou:

– Dou dez mil.

Então perguntei:

– E então, vocês vão querer vir novamente semana que vem? Vamos nos encontrar de novo?

O grito foi geral.

– Sim!

– Então aguardo vocês na próxima aula.

A professora efetiva do reforço, estava presente na aula e ficou encantada e falou:

– Assim dá até vontade de dar aula!

2º Encontro

Conteúdo: Leitura e escrita

Objetivo: Identificar as letras do alfabeto e a capacidade de juntar sílabas para compreender o processo de estrutura das palavras e aprimorar a leitura e a escrita.

No segundo encontro recepcionei a turma com alegria e deixei a sala ornamentada igual a aula anterior, para sentirem que o ambiente foi organizado para recebê-las. Continuamos a explorar a história do ‘Gato Xadrez’ de Bia Villela. Comecei perguntando se elas tinham gostado do primeiro encontro, a resposta foi unânime ‘SIM’. Falei que a gente ia continuar com a história do Gato Xadrez e se elas lembravam da história. As crianças iam contando, lembrando das cores, mas pulando partes. Perguntei qual parte elas mais gostaram. O *Alienígena* respondeu bem alto:

- O Gato Colorido, porque ele tinha muitos amigos!

A *Raposa* também respondeu:

- Eu gostei do vermelho porque ele fez careta no espelho. Parece que ele era muito bagunceiro.

E assim cada um ia falando. Depois de todos falarem, voltei para o cartaz onde estava a história e fizemos uma leitura coletiva, os estudantes já haviam decorado a maioria do texto devido as rimas, assim relembremos cada uma delas que foram destacadas na aula anterior e em seguida entreguei um jogo de cartas para formar palavras relacionadas ao texto. Essa atividade é de Consciência silábica para reconhecer e manipular palavras por sílabas e auxilia na percepção dos sons que compõem as palavras de forma a grafá-los na ordem certa, percebendo que letra é escrita antes e qual letra vem depois.

Imagem 7 -



Fonte: a autora.

Nesta atividade o estudante que estava no nível pré-silábico conseguiu montar as palavras dissílabas sem auxílio e então fiquei curiosa e perguntei como ele tinha feito para descobrir a ordem, ele riu e respondeu:

- Primeiro separei as cores e olhei o desenho.

Falei novamente, mas como você conseguiu montar na ordem certa? Como você montou a palavra JANELA. (Ele havia montado JALANE). Onde está o JA?

Ele encontra.

- Está na ordem certa? Pergunto.

Ele responde:

- Sim.

Ótimo e as outras partes, vamos ver? Sabemos que são três partes. JA-NE-LA. E começa com JA. Continuo orientando. Agora me fala como termina a palavra JANELA? Qual é o último pedacinho?

- Ele responde orgulhoso, LA.

- Então onde está o LA?

Ele encontra e coloca no lugar certo, formando a palavra correta.

JA-NE-LA

As palavras dissílabas como GATO e REDE ele conseguiu montar sozinho e corretamente. Ele se baseou na sílaba inicial, logo a que sobrava era a que viria em seguida.

Ele não sabia, mas já estava associando a palavra com a sílaba inicial. E foi desafiado a observar como terminava a palavra. Tendo uma noção da consciência fonológica.

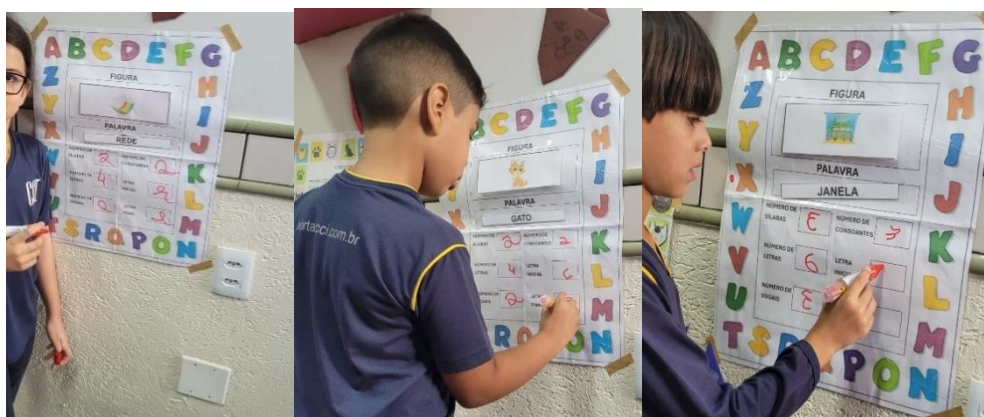
A consciência fonológica é um conjunto de habilidades que permitem a criança a compreender e manipular unidades sonoras da língua, conseguindo segmentar unidades maiores

em menores. Podemos subdividir em três partes consciência silábica, consciência de rimas e aliterações e consciência fonêmica. Piccoli e Camini (2012, p.103).

Seguimos para a próxima atividade, comparação número de letras, número de sílabas, letra inicial, letra final, quantas vogais, quantas consoantes. Para desenvolver a consciência fonológica também descrita como a habilidade metalinguística, que envolve ainda a capacidade de manipular os sons: identificar, segmentar, adicionar, subtrair, substituir, sejam palavras, sílabas ou fonemas.

Primeiro fizemos coletivamente, cada criança ia até o cartaz e preenchia, a que tinha dúvida a turma ajudava. Assim a turma era levada a pensar sobre a palavra. Acredito que a alfabetização não ocorre do dia para a noite, como um passe de mágica, ou apenas criar um suposto ambiente alfabetizador e esperar que a criança aperfeiçoe esse conjunto de habilidades espontaneamente, mas sim, necessita compreender os elementos linguísticos como sílabas, palavras, frases etc. O processo de alfabetização, a organização do trabalho pedagógico implica em visualizar a alfabetização como um trabalho artesanal diário, que a professora vai compondo ao reavaliar os movimentos de aprendizagens dos estudantes.

Imagem 8 -



2º ano

2º ano

1º ano

Fonte: a autora.

Em seguida as crianças foram convidadas a realizar a atividade em folha, nesta atividade, acontecia a comparação número de letras (lápiz), número de sílabas (boquinha) e a escrita da palavra.

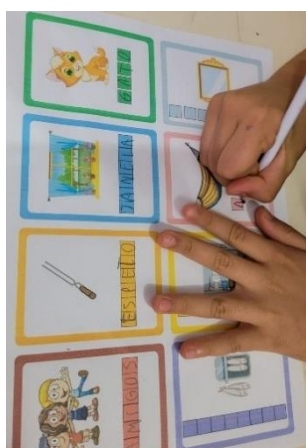
Imagem 9 -



Fonte: a autora.

A outra atividade era o desafio com o cartão conflito, onde cada quadradinho correspondia a uma letra, logo não poderia sobrar nenhum quadradinho. Os estudantes do nível silábicos ficaram tentando qualquer letra para preencher o espaço, colocavam as letras que conheciam e iam acrescentando outras. Falei para prestarem um pouco de atenção e irem falando bem devagar a palavra, fui fazendo junto com eles, destacando o som de cada uma das letras, sem pressa. Eles foram tentando e descobrindo as letras. Outros já iam falando antes, sem dar tempo de deixar o outro pensar também.

Imagem 10 -



Fonte: a autora.

Nessa atividade os dois discentes do nível pré-silábico não conseguiam escrever a palavra completa, então fiz a intervenção para tentarem descobrir qual era a primeira letra de cada palavra, fui fazendo o som e auxiliando. Assim eles conseguiram realizar a tarefa. Ignorando os outros quadradinhos que foi retomado posteriormente, na aula seguinte.

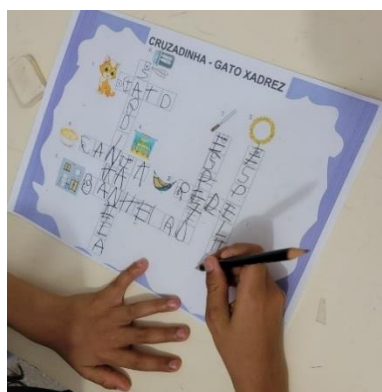
Tabela 2 - Atividade com discentes pré-silábicos no segundo e no terceiro encontro.

	
Encontro 2	Encontro 3

Fonte: a autora.

Fizemos ainda uma atividade de Cruzadinha, onde as crianças têm como pistas as imagens e para completar os quadradinhos para completar as palavras, cada um deles equivale a uma letra.

Imagem 11 -



Fonte: a autora.

Em seguida entreguei a atividade 'cadê você?'. Esta tarefa exige leitura das palavras para ligar (fazer um traço) até a imagem. Todas as dez crianças conseguiram realizar o desafio associando a letra inicial e tentando fazer o som das letras, criando uma confusão apenas nas palavras espeto e espelho devido terem a inicial igual.

Imagem 12 -



Fonte: a autora.

E para terminar, brincamos de batalha naval, cada bolsinho tinha uma cartinha com uma imagem da história, as crianças tinham que escolher uma carta, ver o desenho, ir até o quadro e escrever o nome da figura escolhida, a turma podia ajudar a montar as palavras. As crianças gostavam bastante desse tipo de atividade de escrever no quadro.

Imagem 13 -



Fonte: a autora.

3º Encontro

Conteúdo: Palavra dentro de palavra e Letra inicial.

Objetivo: Identificar o fonema inicial de palavras associando o fonema à respectiva letra, encontrar palavras dentro de outras palavras. Perceber que se mudarmos às letras, mudamos as palavras.

Iniciamos nosso terceiro encontro da mesma maneira dos anteriores, com muita animação e as crianças já estavam aguardando ansiosas. A supervisora da escola falou que elas gostavam e ficavam muito animadas com as aulas.

Começamos a aula brincando de “Telefone sem Fio”, dispus a turma em círculo e eu

falei uma frase no ouvido de uma criança que estava à minha direita (‘Hoje a história é confusão na floresta’) sem deixar que as outras escutassem, assim essa criança falava no ouvido de outra que estava à sua direita e assim sucessivamente, até todos fazerem o mesmo processo, falar no ouvido da outra à direita. O último revela o que ele ouviu. (‘Hoje é dia de floresta’). Ainda ficou com algumas palavras da frase inicial, pode ter sido devido ao número de apenas 5 estudantes. Não distorceu muito.

Então retomei a frase (‘Hoje é dia de floresta’) e perguntei para a primeira criança se era essa a frase.

- Ela respondeu que não e repetiu a frase original (‘Hoje a história é confusão na floresta’).

Então continuei a falar, hoje vamos ouvir uma história que o nome dela é ‘Confusão na Floresta’. Que confusão será essa?

Inferências a partir da brincadeira e o cubo com várias figuras de animais coladas, já estimulava as crianças a buscarem informações. Elas ficaram curiosas e foram formulando hipóteses sobre a história. Depois que todas falaram, comecei a história com ar de mistério.

Para essa história utilizei um cubo onde cada parte era um personagem da história. No final, o cubo se abriu mostrando um cenário com todos os personagens na festa. Neste momento as crianças ficaram encantadas, elas não esperavam que o cubo fosse se abrir.

Imagem 14 -



Fonte: a autora.

Aproveitei essa história e realizei uma atividade de sondagem processual, para verificar se as crianças estavam conseguindo aprender ou precisava mudar de estratégias, então entreguei uma folha com os desenhos dos personagens da história para os estudantes escreverem os nomes da imagem, da maneira que conseguiam. Era o momento do “Quem dá Conta? ”. Quem conseguia escrever sozinho, sem olhar para a tarefa do coleguinha.

Imagem 15 -

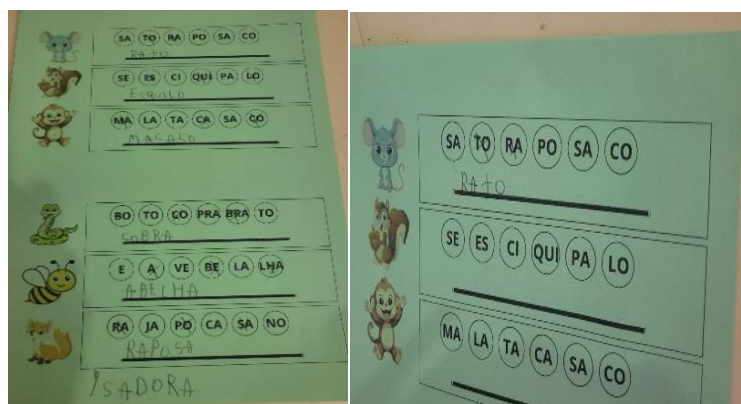


Fonte: a autora.

As crianças participavam todas entusiasmadas e elas não percebiam que estavam sendo avaliadas em nenhum momento, para elas era uma brincadeira, elas estavam muito envolvidas com as atividades. Percebi que trabalhando com jogos ou mesmo com uma atividade apresentada de forma mais lúdica, a turma toda se envolvia, pois para as crianças era um momento muito bom e descontraído. Elas conseguiam perceber as dificuldades e resolviam na brincadeira, sem a cobrança de terem que acertar, o que era importante nesta atividade era a tentativa, perceber como elas estavam pensando na escrita da palavra.

Depois dei uma outra atividade de ‘Decifrar Sílabas’, assim com as sílabas misturadas as crianças deveriam identificar apenas as que se referiam as imagens.

Imagem 16 -



Fonte: a autora.

O estudante, de nome fictício *Pirata*, nome escolhido pelo estudante após a criação do texto coletiva final, estava escrevendo fora da ordem, então fui auxiliá-lo.

Vamos seguir a ordem certa das letras nas palavras, se a gente muda a letra, muda a palavra, então vamos lá. Precisamos escrever RATO. Quantas sílabas tem a palavra RATO?

Vamos falar a palavra RATO, quantas vezes abro a boquinha para falar RATO?

- Duas, RA-TO
- Então a gente segue a ordem do primeiro pedacinho, qual é?
- RA.
- Então agora vamos ver o outro pedacinho, RA-TO. Qual é o outro pedaço da palavra?

Ele responde:

- TO.
- Então vamos colocar na frente do RA e tentar ler.
- RATO
- Muito bem, você conseguiu! Agora vamos para a próxima palavra. Vamos escrever

ESQUILO.

Quantas vezes eu abro a boca para falar esquilo?

- Três.
- O primeiro pedacinho é?
- ES.
- Como é ES?

Ele responde, 'S' 'E'.

Então digo:

- É ESQUILO ou SEQUILO? Lembra quando eu falei. Se mudar a letra, muda a palavra.

Eu quero escrever ESQUILO ou SEQUILO?

- ESQUILO.
- Vamos ver onde está o ES.

Ele encontra e escreve.

- E depois? Vou repetindo devagar, ES-QUI-LO. Qual o pedacinho que a gente tem que encontrar?

- QUI.
- Como é o QUI?
- 'Q' 'I', ele responde.
- Mas o Q é casadinho com uma letra, eles andam sempre juntinhos, o Q nunca está

sozinho. Que letra é, você se lembra?

- A letra U!
- Muito bem! Então como eu faço para ficar QUI?
- 'Q' 'U' 'I'.
- Parabéns!! E para terminar o último pedacinho é?

- LO

- Onde está o LO?

Ele encontra e escreve.

Assim a criança continuou tentando realizar a atividade sozinha.

Outro estudante vem mostrar a tarefa e tinha escrito a palavra ABELHA sem o H. Então falo com ele. Será que não está faltando nada? Vamos ler juntos?

- 'ABELA'.

- É ABELA ou ABELHA? Pergunto.

- ABELHA.

Faço o som do LH junto e pergunto, qual letra será que está faltando?

- O 'H'. Ele corrige a tarefa.

Em seguida, realizamos outra atividade para analisar número de sílabas, número de letras e escrita de palavras.

Imagem 17-



Fonte: a autora.

Nesta atividade uma estudante que tinha em seu nome a letra S com som de Z, ficou encantada quando descobriu que Raposa também tem S com som de Z, ela recebeu o nome fictício de *Raposa* por causa desse ocorrido.

Ela chega toda entusiasmada e comenta depois de escrever RAPOSA com S.

- É que eu pensei que era a letra Z, mas o S tem som de Z, igual meu nome.

Então eu falei:

- O 'S' com som de 'Z', apareceu em que palavrinha?

Ela respondeu:

- Na raposa!

- Parabéns! Você fez uma descoberta!

Depois dessa atividade realizamos uma cruzadinha, assim os quadradinhos auxiliaram

na escrita mostrando o número de letras e que em palavras diferentes pode haver letras iguais. Essa atividade tinha algumas dificuldades ortográficas, aparecendo os dígrafos QU e LH, S com som de Z, escrita de palavras seguindo a ordem de Consoante, Consoante e Vogal na mesma sílaba.

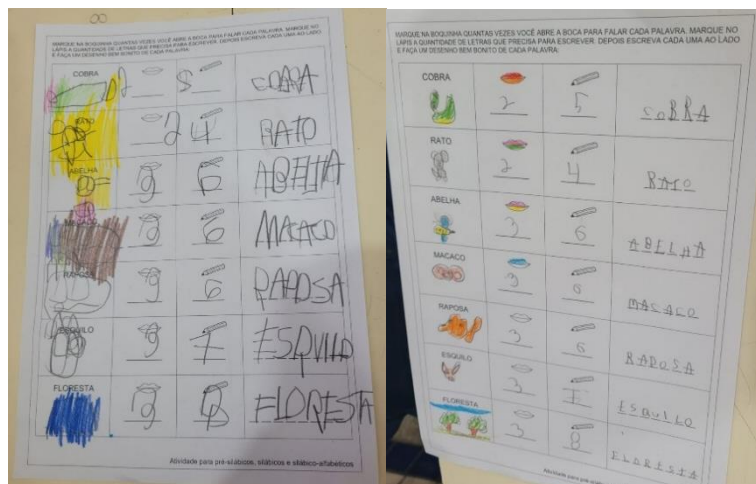
Imagem 18 -



Fonte: a autora.

Concordamos com Soares (2014 p.156), quando diz que “nas atividades de escrita de palavras são também atividades de leitura, porque enquanto vão construindo as notações, seus autores tendem a reler o já produzido”. Mas para sistematizar e conferir se as crianças estavam conseguindo ler palavras e compreender o que tinham lido, realizei uma atividade em que os discentes deveriam ler as palavras e desenhar os animais.

Imagem 19 -



Fonte: a autora.

Tivemos duas crianças que não queriam ler, falavam que não sabiam e queriam que eu

lesse para elas, então fui devagarinho apontando as letras e pedindo para fazer o som junto comigo, eu esperava a criança tentar e só fazia o movimento com a boca e de repente a criança lia a palavra e saía para desenhar. Elas já conheciam os sons, mas ainda estavam inseguras e só precisavam de um pouco de confiança. Assim conseguiram realizar a atividade proposta.

E, para finalizar a aula, fizemos uma brincadeira cantada para enfatizar que cada sílaba deve ter seu lugar certo e se a gente muda a letra, muda a palavra. Iniciamos a brincadeira de descobrir palavra dentro de palavra. Para isso, entreguei uma folha de papel A4 com a escrita de uma sílaba para cada criança, para formar palavras trissílabas e depois pedia para uma sílaba sair e elas deveriam adivinhar qual palavra formou. Então falei que íamos brincar com a palavra BONECA. Três estudantes com cada sílaba na ordem formando a palavra boneca. A música tem o nome de BONECA Canção, Brincadeira e Leitura de Estevão Marques.

BO-BO-BO

NE-NE-NE

CA-CA-CA

VIROU BONECA

O CA FOI PASSEAR (o estudante da sílaba ca sai)

E ASSIM BONECA VIROU (neste momento as crianças devem ler a palavra que formou)

BONÉ.

Repetimos a música, com os três estudantes segurando as sílabas formando a palavra BONECA. Dessa vez retiramos a sílaba BO.

E ASSIM BONECA VIROU (neste momento as crianças devem ler a palavra que formou)

NECA.

Repetimos mais uma vez, com os três estudantes segurando as sílabas formando a palavra BONECA e retiramos a sílaba Ne

E ASSIM BONECA VIROU (neste momento as crianças devem ler a palavra que formou)

BOCA.

Fizemos a mesma brincadeira com as palavras TUCANO, SAPATO, GIRAFÁ, MACACO. Formando outras palavras TUCANO, CANO, SAPATO, SAPA, PATO, GIRAFÁ, GIRA, RAFA, (neste momento surgiu o som tremido do R, então tivemos a oportunidade de falar do som do R “fraco, brando” e o som do R “forte”, no início da palavra e quando pede reforço a outro R, formando RR no meio das palavras para ficar “forte”. Continuamos a

Depois os estudantes trocavam de jogos, assim todos conseguiram brincar. Ainda fiz outro material para treinar a leitura. À medida que ia terminando os jogos eu ia pedindo para as crianças lerem as palavras. Era em um formato de livrinho com palavras dissílabas e ao passar as páginas muda uma sílaba e outra permanece, formando nova palavra.

Imagem 22 -



Fonte: a autora.

4º Encontro

Conteúdo: Produção de texto e Ortografia Q e C,

Objetivo: Produzir um texto recontando a história ‘Confusão na Floresta’. Compreender o uso do QU e C nas palavras.

Iniciamos nosso quarto encontro bem animados e aproveitei para enfeitar a sala com desenhos de animais colados nas paredes e quadro. Para começar a aula, fui instigando as crianças para recontar a história ‘Confusão na Floresta’. Eles iam lembrando e falando a história. contei a história novamente, utilizando o cubo, pois um colega havia perdido a aula anterior e queria que todos soubessem da história para confeccionarmos um livro de dobradura.

Depois da história contada, fizemos uma dobradura utilizando uma folha A4, formando um livro. Em seguida colamos a imagem de cada personagem em cada folha do livro. Assim a turma foi desafiada a ver a imagem nas folhas do livro montado e contar e escrever a história.

Imagem 23 -



Fonte: a autora.

Contamos a história apenas olhando as imagens coladas nas folhas do livro de dobradura, depois pedi para as crianças escreverem como foi a história. Nesta atividade os estudantes do nível Pré-silábicos e Silábicos, não conseguiram escrever frases, então eles copiaram apenas os nomes dos animais. As demais crianças colaram as imagens em cada página e foram tentando montar uma frase em cada uma das páginas para formarem um texto, as crianças escreveram de forma espontânea. A seguir, reescrevi da mesma forma que eles, os seis textos de estudantes com seus nomes fictícios.

Tabela 3 - Escrita espontânea de texto ‘Confusão na floresta’

A RAPOSA FOI FAZE UMA FESTA A ABELHA RRECEBEU O COMVITI A ABELHA CHAMOU O ESQUILO O ESQUILO CHAMO A COBRA CAROU A COBRA CAROU CHAMO O MACACO PETICA ACONTECEU UMA COMFOZÃO O RATINHO ZAZÁ REZOVEU TUDO A FESTA FUI UM SUSESU AUTOR- <i>MACACO</i>	A RAPSA EVAIDAUMA FESTA A ABELHA RECEDEUOCOVIT ABELHA SAN MO O ESQUILO O ESQUILO A CORACAROU A COBRA O MACACO ACOTESE UMA CO FUSÃO NA FORESTA O RATO RESOVEU TUTU A FSTA FOI UNSUSE SUCESO AUTOR- <i>ALIENÍGENA</i>	ARAPOSA VAI DA UM FESTA ABELHA ESB UM CONVITE A ABELHA XAMOU O E ESQUILO O ESQUILO XAMOU A COBRACARO ACOBRA CAROXAMOUO MACACO ACONTSUM CONFOSÃO ORATO ESOVEU TUDO AFSTA FO UM SU AUTOR- <i>COBRA CAROL</i>
A RAPOSA FEZI FESTA ABELHA RECEBU O COVITE A ABELHA SOMOU ESQUILO	A RAPOSA VAI DA UMA FETAS ABELHA RESEBEOCOVITE	A RAPOSA FOI FASE UMA FESTA ABELHA RESEBUCOUVITE.

O ESQUILO SOMOU COBRA CAROU A COBRA SOMOU MACACO PETECA ACOTESEU COFUZIZÃO RATO ZAZÁ REZOVEUTUTO AFETAUFOUSUSESO AUTOR- <i>RATINHO</i>	ABELHA CHAMOL ESQUILO O ESQUILO COBRA CAROL A COBRA CAROL CHAMOL MACACO ACONFUZUL ACONTECEU NA FLORESTA O RATO DUDO REZOVEL A FETA FOI UM SUSESO AUTOR- <i>RAPOSA</i>	ABELHA RESOBEUCOUVITA O ESQUILO XAMO ACOBRA CAROU A COBRA CAROU XAMOL MACACO PETECA A CONTESEL CORFUXÃO RATO RESOUEU TEDO A FESTA FOE UMA SUSERSO AUTOR- <i>SEREIA</i>
---	--	--

Fonte: a autora.

A criança não precisa estar alfabetizada para se envolverem com a escrita de texto. A ideia de construir um texto envolve uma gama variada de conhecimentos linguísticos, isso significa que desde o primeiro ano do ensino fundamental, precisa contemplar a escrita de textos de forma progressiva, não eventual e pouco sistemática.

Em nossas atividades apareceram palavras com dificuldades ortográficas e como Morais (2000) afirma que há correspondência letra-som que são regulares e podem ser incorporadas pela compreensão, mas existem correspondências irregulares, que pressupõe a memorização. Assim não pude deixar passar a oportunidades de brincar com algumas correspondências, como foi o caso do QU.

Tabela 4 - Correspondências fonográficas regulares

Regulares diretas	Regulares contextuais	Regulares morfológico-gramaticais presentes nas flexões verbais
-------------------	-----------------------	---

P, B, T, D, F, V.	R e RR, G e GU, C e QU; J formando sílaba com A, O, U; Z em palavras que começam com som de Z; S no início de palavras formando sílabas com A, O, U; E e I em palavras que terminam com som de I; M, N, NH ou ~ para grafar formas de nasalização.	Cantou, Dançou, Cantarão, Dançarão, Cantam, Dançam, Cantaram, Dançaram, Cantasse, Dançasse, Cantar, Dançar,
-------------------	--	---

Fonte: a autora.

Para as irregularidades, é necessário selecionar um repertório de palavras usuais e relevantes aos estudantes nesse momento de escolarização inicial. A visualização frequente irá auxiliar no processo de internalização.

Devido aparecer a palavra esquilo e algumas crianças apresentarem dificuldade ortográfica na escrita com C e Q, fiz uma explicação durante a atividade, falei que a letra Q é casada com a letra U e a letra Q está sempre acompanhada da letra U, e nas palavras em português, que é a nossa língua, ela nunca estará sozinha.

Para fixar o conteúdo resolvi criar um jogo de detetive para investigar se a escrita é com C ou Q, coleí algumas fichas no quadro, com as sílabas emaranhadas, mas com a imagem da palavra, as crianças escolhiam uma ficha e escreviam a palavra correta no quadro.

Imagem 24 -



Fonte: a autora.

Entreguei algumas fichas com imagens e a palavra faltando alguma letra para completar com C ou QU. A criança pegava uma ficha, que ficava virada para a mesa, olha o desenho, lê a

palavra e fala se é com Q ou C. E completava sua cartela com a letra apropriada.

Imagem 25 -



Fonte: a autora.

5º Encontro

Conteúdo: Leitura e escrita

Objetivo: Desenvolver a consciência fonológica, explorando os sons iniciais das palavras, identificar sílabas como unidade sonora.

Continuamos com o tema sobre animais, a sala toda enfeitada com imagens de animais coladas no quadro e paredes e começamos a aula com a música ‘Bichinhos de Jardim’ de Danilo Benício. A música foi fixada no quadro e convidei toda a turma para cantar junto comigo. Depois de cantarmos os estudantes realizaram a tarefa de escrita de frases, substituindo a imagem pela palavra.

Imagem 26 -



Fonte: a autora.

Em seguida, relembramos da história ‘Confusão na Floresta’ e perguntei como será que escreve ‘FLORESTA’. As crianças foram falando e eu colocando as letras no quadro.

Uma criança falou F O, outra já foi corrigindo que havia um L depois do F, senão ficaria ‘Floresta’. Então coloquei FLO e continuei, e depois de ‘FLO’, vem quais letras? Dessa vez, não repeti a palavra completa, deixei eles pensarem que palavra era para escrever. Queria saber se estavam mesmo prestando a atenção.

A *Cobra Carol* logo respondeu:

- R E.

Escrevi no quadro FLORE, e então, tem mais alguma letra? Terminamos de escrever a palavra?

O *Ratinho* continuou falando T A.

Escrevi no quadro ‘FLORETA’, está certo? Falta alguma letra? Olha direito. Leiam o que está no quadro.

A *Raposa* respondeu rápido, o S.

- Onde eu coloco o S?

- No RE.

- Eu tiro o RE e coloco S?

- Todos gritam. Não!

- Então como faço?

A *Raposa* continua, depois do E, coloca o S.

Escrevi no quadro ‘FLORESTA’. E perguntei:

- É assim que se escreve FLORESTA?

Todos gritam, sim!

Falei que iríamos fazer um acróstico com a palavra floresta, eles iriam utilizar as letras da palavra FLORESTA e usar como inicial de outras palavras. Entreguei uma folha A4 com a palavra escrita e falei que podiam escrever livremente.

Imagem 27 -



Fonte: a autora.

Depois, entreguei o cartão conflito mais uma vez com os personagens de ‘Confusão na Floresta’, para perceberem que utilizamos várias letras para escrever uma palavra.

Imagem 28 -



Fonte: a autora.

Para fixar sílabas e avançar o pré-silábico e silábico fiz a atividade já dividida em pedacinhos para poderem escrever dentro de cada espaço. Assim compreenderam que a palavra é composta por sílabas e começaram a ter a noção de consciência silábica, ou seja, a habilidade de identificar e manipular partes sonoras em uma palavra, como sílabas ou partes de sílabas. No primeiro encontro o estudante escreveu utilizando apenas as letras de seu nome, agora é possível verificar que aparecem outras letras e que estas são relacionadas aos nomes das imagens.

Imagem 29 -



Fonte: a autora.

Entreguei outra atividade para reconhecerem os nomes dos animais em meio a outras quatro palavras, nesta atividade utilizei a mesma sílaba inicial para provocar a leitura de cada palavra e não apenas a inicial e encontrar a palavra certa, nesta atividade era preciso identificar sons e estruturas silábicas promovendo o reconhecimento de palavras e desenvolvimento da leitura. O estudante Alienígena já foi marcando qualquer uma pois só olhava a inicial e depois me entregou, falei que ele quase tinha acertado, mas aquela tarefa tinha um segredo, as palavras

começavam iguais, mas eram diferentes, convidei a sentar e ir lendo lentamente comigo. Assim ele conseguiu realizar a tarefa.

Imagem 30 -



Fonte: a autora.

Depois entreguei um jogo do CEEL, ‘Bingo dos Sons Iniciais’, sorteei as palavras e a turma tentava ler, as crianças que tivessem a imagem que começa com o mesmo som da palavra lida, marcaria na cartela com massinha de modelar. As crianças deveriam comparar as palavras quanto às semelhanças sonoras, desenvolver a consciência fonológica por meio da exploração dos sons das sílabas iniciais das palavras (aliteração) e perceber que palavras diferentes possuem partes sonoras iguais.

Imagem 31 -



Fonte: a autora.

Preparei uma caixa com vários animais fixado em vareta e pedi para cada criança escolher uma figura de animal e escrever o nome no quadro. Elas gostavam desse tipo de atividade, e eu percebia que ficavam entusiasmadas e procuravam escrever corretamente as palavras.

Imagem 32 -



Fonte: a autora.

Depois, inverti a tarefa, com o cartaz colado na parede com nomes de vários animais e as figuras na mesa, as crianças deveriam ler a palavra no cartaz e colar o animal correspondente.

Imagem 33 -



Fonte: a autora.

Logo em seguida da atividade no cartaz, as crianças fizeram duplas e brincaram de ler e encontrar a figura, cada figura ficava com a imagem voltada para baixo e retirada uma por vez, à medida que fossem virando a imagem, precisavam achar a palavra correta.

Imagem 34 -



Fonte: a autora.

Depois entreguei uma folha para elas escreverem os nomes das figuras da atividade anterior, escrita espontânea sem auxílio e sem copiar do colega. Era o momento do “QUEM DÁ CONTA?”

Imagem 35 -



Fonte: a autora.

Finalizamos a aula com o jogo da memória dos animais de ‘Confusão na Floresta’. Uma ficha com o nome e outra com a imagem. Dividi a turma em dupla para brincar. Nesta atividade eles precisaram ler as palavras e ver as imagens, para que formassem duplas.

Imagem 36 -



Fonte: a autora.

6º Encontro

Conteúdo: Escrita de listas diversas de acordo com alguns critérios: ordem alfabética, contexto semântico.

Objetivo: Participar de situações de produção oral e escrita de textos no gênero lista.

Iniciei a aula com a leitura do livro ‘O ovo’, de Milton Célio de Oliveira Filho, comecei lendo e no final da história onde mostra o que ia sair de dentro do ovo, parei de contar e perguntei que animal elas imaginavam que sairia de dentro do ovo. Elas falaram vários animais, então pedi para que desenhassem e na aula seguinte eu iria continuar a leitura e elas descobririam que animal saiu do ovo.

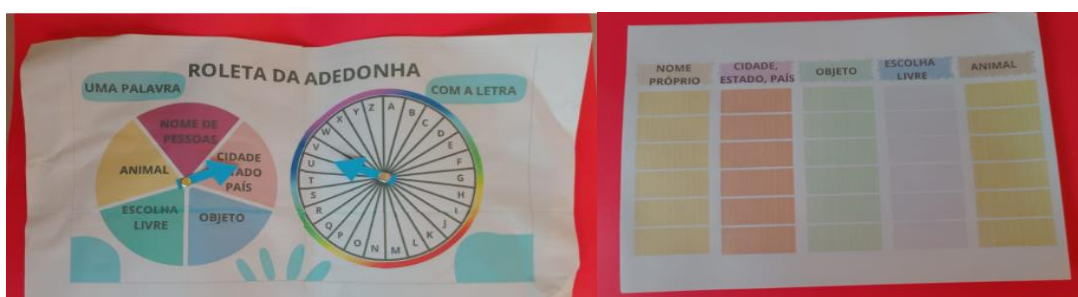
Imagem 37-



Fonte: a autora.

Continuando a aula, perguntei quem já tinham brincado de ‘Adedonha’⁶. Coloquei um jogo na mesa e expliquei que a gente precisaria girar duas roletas, uma para saber o tema e outra roleta para saber a letra inicial. Cada criança recebeu uma folha A4, para preencherem no espaço adequado. Algumas crianças não queriam escrever e já iam falando, eles pensavam que tinha que ser o primeiro. Mas falei que a atividade era para ser escrita, não precisava ter pressa. Todos iam esperar. Aos poucos foram E assim conseguimos realizar a tarefa.

Imagem 38 -



Fonte: a autora.

⁶ Adedonha é uma brincadeira que precisa anotar em um papel dividido por temas palavras com a mesma inicial em menos tempo.

Logo após fomos fixar a leitura com jogo de tabuleiro onde jogamos dois dados, um com número e outro com as letras fazendo a correspondência (estilo do jogo batalha naval). A palavra que estivesse no espaço deveria ser lida pela criança que jogou os dados.

Imagem 39 -



Fonte: a autora.

Depois ainda utilizamos o alfabeto móvel com as crianças do nível pré-silábico e silábico para formar palavras dissílabas.

Imagem 40 -



Fonte: a autora.

E um segundo grupo utilizou outro jogo ‘Meu Ditado’, este jogo consistia em um grupo de palavras e outro de imagens, assim as crianças deveriam ler as palavras e associar a imagem.

Imagem 41 -



Fonte: a autora.

7º Encontro

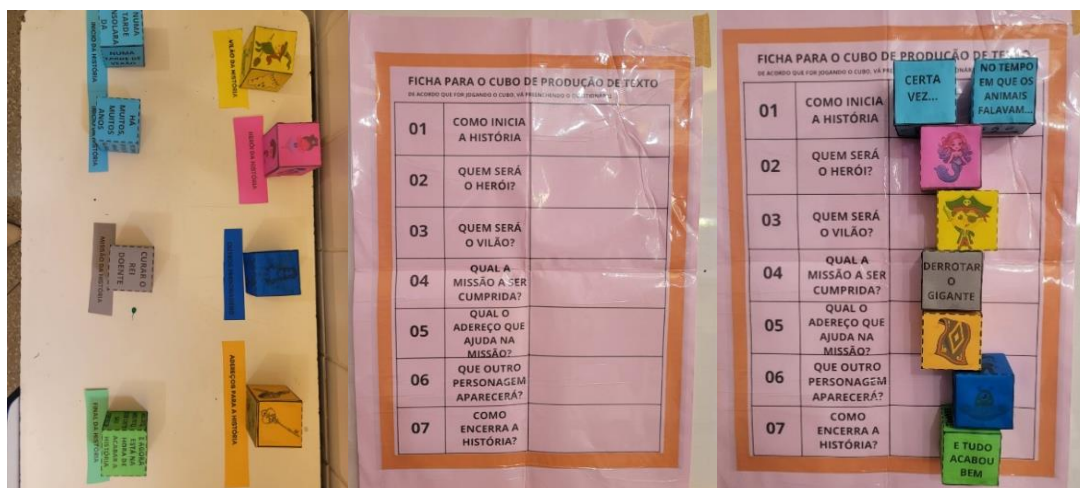
Conteúdo: Criação de histórias por meio de desenhos.

Objetivo: Organizar as ideias em parágrafos em produção de textos escritos em prosa em diferentes gêneros.

Comecei a aula lembrando a história ‘O ovo’ de Milton Célio de Oliveira Filho, perguntei quem lembrava da história e quais foram os desenhos que eles fizeram, contei novamente a história e revelei o final. Nenhuma criança conseguiu acertar o final da história, mas foi muito divertido a realização dessa tarefa, pois despertou a curiosidade e incentivou a pensar em possíveis animais que poderiam ter saído de dentro do ovo.

Depois passamos para a produção de texto coletiva. Para essa atividade preparei vários cubos e um cartaz grande para fixar na parede. Cada cubo era referente a uma parte para compor a história. Mostrei cada parte do cubo e uma criança por vez jogou o cubo e esse era o desafio, montar uma história com aquela parte. No primeiro momento foi uma “Tempestade de ideias”, tudo muito solto as crianças iam falando aleatoriamente, as ideias iam surgindo. Só montamos um texto quando todos os dados estavam colados no cartaz. Organizamos as ideias e montamos um texto coletivo. Deixamos o texto para continuar na aula seguinte e passamos para outra atividade.

Imagem 42 -



Fonte: a autora.

Pensando na consciência fonológica e para fixar a letra inicial, a aliteração, fiz um jogo onde cada criança pegou um círculo com a letra do alfabeto e marcou com pegadores as imagens que iniciavam com a letra destacada.

Imagem 43 -



Fonte: a autora.

O outro grupo de estudantes que já identificavam as letras foram convidados para brincar com outro jogo, “o varal de sílabas”, consistia em um minilivro composto por lâminas com todas as sílabas possíveis, ligadas por um espiral. Ao manusear as crianças iam tentando montar palavras com as sílabas.

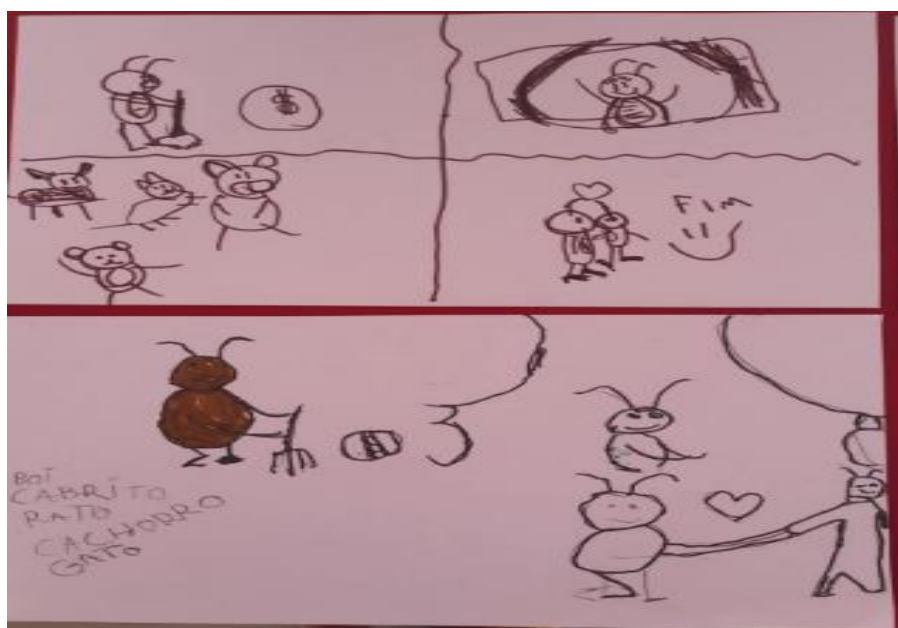
Imagem 46 -



Fonte: a autora.

Depois da produção final lida, falei que íamos ouvir mais uma história. A história do ‘Casamento da Dona Baratinha’. contei a história utilizando figuras. Depois entreguei uma folha, dobrei em 4 partes, para dividir e pedi para as crianças desenharem as partes da história. Essa atividade incentivou a produção individual a partir de reconto visual e verbal da história. Nessa proposta, a sequência de fatos foi explorada, bem como a identificação das cenas que dizem respeito ao início, ao desenvolvimento e ao final da narrativa.

Imagem 47 -



Fonte: a autora.

Depois à medida que foram terminando, pedi para recontarem a história oralmente. Na tabela a seguir está narrada a história contada por eles, juntamente com seus nomes fictícios.

Tabela 5 – Reconto oral da história ‘Casamento da Dona Baratinha’

Era uma vez, a dona baratinha. Ela decidiu arrumar a sua casa e varrer a sua casa, limpar ela. Daí ela pensou em casar, aí ela pegou o dinheirinho, foi lá na janela e começou a cantar:

- Quem quer casar com uma dona baratinha e tem dinheiro na caixinha e um laço na cabeça.

Apareceu um boi

Daí dona baratinha falou:

- Como é a sua voz?

- Muuuuu

- Não! Isso vai me assustar, e o boi foi embora.

E a baratinha, começou a cantar:

- Quem quer casar com uma dona baratinha que tem dinheiro na caixinha e tem laço na cabeça.

E apareceu... tarã, tarã...O cavalo

Daí dona baratinha falou:

- Você quer casar comigo?

- Quero sim

Aí a dona baratinha, como é a sua voz?

- Riíiiiiii

- Daí isso não, isso vai me assustar.

Daí o cavalo foi embora.

E dona baratinha começou a cantar:

- Quem quer casar com uma dona baratinha que tem dinheiro na caixinha e um laço na cabeça.

E aí apareceu... tãtãtã... o ratinho!

Daí o ratinho falou para a dona baratinha:

- Eu quero casar com a senhora!

Daí a dona baratinha:

- Então tá bom, como é a sua voz?

Nhac, nhac, nhac.

- Eu quero sim!

Daí eles arrumaram uma festa. Aí o ratinho sentiu um cheiro de feijoada, feijoada não, vou falar queijo. Ele ama queijo! Sentiu um cheiro de queijo, daí ele foi sentindo, sentindo foi numa panela cheinha de queijo e ele comeu, comeu, daí a dona baratinha pareceu e eles terminaram.

Daí apareceu o Dono Baratão e eles se casaram e viveram felizes para sempre e rolou uma festa e fim.

Autor: *Gato Xadrez*

Era uma vez uma baratinha que decidiu limpar sua casinha. Então ela raveu, raveu, e encontrou uma moedinha. Ela decidiu se casar. Então ela foi até a janela e disse.

- Quem quer casar com a dona baratinha que tem laço na cabeça e dinheiro na caixinha.

Aí apareceu o boi.

E a baratinha disse:

- Você quer casar comigo?

- Sim!

- Aí, qual é a sua voz?

- Muuuu

- Ah, não! Isso me assusta.

Então o boi decidiu ir embora.

Aí a baratinha cantou a mesma música:

- Quem quer casar com a dona baratinha que tem laço na cabeça e dinheiro na caixinha?

Aí apareceu, o cavalo.

Você quer se casar comigo?

Sim.

Então ela disse:

- Qual é a sua voz?

Ihiii, ihiii

Então, ah não, isso me assusta.

Então o cavalo decidiu ir embora.

E a baratinha fez a mesma música:

- Quem quer casar com a dona baratinha que tem laço na cabeça e dinheiro na caixinha?

Até apareceu o bode.

Aí ela disse:

- Você quer se casar comigo?

- Sim.

Então, qual é a sua voz?

Béééé, béééé

Ah, não! Isso me assusta!

Então o bode decidiu ir embora.

- Quem quer casar com a dona baratinha que tem laço no cabeça e dinheiro na caixinha?

Aí apareceu o gato

E ela disse:

- Você quer se casar comigo?

- Sim

Então ela disse, qual a sua voz?

- Miau, miau.

- Ah, não! Esse barulho me assusta!

Então o gato decidiu ir embora.

E ela fez de novo.

- Quem quer casar com a dona baratinha que tem laço na cabeça e dinheiro na caixinha?

Até que apareceu um cachorrinho.

E ela disse:

- Você quer casar comigo?

- Sim.

- Então qual é a sua voz?

- Au, au.

Aí ela disse:

- Ah não, assim você me assusta.

E o cachorro foi embora.

Aí fez a mesma música.

- Quem quer casar com a dona baratinha que tem laço na cabeça e dinheiro na caixinha?

Até que apareceu o dono ratão.

Então ela disse:

- Você quer se casar comigo?

- Sim.

- Então como é a sua voz?

- Qui, qui, qui.

- Ah, então, essa eu gosto.

Eles fizeram uma festa inteirinha. Aí o ratinho sentiu um cheirinho. Hummm. Que cheirinho mais bom! Eu vou procurar esse cheirinho!

Então o caldeirão, que era tão grande que ele acabou de cair.

Então a baratinha não gostou e voltou pra casa e voltou pra janela e decidiu não cantar.

Então veio o dom baratão, aí ela disse:

- Você quer se casar comigo?

- Sim.

Então, eles se casaram e viveram felizes para sempre. E fim.

Autora: *Raposa*

Fonte: a autora.

Depois à medida que iam terminando a atividade anterior, foram encaminhadas para um grupo e lá coloquei um tabuleiro na mesa com diversas sílabas e alguns óculos para colocarem os óculos no cartaz e encontrar palavras dissílabas.

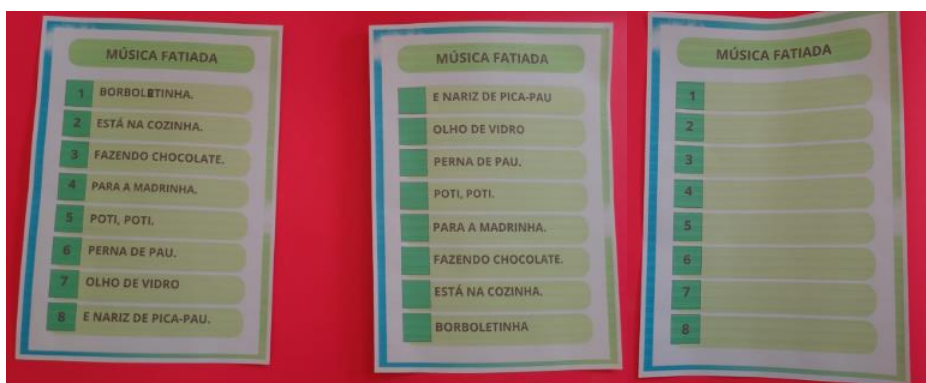
Imagem 48 -



Fonte: a autora.

Para desafiar a leitura, escrevi a música ‘BORBOLETINHA’ em um cartaz grande e coleí na parede, pedi para que tentássemos ler, mas rapidamente as crianças perceberam que era a música e começaram a cantar. Depois fui pedindo para lerem as frases que eu ia apontando. Logo em seguida entreguei uma cópia com a letra da música com as frases fora da ordem e pedi para que encontrassem a primeira frase, e numerassem, fizemos o mesmo com a segunda frase até terminar todas. Em seguida pedi que recortassem na ordem que eles anotaram e colassem em outra folha que também já tinha sido entregue.

Imagem 49 -



Fonte: a autora.

Depois falei com as crianças para aproveitar o clima de casa, Dona Baratinha varrendo e encontrou uma moeda, a Borboletinha que estava fazendo chocolate. Vamos brincar de virar utensílios de cozinha? Vamos cantar uma música e fazer os gestos. A música é “VIRO VIRA VIROU” do grupo TRIII. Dessa forma cantamos e dançamos a música e depois passamos para a atividade de leitura de palavras.

Imagem 50 -



Fonte: a autora.

Depois de brincar e dançar a música, passamos para a ‘Loteria da Leitura’. Para essa atividade dividi a turma em duplas e entreguei umas cartelas caça utensílios e para o outro grupo caça material escolar para que as crianças lessem, encontrassem as palavras referentes às imagens e marcar com pegador.

Imagem 51 -



Fonte: a autora.

Assim que iam terminando entreguei um ‘jogo da memória’ para cada dupla com os utensílios de cozinha que aparece na música. As crianças deveriam deixar as cartas viradas para baixo, escolher uma carta por vez, ler a palavra ou a imagem e formar pares.

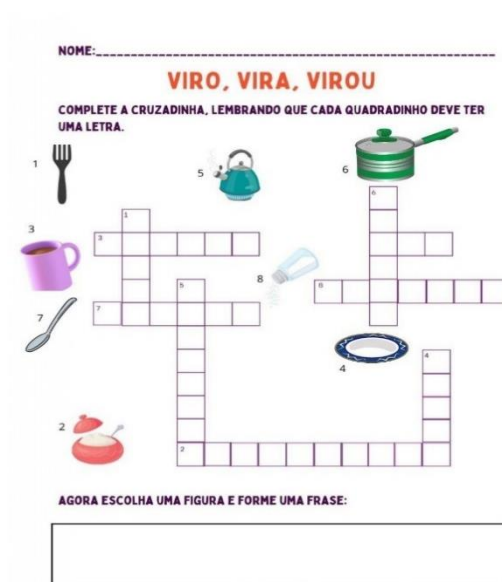
Imagem 52-



Fonte: a autora.

Depois que brincaram por um tempo suficiente para concluir, finalizamos a aula com uma cruzadinha para escreverem os nomes dos objetos que aparecem na música. O jogo da memória poderia ser usado como material de apoio.

Imagem 53 -



Fonte: a autora.

9º Encontro

Encerramento

E como prometido, na última aula tivemos o Uno, porém com o foco pedagógico. As cartelas tinham imagem, palavras e frases. Assim as crianças alfabetizadas que já conseguiam ler frases, ficaram com as cartelas de frases, o outro grupo com cartelas de palavras. Assim conseguimos ler palavras e frases e brincar de Uno.

Imagem 54 -



Fonte: a autora.

Depois fomos direcionados ao auditório da escola, todo organizado, com enfeites das aulas trabalhadas e fiz a contação de história criada pelos estudantes do reforço, para as turmas dos mesmos e tivemos o momento dos autógrafos e entrega de livros.

Assim finalizei o projeto de intervenção nesta escola, com o coração agradecido e a sensação de dever cumprido. A direção, professores e estudantes agradeceram e ficaram muito satisfeitos.

4.3 PRIMEIROS PASSOS

Nos níveis psicogenéticos da língua escrita nos estudos de Ferreiro e Teberosky, elas sugerem uma lista de quatro palavras, seguindo a ordem dissílaba, trissílaba, polissílaba e monossílaba, de um mesmo campo semântico e uma frase contendo a palavra dissílaba. Porém, escolhi nove palavras com níveis de dificuldades diferentes, incluindo palavras com padrões simples consoante - vogal - consoante, outras que iniciavam com vogal - consoante - consoante, dígrafos e som nasal. Essas palavras foram retiradas da história ‘O Gato Xadrez’ de Bia Villela. Eram elas: GATO, REDE, BANHEIRO, JANELA, ESPELHO, SARDINHA, ESPETO, CANJA, AMIGOS.

De acordo com a escrita feita pelas crianças e as características de cada nível, foi possível identificar o nível de escrita de cada estudante. Criei um quadro para melhor visualização. Vou utilizar nomes fictícios escolhidos pelos próprios alunos na última aula relacionados às histórias contadas durante o projeto.

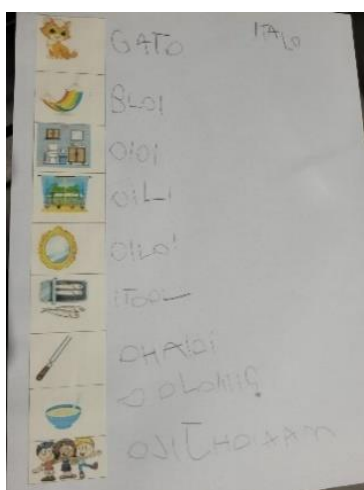
Tabela 6 – Níveis de escrita inicial da turma

Pré-silábico	silábico	Silábico-Alfabético	Alfabético	Alfabetizados
<i>Uno</i>	<i>Gato Xadrez</i>	<i>Alienígena</i>	<i>Raposa</i>	Não Havia até aquele momento.
<i>Esquilo</i>		<i>Pirata</i>	<i>Sereia</i>	
		<i>Cobra Álex</i>	<i>Ratinho</i>	
			<i>Macaco</i>	

Preciso ressaltar que os níveis 1 e 2 da psicogênese ficaram conhecidos como níveis pré-silábicos. Todavia, essa denominação não aparece em publicações das pesquisadoras. Ferreiro chegou a criticar este termo ‘pré-silábico’ por valorizar a hipótese posterior - silábica -, desmerecendo as construções originais das crianças nesses primeiros níveis. Concordo com a autora sobre a valorização da hipótese seguinte, mas penso nos níveis de escrita de forma flexibilizada, dificilmente as aprendizagens sobre a língua escrita irão encaixar-se perfeitamente na definição de um nível apenas. Afinal, dentro deste nível existem várias

categorias, sendo que algumas crianças escrevem com traços semelhantes o ‘m’ em letra cursiva, outras pensam que escrever nomes de animais grandes deve possuir mais letras e animais pequenos menos letras como boi e formiga, estas crianças utilizam a mesma regra para adultos e crianças, ou seja, se é nome de uma pessoa adulta, terá muitas letras. Mas se for nome de criança, por ser pequena, terá poucas letras no nome. Mas há ainda aquelas que já utilizam letras constantes, normalmente do próprio nome. Como foi o caso de um estudante da nossa turma de nome fictício Esquilo.

Imagem 55 -



Fonte: a autora.

Morais (2012) defende que, para entender o sistema de escrita alfabética, a criança deve responder a duas perguntas: 1) o que as letras representam, identificam ou substituem; 2) como essas representações ou notas são geradas. Cada hipótese proposta seria um esforço para responder a essas perguntas. Portanto, durante a fase pré-silábica, a criança ainda não compreendeu que as letras representam a estrutura sonora das palavras. Elas também abordam a segunda pergunta de maneiras bastante distintas, variando desde desenhos até as letras tradicionais.

O terceiro nível, chamado de Silábico, é quando a criança tenta atribuir valor sonoro a cada sílaba das palavras que escreve. Ferreiro e Teberosky destaca que neste nível as crianças já relacionam a escrita com a fala, porém se a criança não atribuir valor sonoro, mas se colocar uma marca para cada sílaba, esta estará neste nível.

O quarto nível é chamado de silábico-alfabético. As autoras, supracitadas, destacam esse nível como uma transição entre a hipótese silábica para alfabética. A criança é levada a pensar e fazer análise silábica e aproximar-se de uma análise fonema a fonema. Existe uma controversa

sobre este termo ‘silábico-alfabético’ ser considerado um nível, nos anos 80, em congressos científicos foi discutido que ele não possuía condições suficientes para ser uma nova estrutura cognitiva. É apenas um conflito entre a hipótese silábica e a alfabética. Alguns estudiosos como Ester Grossi e seu grupo de estudo GEEMPA, não considera a existência deste nível. Todavia concordo com as autoras Ferreiro e Teberosky, Morais e Soares e vou considerar este nível, como uma hipótese nesta pesquisa.

O último nível é quando a criança já desenvolve a análise fonética, produzindo hipóteses alfabéticas. Neste nível a criança já compreendeu o funcionamento da escrita alfabética. O desafio seguinte é a ortografia e os espaçamentos entre as palavras. Normalmente encontramos professoras classificando os estudantes em ortográfica, sendo um outro nível, após a hipótese alfabética. Porém, na obra da Psicogênese da língua escrita não há referências à conceituação da ordem da ortografia como uma nova estrutura cognitiva, categorizável em algum nível.

Morais (2003), destaca que a criança tem condições de aprender ortografia assim que puder ler e escrever sozinha, e que a curiosidade de saber por que uma letra se escreve com S e não com Z deve ser estimulada e transformada em objeto de discussão, fazendo com que o aluno compreenda os diferentes valores de nosso sistema alfabético.

O autor nos apresenta alguns princípios gerais para o ensino da ortografia.

I – Precisamos proporcionar para os estudantes, boas histórias, lendas, poesias, jornais e outros gêneros. Apenas a leitura destes textos não garante o aprendizado, mas os ajuda a refletir sobre as dificuldades ortográficas.

II – O professor deve levar os estudantes a refletirem sobre suas dúvidas, e organizar suas reflexões sobre determinada dificuldade ortográfica. Para isso, é fundamental a discussão conjunta com os discentes sobre as formas errôneas que eles próprios produzem.

III – É necessário estipular metas para que os estudantes aprendam ortografia, oriente o trabalho do professor e facilite o entendimento.

Destaco os níveis descritos na Psicogênese da língua escrita e a maneira que o teste foi aplicado na época, com um ambiente a parte, um tempo disponível para realizar a testagem, e o material utilizado que era variado, além das quatro palavras e uma frase que costuma ser utilizado pelas docentes. Fiz uma adaptação, com as crianças na mesma sala, onde após a contação de histórias e algumas atividades realizadas com ênfase na consciência fonológica é que elas escreveram de forma espontânea as palavras relacionadas a história. A partir desses dados, comecei a realizar atividades específicas para avanço de cada nível, para cada estudante, os jogos eram entregues de forma geral, porém a abordagem feita era diferente. Sabendo que as crianças não aprendem do mesmo jeito, então utilizei bastante, o alfabeto móvel, quebra

cabeça do alfabeto, letra inicial e os jogos de alfabetização, elaborados pelo CEEL – UFPE. Pois nesta caixa há diversos jogos fonológicos, como a batalha das Palavras para refletir sobre o tamanho das palavras, caça - rimas, bingo dos sons iniciais, palavra dentro de palavra. E criei outros jogos para fixação da escrita e leitura.

Assim com a atividade diagnóstica para saber qual era o nível de escrita de cada criança, foi possível pensar nas intervenções. A avaliação aqui não estava no sentido de atribuir valor, uma nota, mas produzir sentido para as aprendizagens dos estudantes e para as práticas pedagógicas que as promovem. Meu foco foi no percurso do discente, ou seja, no processo para direcioná-lo em uma trilha de ação. Assim o erro foi uma fonte de informação pois evidenciava como a criança estava pensando a escrita e leitura, o que ela conseguia fazer sozinha e oportunizava a possibilidade de criar diferentes atividades para avançar e criar hipóteses.

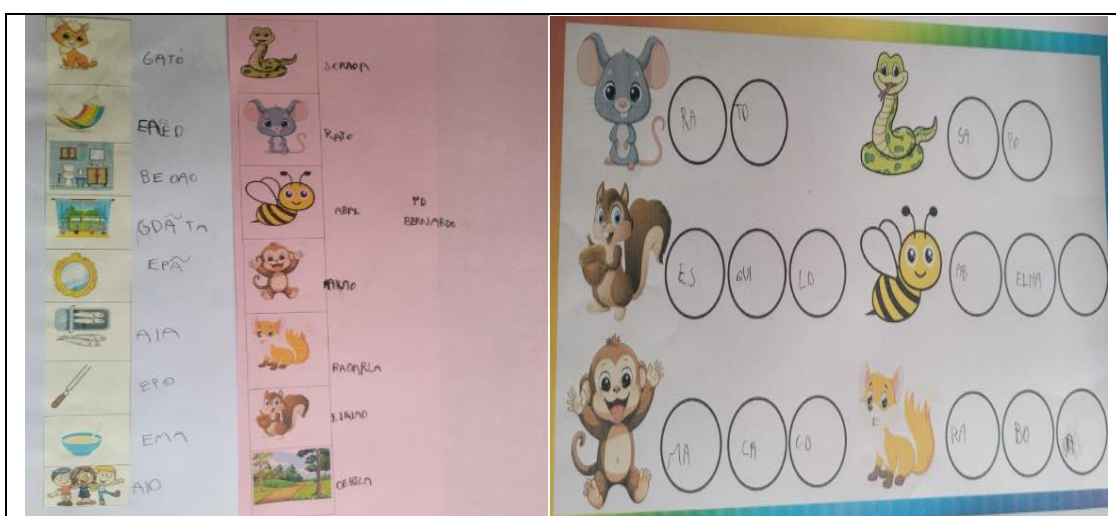
Neste sentido realizamos o acompanhamento da escrita e leitura em todas as aulas. Todavia, realizamos outra atividade no final do projeto para saber qual foi o impacto das intervenções lúdicas na alfabetização desses estudantes.

Um dos estudantes (*Esquilo*), do nível pré-silábico, escrevia utilizando apenas as letras de seu nome, mas aparece na atividade a palavra GATO escrita de forma correta, porém é uma escrita de memória. O outro estudante, Uno, não realizou a tarefa diagnóstica, estava se sentindo muito inseguro e disse que não conseguia escrever. Mas após as intervenções com atividades pedagógicas, jogos, brincadeiras, músicas e histórias como relatadas na seção anterior, foi possível perceber um avanço na escrita dos dois estudantes, indo para a hipótese silábica alfabética. E cabe ressaltar que são crianças com diagnósticos fechados, (TEA e a outra criança com Dificuldade de Aprendizagem), porém não foi empecilho para que participassem das aulas e avançassem na escrita, entretanto essas crianças necessitam de acompanhamento constante até se sentirem seguras para escreverem da forma convencional.

sozinho. Então realizou as tarefas da imagem 1 e 2 já fazendo associação grafema-fonema e utilizando uma letra ou mais para cada sílaba, quase formando a palavra completa.

O estudante que iniciou o projeto no nível silábico, *Gato Xadrez*, terminou o projeto no Nível Alfabético, utilizando letras como QU e LH. A palavra GATO, já escrevia de memória. O progresso significativo na fase silábica está no entendimento da criança de que a escrita é a representação sonora das palavras. Contudo, elas acreditam que isso é realizado usando uma letra para identificar cada segmento de som.

Tabela 9 - Desenvolvimento da escrita do *Gato Xadrez*



Gato Xadrez

Este estudante já estava começando a constatar que a escrita está relacionada a fala, imagem 1, mas ainda não conseguia definir corretamente quais letras utilizar nas palavras.

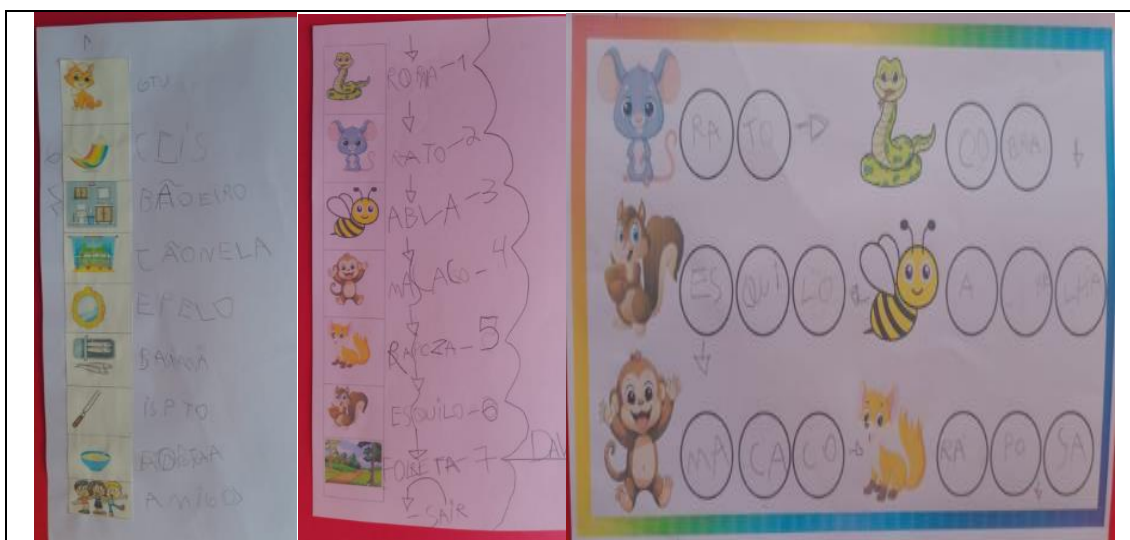
Contudo, na imagem 2 começa a pensar nas letras, mas parece que acha pouco uma letra por sílaba e coloca outras por exemplo, na palavra RAPOSA escreve RAOA aqui seria silábico-alfabético, porém ele continua colocando letras RLA, ficando assim RAOARLA na palavra COBRA ele tenta escrever SERPENTE assim SORAOA. A palavra ABELHA fica ABAL, MACACO fica MAKAO e FLORESTA fica OERTLA.

E na imagem 3 conseguimos ver que esta criança supera as hipóteses anteriores e escreve corretamente as palavras utilizando QU em ESQUILO e LH em ABELHA,

mas faz a troca da letra P em Raposa por B, ficando RABOSA, mas é comum nesta fase da alfabetização pois existe a questão da articulação (local de produção) de cada fonema. Por exemplo, os fonemas /p/ e /b/ são produzidos no mesmo ponto articulatorio, a única distinção é a característica sonora: /b/ é sonoro e /p/ é surdo.

De acordo com Moraes (2012), o aprimoramento das competências metafonológicas, conduz a criança à hipótese silábico-alfabética, onde o ‘modo de representar a escrita’ passa por uma mudança significativa. Isso inclui não só a análise de sílabas, mas também das unidades menores que formam as palavras: os fonemas. E começamos o projeto com três crianças que estavam no nível Silábico -Alfabético e conseguiram avançar para o nível Alfabético. São elas o *Alienígena*, o *Pirata* e a *Cobra Carol*.

Tabela 10 - Desenvolvimento da escrita do *Alienígena*

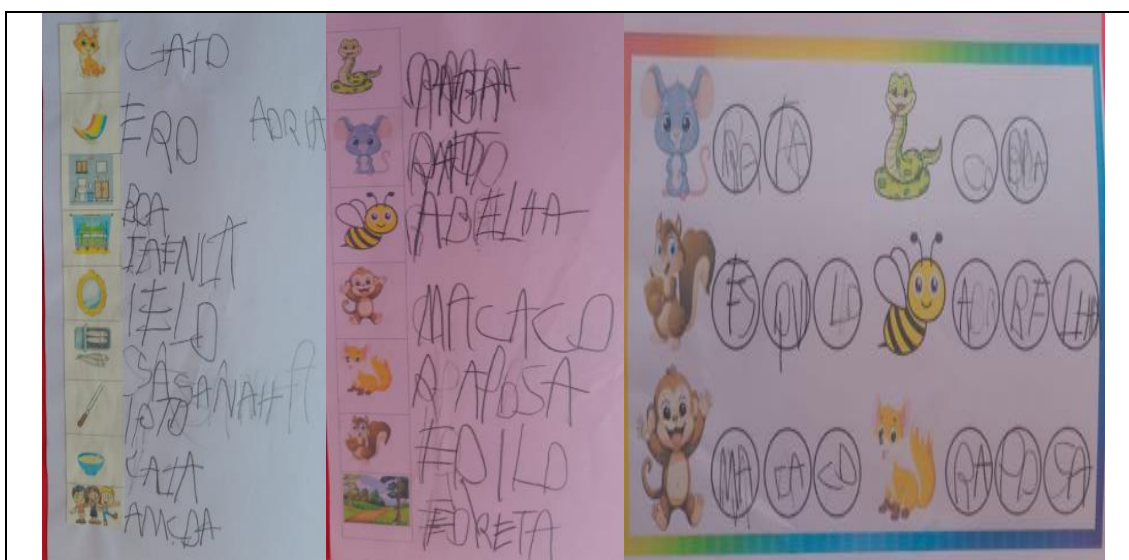


Alienígena

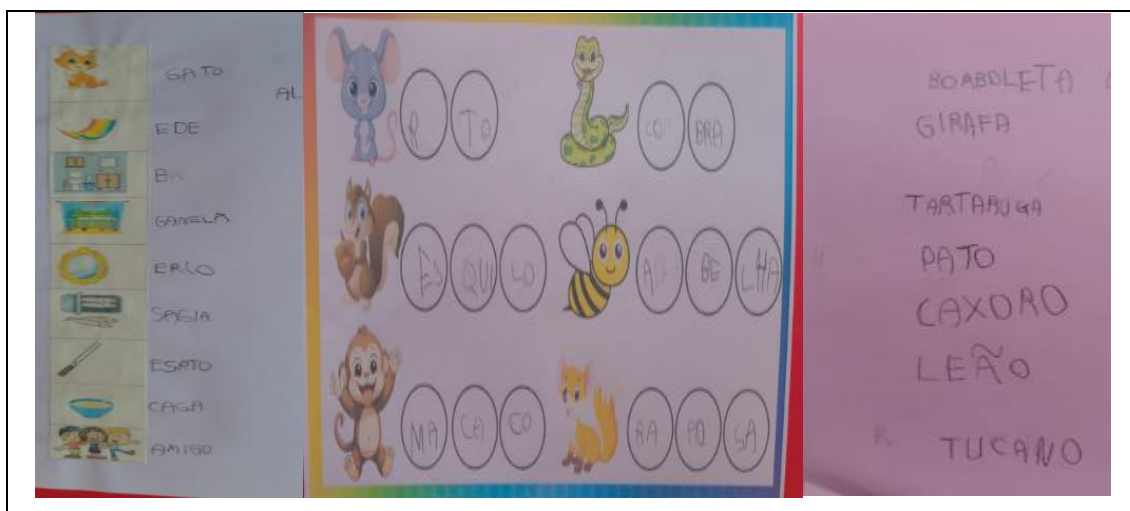
O estudante iniciou o projeto no nível silábico-alfabético, escrevendo algumas letras para cada sílaba, se fosse olhar a atividade sem ter estado no contexto, com certeza esta criança seria considerada um nível acima, mas preferi deixar assim para confirmar o nível, pois foi em um momento de 1h30 de aula. Com as intervenções realizadas ele apresentou avanço significativo, porque não utiliza apenas uma letra para cada sílaba, ele vai tentando usar outras letras e sinais gráficos para completar a palavra, como mostra a imagem 1. BANHEIRO ele escreve BÂOEIRO, JANELA escreve JÃONELA, ESPELHO escreve EPELO. Nas aulas seguintes, com as intervenções, esta criança ia entendendo o processo de escrita e podemos perceber o avanço nas imagens 2 e 3 pois

já escrevia utilizando o QU em ESQUILO e LH em ABELHA, escreveu a palavra COBRA corretamente.

Tabela 11 - Desenvolvimento da escrita do *Pirata*



Este estudante começou no nível silábico-alfabético, assim como o estudante citado acima, as intervenções foram essenciais para o avanço ainda na primeira aula. Isso é visto na atividade diagnóstica, Imagem 1. E no decorrer das aulas a escrita vai sendo aprimorada utilizando as letras corretas, Imagem 2. E por fim, a imagem 3 revela a escrita de forma convencional, com QU, LH, BR e S com som de Z, nas respectivas palavras, ESQUILO, ABELHA, COBRA e RAPOSA.

Tabela 12 - Desenvolvimento da escrita da *Cobra Carol*

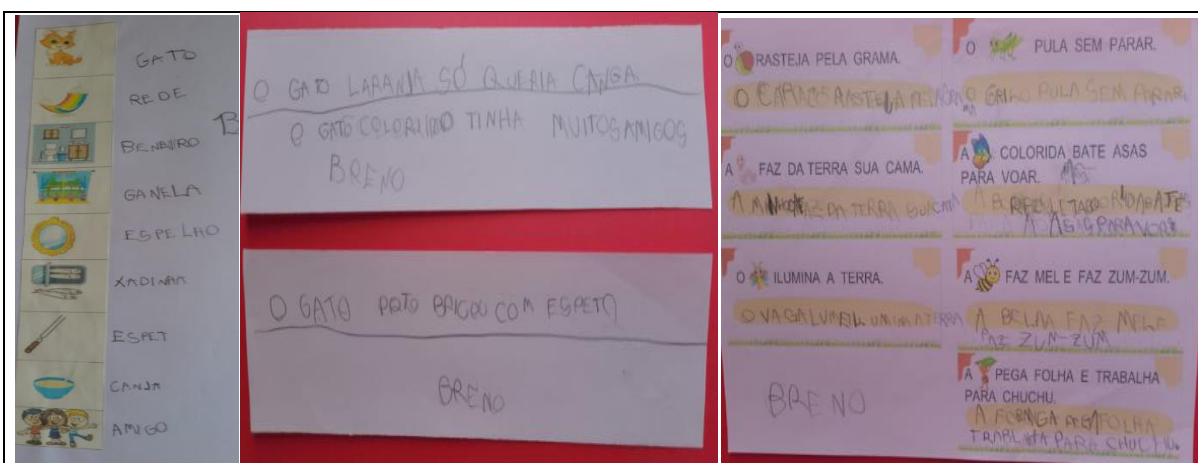
Cobra Carol

Este estudante também faz parte do mesmo grupo que iniciou no nível silábico-alfabético, semelhante as crianças mencionadas anteriormente. As intervenções foram cruciais para o progresso logo na primeira aula. Isso pode ser observado na atividade de diagnóstico, representada na Imagem 1 onde ele utiliza mais de uma letra por sílaba e ao longo das aulas, a escrita se aperfeiçoa usando as letras adequadas, conforme a Imagem 2, exibindo a escrita convencional, com QU, LH, BR e S pronunciados como Z, nas palavras correspondentes: ESQUILO, ABELHA, COBRA e RAPOSA.

E por fim estava escrevendo livremente utilizando CVC em BORBOLETA e TARTARUGA, CVV em LEÃO, imagem 3, necessitando apenas trabalhar ortografia. Segundo Moraes (1998), a criança inicialmente se apropria do sistema alfabético num processo gradativo, o que o aprendiz nessa fase ainda não domina, por desconhecer é a norma ortográfica. Dada a natureza de convenção social, o conhecimento ortográfico é algo que deve ser construído com a criança pois ela não pode descobrir sozinha sem ajuda. Tem normas que ele pode compreender e outras que precisa memorizar. No caso de CACHORRO ele utiliza X e um R. Moraes chama de **Regulares contextuais**: devido a relação letra-som e o contexto dentro da palavra, que vai definir qual letra (ou dígrafo) deverá ser usada. A disputa entre o R e o RR do que estamos agora tratando.

As crianças que começaram o projeto no nível alfabético, terminaram o mesmo escrevendo frases e produzindo textos pequenos. Na fase Alfabética as crianças certificam que compreenderam os aspectos conceituais que envolvem o sistema de escrita, entretanto é necessário aprender as convenções que o envolvem. Esta fase é confundida com o estar alfabetizado, mas para chegar a ser considerado alfabetizado, de forma bem simplória, é preciso saber ler, escrever de forma convencional e compreender pequenos textos. Os estudantes deste nível alfabético foram: *Ratinho*, *Sereia*, *Macaco* e a *Raposa*

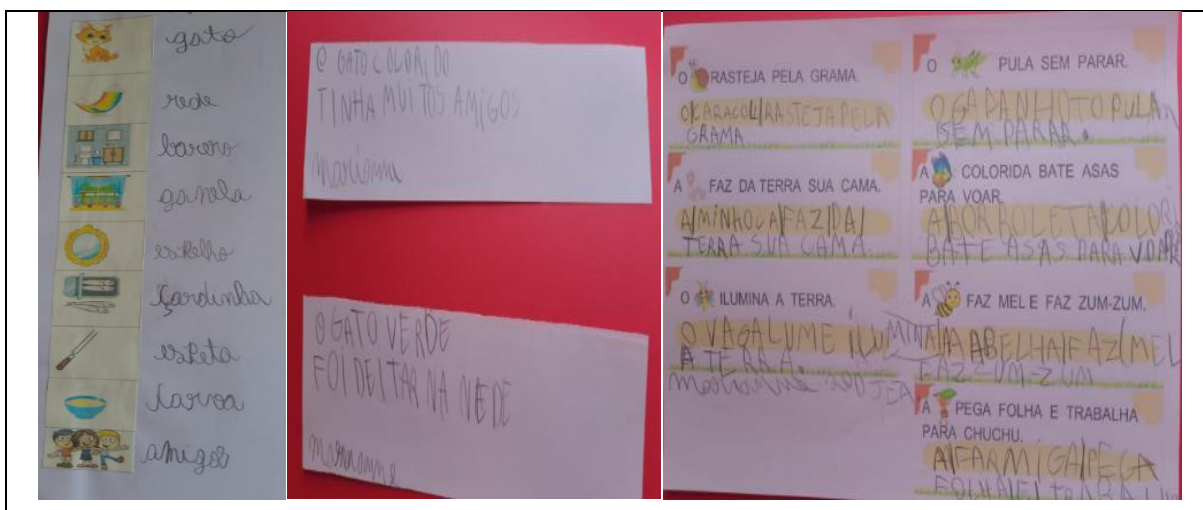
Tabela 13 - Desenvolvimento da escrita do *Ratinho*



Ratinho

Este estudante tem Transtorno do Processamento Auditivo Central (TPAC), é um distúrbio que afeta a maneira como o cérebro processa as informações auditivas, mesmo com a audição preservada é difícil para captar, classificar, organizar ou interpretar eventos acústicos. Assim já escrevia as palavras completas, porém necessitava de ajustes ortográficos, entretanto trabalhamos bastante a escrita com alguns jogos ortográficos. Dessa maneira, finalizou o projeto realizando frases e por fim consegue ler, compreender e produzir pequenos textos.

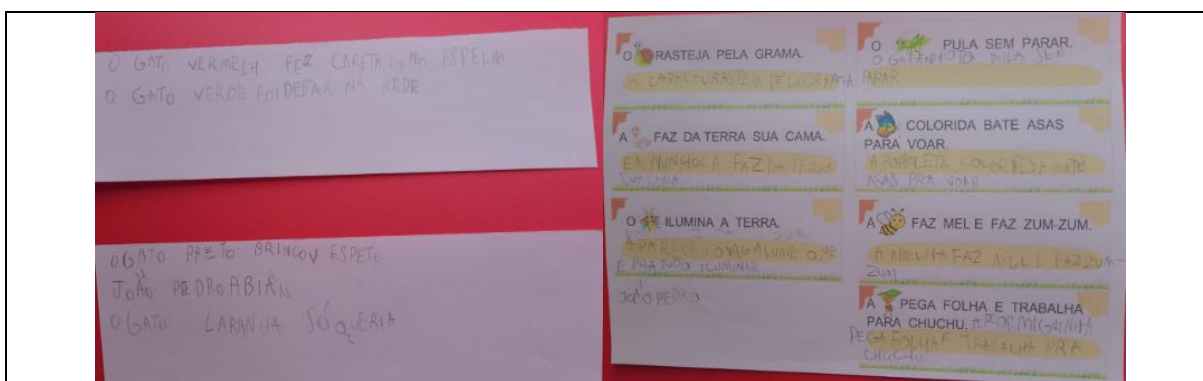
Tabela 14 - Desenvolvimento da escrita da Sereia



Sereia

Esta criança já escrevia, porém com alguns erros ortográficos, como JANELA com G e SARDINHA com Ç. Também é diagnosticada com TPAC. Esse é um dos fatores que compromete a escrita, pois é uma condição neurológica que afeta a maneira como o cérebro processa as informações auditivas. Indivíduos com TPAC podem ter audição normal, mas enfrentam dificuldades em compreender e interpretar sons, especialmente em ambientes ruidosos. Mas apesar da dificuldade conseguiu finalizar o projeto realizando frases e por fim consegue ler, compreender e produzir pequenos textos.

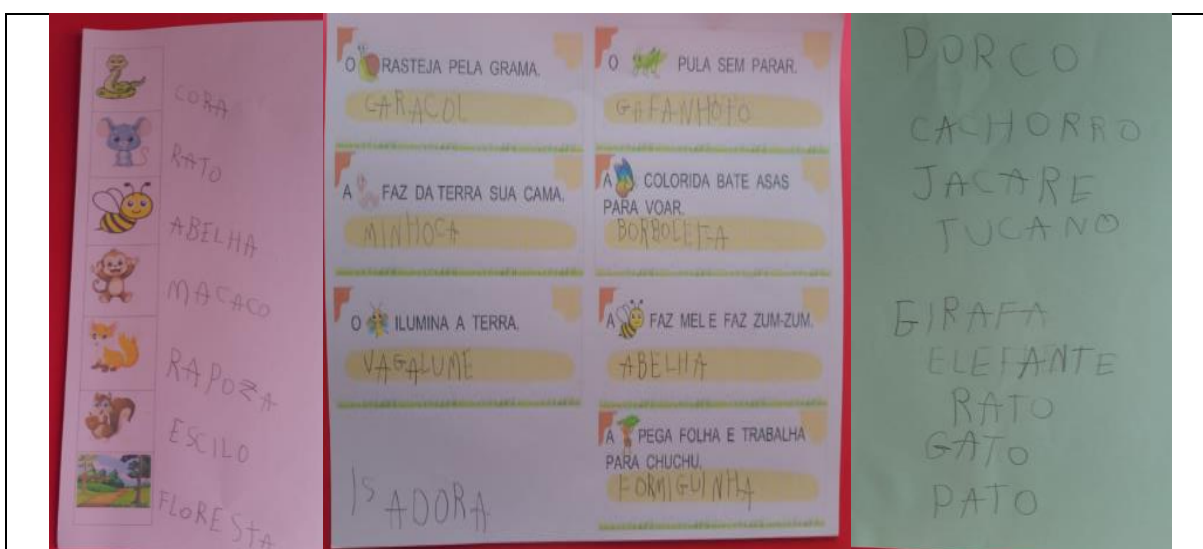
Tabela 15 - Desenvolvimento da escrita do Macaco



Macaco

Este discente já escrevia corretamente as palavras, porém apresentava dificuldade de aprendizagem devido a concentração ser limitada e apresentava dificuldades na hora de realizar as tarefas escritas, durante as brincadeiras ele conseguia desempenhar e participar empolgado, mas para escrever era moroso. Todavia realizamos diversos jogos e brincadeiras e assim conseguiu finalizar o projeto realizando frases e por fim consegue ler, compreender e produzir pequenos textos.

Tabela 16 - Desenvolvimento da escrita da *Raposa*



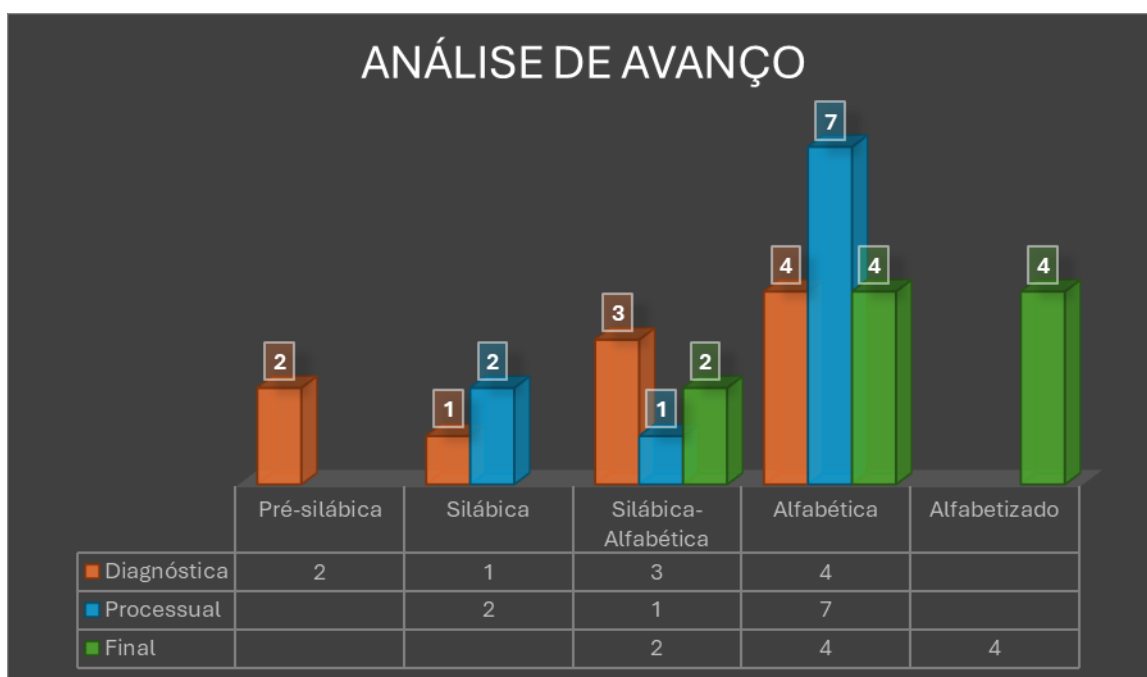
Raposa

Esta criança não quis se envolver muito na primeira aula, apenas brincou com os jogos planejados para o dia e não escreveu nada, eu deixei ela livre e no final do primeiro encontro, agradei e disse que gostei muito de a conhecer e estaria esperando por ela na aula seguinte, a partir da segunda aula, a estudante ficou bem participativa, prestava atenção em cada detalhe da aula, gostava de perguntar e durante a atividade de escrita onde deveria escrever RAPOSA, ela escreveu com Z e eu explico que mesmo tendo o som de Z, raposa se escreve com S. Ela logo associou a escrita de seu nome que também tinha S com som de Z e ainda acrescentou que o mesmo acontecia com a palavra CASA. Apesar de ser diagnosticada com Dificuldade de Aprendizagem, a estudante não demonstrou qualquer impedimento, estava sempre pronta para realizar as tarefas, brincar e auxiliar os colegas. Era sempre uma das primeiras a finalizar e logo estava fazendo outra atividade e comentando como tinha realizado. Escrevia

corretamente e no fim já conseguia formar frases, recontar histórias orais, ler, compreender e produzir pequenos textos.

Para ilustrar melhor o desempenho das crianças com a ludicidade e o avanço na alfabetização e letramento, resolvi fazer um gráfico que apresento a seguir.

Tabela 17 – Análise de Desempenho



O gráfico mostra que realizei três atividades específicas. Uma inicial para servir de diagnóstico para as ações seguintes, pois o erro era uma fonte de informação porque revelava as hipóteses acionadas pelos estudantes e quais atividades poderiam ser incorporadas nas aulas para desestabilizar e criar hipóteses novas. Assim, das 10 crianças diagnosticadas, cada uma com sua particularidade, foi possível perceber que nas hipóteses de escrita, 2 estavam no nível pré-silábico, 1 no silábico, 3 silábico-alfabético, 4 alfabéticos e nenhuma ainda conseguia produzir texto ou ler e interpretar com autonomia.

O segundo passo foi outra atividade que chamei de processual, pois foi um processo contínuo que visava o crescimento do estudante e combinava diferentes instrumentos como reconto de história, relatos do cotidiano e jogos que envolvia leitura e escrita. Assim o gráfico indica que o nível pré-silábico desaparece, assim não há mais crianças nesse nível. Ficando 2 silábicos, 1 silábico-alfabético e 7 alfabéticos. Para a minha surpresa, a maioria das crianças já

estava conseguindo escrever palavras simples e com algumas dificuldades o que Arthur Gomes de Moraes chama na ortografia de casos regulares e irregulares, os regulares são regras que permitem escrever palavras com segurança enquanto os irregulares são definidos pela etimologia da palavra ou pela tradição de uso. Assim com vários jogos de ortografia foi possível sanar algumas dificuldades, como o uso do QU e C, o uso do NH, LH, CH, entre outros.

E, por fim, realizamos uma última atividade que envolvia leitura, produção de palavras, frases e pequenos textos para responder à questão que direcionou a pesquisa de verificar se e como os jogos e brincadeiras poderiam contribuir nessa etapa da alfabetização. E, o resultado foi satisfatório. Os níveis pré-silábico já haviam desaparecido no gráfico e dessa vez mais uma conquista, pois o silábico também não aparece ficando apenas 2 no nível silábico-alfabético, 4 alfabético e 4 alfabetizados. Considerei o nível alfabetizado conforme Magda Soares (2016, 2021), pois acredito que uma criança só é considerada alfabetizada quando possui autonomia e um grau mínimo de automatismo no entendimento das relações entre grafemas e sons, além do conhecimento das diversas estruturas silábicas das palavras do nosso idioma. Ela deve ser capaz de ler e entender pequenos textos do universo infantil, além de escrever pequenos textos.

5 DANÇA DE UMA CONQUISTA

Ao longo dessa jornada de pesquisa em torno da alfabetização, conduzi nossos estudantes por um caminho que mais se assemelha a uma dança coreografada. Cada passo dado, cada movimento ensaiado, foi parte de um processo colaborativo e dinâmico, no qual jogos, brincadeiras, histórias e músicas se tornaram os ritmos que guiaram as crianças em seu avanço na escrita e leitura.

Assim como em uma dança, na qual se aprende a importância da sincronia e da harmonia, as intervenções realizadas foram pensadas para articular os três eixos fundamentais: práticas de oralidade, leitura e escrita. Através dessa dança pedagógica, o lúdico se destacou como o parceiro ideal, permitindo que a aprendizagem acontecesse de maneira suave e prazerosa, como um balé que flui com leveza e graça.

O produto educacional final que emergiu desse processo não foi apenas uma ferramenta, mas um convite à reflexão sobre a prática docente. Ele representa uma contribuição executável para a atuação dos profissionais da Educação Básica, uma coreografia que pode ser adaptada e rearranjada conforme as particularidades de cada escola e de cada grupo de alunos.

A prática pedagógica realizada não só promoveu um avanço significativo nos níveis de aprendizagem das crianças, mas também reforçou a ideia de que a educação de qualidade precisa ser criativa e significativa. Cada conquista, cada letra decifrada, cada texto produzido, foi uma nota musical que se somou à sinfonia do conhecimento, formando uma dança vibrante que celebra o aprendizado.

Portanto, ao olhar para o caminho percorrido, percebo que a verdadeira conquista não está apenas no resultado final, mas na experiência vivida ao longo da jornada. E assim, continuo a dançar, sempre pronta para novas coreografias, novos desafios e novas conquistas no fascinante universo da alfabetização.

Na turma de alfabetização, o lúdico contribuiu para a aprendizagem desenvolvendo a criatividade, interação social, crescimento sadio, comunicação e senso de critérios para tomada de decisões.

ÚLTIMA DANÇA

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

BARRETO, Vera. Paulo Freire para educadores. Arte e Ciência. São Paulo. 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Brasília: Mec, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: ludicidade na sala de aula : ano 01, unidade 04 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. - Brasília: MEC, SEB, 2012

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

CARDOSO, Fabiana Moreira. Letramento literário: práticas envolveres nos mitos e lendas. 2019. Dissertação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais - IELACHS: Curso de Graduação em Letras Brasil UFTM - Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional.2019. <http://bdtd.ufmt.edu.br/handle/tede/668>

CIPRIANO Carlos Luckesi, “Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese”, in Educação e Ludicidade, Coletânea Ludopedagogia Ensaios 01, organizada por Cipriano Carlos Luckesi, publicada pelo GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA, 2000.

COSTA, Luís Gustavo da Silva. Estratégias de ensino colaborativo como uma proposta de Atendimento Educacional Especializado - AEE. 2021. Dissertação. Universidade Estadual Paulista (Unesp). São Paulo. 2021. <http://hdl.handle.net/11449/204598>

DISTRITO FEDERAL. Currículo em Movimento da Educação Básica – Ensino Fundamental: Anos Iniciais- Anos Finais. Brasília. SEEDF. 2018. Disponível em: [cirriculo-movimento-ensino-fundamental-anos-iniciais.pdf](http://educacao.df.gov.br/cirriculo-movimento-ensino-fundamental-anos-iniciais.pdf) (educacao.df.gov.br). Acesso em: 25 agosto 2023.

DISTRITO FEDERAL. Regimento da rede pública do Distrito Federal – Regimento-SEEDF-COMPLETO-FINAL.pdf (educacao.df.gov.br) 19/12/2023

DISTRITO FEDERAL. INEP. Ministério da Educação. Testes Abc. 13º ed. 2008.

FERREIRO, E.; TEBEROSKI, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. Alfabetização em processo. São Paulo: Cortez, 2017.

FILHO, Milton Célio de Oliveira. O ovo. São Paulo: Globo, 2010.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GUSTSACK, Felipe; OLIVEIRA, Claudio José de; LANZARINI, Joice Nunes. Experiências de professores universitários imersos em processos de reinvenção curricular. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 68, p. 1-19, e24402, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n68.24402>

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KAUFMANN, Maira Bartira; LUCAS, Graziela Rodrigues; SILVEIRA, Maria Eduarda de Melo; OLIVEIRA, Cláudio José de; GUSTSACK, Felipe. Estudos de Narrativas sobre Memórias de Alfabetização: Algumas Considerações sobre Letramento e Numeramento. *Revista Jovens Pesquisadores*, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 2, p. 88-97, 2015.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. São Paulo: Cortez, 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos tradicionais infantil: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis. Vozes, 1993.

KLIPAN, Camila Gonçalves. Discutindo ciência, tecnologia e sociedade com crianças pela mediação de obras de arte. 2019. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia - Universidade Tecnológica Federal do Paraná Ponta Grossa. 2019. <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/3980>

LARROSA, Jorge. Tremores Escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LEIRA, P.R.; OLIVEIRA-MENDES, S. A.. Alfabetização e letramento; um estudo no contexto do Distrito Federal no período de pandêmico. *Revista Com Censo Estudos Educacionais do Distrito Federal*, v. 10, p. 9-19, 2023

LEMOES, Flávia Ferreira. Intervenção na consciência fonológica e vocabulário expressivo em crianças de baixa renda em fase de alfabetização. 2021. 100f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/33125>

LIMA, Joyce dos Santos. Ah! amada Amanda: a contação de história como subsídio para trabalhar a supressão da consoante nasal em posição de coda silábica. 2020. Dissertação (Pós-Graduação Profissional em Letras). Universidade Federal de Sergipe. Sergipe. 2020. <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/13615>

MARINELI, Rodrigo Chechi. Instrumento lúdico para o ensino-aprendizagem de Ciências e Tecnologias na Educação de Jovens e Adultos: a plataforma Edmodo. 2021. Dissertação. Universidade Estadual Paulista (Unesp). São Paulo. 2021. <http://hdl.handle.net/11449/202765>

MARQUES, Estevão. Viro, vira, virou. Grupo Triii. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ClAzpTnscKE>. Acesso em 01 de janeiro de 2024.

MARQUES, Estevão; MARQUES, Francisco; NADALIM, Carlos. Linha, agulha, costura: canção, brincadeira e leitura. Minas Gerais. Desvendério. 2017

MATURANA, H.; VARELA F.J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Athena, 2001.

MATURANA, Humberto R; ZÖLLER, Gerda Verden. Amar e Brincar Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORAIS, Arthur Gomes de. Ortografia: Ensinar e Aprender. São Paulo: Ática, 1998.

MORAIS, Arthur Gomes de. Sistema de Escrita Alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. tradução Eliane Lisboa. 5.ed. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

OLALLA, Camilo Ernesto Subenko. Kalulu: adaptação e avaliação do jogo digital para a alfabetização e aritmética básica. 2019. Dissertação.
http://biblioteca.ufabc.edu.br/index.php?codigo_sophia=122271

OLIVEIRA, Frida Iessen. PDE Caderno pedagógico - o jogo no processo de ensino e aprendizagem. In: O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Coordenação Estadual do PDF do Estado do Paraná: Londrina, 2010. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_ue_l_pdp_frida_iessen_de_oliveira.pdf. Acesso em: 18.12.2023.

PIAGET, Jean. A Epistemologia Genética. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971.

PIAGET, Jean. A Formação do símbolo na criança. Imitação, jogo e sonho, Imagem e Representação. Trad. Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. Petrópolis: Zahar, 1978.

RIZZO, Gilda. Alfabetização Natural. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.

Educação em Revista Belo Horizonte v.31 n.01 p.415-421 Janeiro-Março 2015

Revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, pela Artmed Editora

RODRIGUES, Susane Andradde. Marcas de autoria em turma de alfabetização sob a perspectiva da AD francesa. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Línguas) - Campus Bagé, Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul, 2019.
<http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riu/4900>

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. São Paulo: Contexto, 2004.

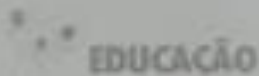
SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.

52. 19-24. 1985.

UNISC. Linhas de Pesquisa - Universidade de Santa Cruz do Sul (unisc.br). Disponível em:
Linhas de Pesquisa - Universidade de Santa Cruz do Sul (unisc.br) Vídeo youtube BO - NE -
CA - Atividade de Musicalização watch?v=GGb_mX2BoSo

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e esclarecido



EDUCAÇÃO



UNISC

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Sabemos sua participação voluntária na pesquisa intitulada: **Em nome de quem as crianças devem ler? Lúdica e o avanço de níveis de alfabetização em salas de aula de minha responsabilidade.** Verônica Rodrigues da Santana de Melo, Mestranda da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Departamento de Educação (PPGEdu).

Este projeto tem como objetivo geral identificar e problematizar as contribuições da ludicidade no avanço dos níveis de alfabetização de estudantes em salas de aula.

Os procedimentos adotados serão:

Aprovação da proposta pelo Conselho da Escola, participação das aulas de refresco, aplicação de atividades e realização de breves entrevistas pedagógicas para verificar o avanço na escrita e leitura.

A qualquer momento, você(a) Senhor(a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para sanar qualquer mal-entendido que possa surgir em decorrência da proposta ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da dissertação, cabendo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os dados de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

Assento da Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente de mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Assento e desistimos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

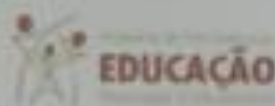
Brasília - DF, 21 de agosto de 2024



Verônica Rodrigues da S. de Melo - Mestranda



Professor Responsável



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prozados(as) Senhor(as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: Eu sou o cartão que minhas bocas sabem ler! Ludicidade e o avanço de níveis na alfabetização em salas de aula de minha responsabilidade, Veranice Rodrigues de Santana de Melo, Mestranda da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Departamento de Educação (PPGEdu).

Este projeto tem como objetivo geral identificar e problematizar as contribuições da ludicidade no avanço dos níveis de alfabetização de estudantes em salas de aula.

Os procedimentos adotados serão:

Apresentação da proposta para a Coordenação da Escola, participação das aulas de reforço, aplicação de atividades e realização da brincadeira pedagógica para verificar o avanço na escrita e leitura.

A qualquer momento, os(as) Senhor(as) poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da dissertação, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

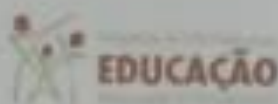
Aceite de Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistamos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Brasília - DF, 21 de agosto de 2024

Veranice Rodrigues de S. de Melo - Mestranda

Professora Responsável
Coordenadora



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados(as) Senhor(as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: *Eu não sei ler! Lúdico e o avanço de níveis na alfabetização em salas de aula de minha responsabilidade*, Verônica Rodrigues de Santana de Melo, Mestranda da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Departamento de Educação (PPGEdu).

Este projeto tem como objetivo geral identificar e problematizar as contribuições da ludicidade no avanço dos níveis de alfabetização de estudantes em salas de aula.

Os procedimentos adotados serão:

Apresentação da proposta para a Coordenação da Escola, participação das aulas de reforço, aplicação de atividades e realização de brincadeiras pedagógicas para verificar o avanço na escrita e leitura.

A qualquer momento, os(as) Senhor(as) poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da dissertação, zmtuda, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

Aceite de Participação Voluntária

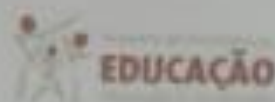
Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Brasília – DF, 21 de agosto de 2024

Verônica Rodrigues de S. de Melo -Mestranda

Professor Responsável

/coordenador



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados(as) Senhores(as):

Solicitamos sua participação voluntária na pesquisa intitulada: Em tento entendo que todas as pessoas sabem ler! Alfabetidade e o avanço do nível de alfabetização em salas de aula de minha responsabilidade, Veranice Rodrigues de Santana de Melo, Mestranda da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Departamento de Educação (PPGEdu).

Este projeto tem como objetivos gerais identificar e problematizar as contribuições da alfabetidade no avanço dos níveis de alfabetização de estudantes em salas de aula.

Os procedimentos adotados serão:

Apresentação da proposta para a Coordenação da Escola, participação das aulas de reforço, aplicação de atividades e realização de brincadeiras pedagógicas para verificar o avanço na escrita e leitura.

A qualquer momento, você(s) Senhores(as) poderá(ão) solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-entendido que possa surgir em decorrência da pesquisa em si.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da dissertação, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

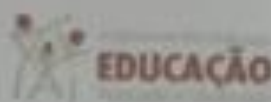
Aceite de Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que somos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Brasília – DF, 21 de agosto de 2024

Veranice Rodrigues de S. de Melo -Mestranda

Professor Responsável
/coordenador



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: Eu tenho comos que minhas breccas sabem ler? Leitura e o avanço de níveis na alfabetização em salas de aula de minha responsabilidade, Verônica Rodrigues de Santana de Melo, Mestranda da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Departamento de Educação (PPGEdu).

Este projeto tem como objetivo geral identificar e problematizar as contribuições da leitura no avanço dos níveis de alfabetização dos estudantes em salas de aula.

Os procedimentos adotados serão:

Apresentação da proposta para a Coordenação da Escola, participação das aulas de reforço, aplicação de atividades e realização de brincadeiras pedagógicas para verificar o avanço na escrita e leitura.

A qualquer momento, você(a) Senhor(a) poderá(a) solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e na dissertação, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras informações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os dados de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

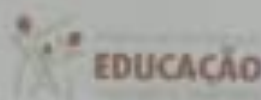
Assinatura de Participação Voluntária

Nos abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Assinatura e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Brasília - DF, 21 de agosto de 2024

Verônica Rodrigues de S. de Melo -Mestranda

Professora Responsável
Coordenadora



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados(as) Senhores(as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: *Em todos os dias que nossas crianças sabem ler? Leticidade e o avanço de níveis em alfabetização em salas de aula de ensino regular*. Verônica Rodrigues de Santana de Melo, Mestranda da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Departamento de Educação (PPGEd).

Este projeto tem como objetivo geral identificar e problematizar as contribuições da leticidade no avanço dos níveis de alfabetização de estudantes em salas de aula.

Os procedimentos adotados serão:

Apresentação da proposta para a Coordenação de Ensino, participação das aulas de reforço, aplicação de atividades e realização de breves discussões pedagógicas para verificar o avanço na escrita e leitura.

A qualquer momento, senhor(a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu assumo a responsabilidade de esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para conter qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa em tela.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da dissertação, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem esses dados.

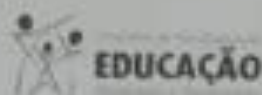
Aceite de Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Brasília – DF, 21 de agosto de 2024

Verônica Rodrigues de S. de Melo - Mestranda

Professora Responsável
/coordenadora



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(s) Senhor(a):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: "Eu tenho certeza que tenho honra sabendo ler! Leticidade e o avanço de níveis na alfabetização em salas de aula de minha responsabilidade, Veranice Rodrigues de Santana de Melo, Mestranda da Universidade do Santa Cruz do Sul (UNISC), Departamento de Educação (PPGEdu).

Este projeto tem como objetivo geral identificar e problematizar as contribuições da leticidade no avanço dos níveis de alfabetização de estudantes em salas de aula.

Os procedimentos adotados serão:

Apresentação da proposta para a Coordenação da Escola, participação das aulas de reforço, aplicação de atividades e realização de brincadeiras pedagógicas para verificar o avanço na escrita e leitura.

A qualquer momento, você(s) Senhor(a)s poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estou apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da dissertação, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

Acerto de Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Acerto e desarmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Brasília - DF, 21 de agosto de 2024

Veranice Rodrigues de S. de Melo -Mestranda

Professor Responsável
/coordenador



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados(as) Senhores(as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: *Eu tenho certeza que minhas letras sabem ler! Lúdica e o avanço de níveis na alfabetização em salas de aula de minha responsabilidade*, Veranice Rodrigues de Santana de Melo, Mestranda da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Departamento de Educação (PPGEdu).

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar e problematizar as contribuições da lúdica no avanço dos níveis de alfabetização de estudantes em salas de aula.

Os procedimentos adotados serão:

Apresentação da proposta para a Coordenação da Escola, participação das aulas de leitura, aplicação de atividades e realização de brincadeiras pedagógicas para verificar o avanço na escrita e leitura.

A qualquer momento, você(s) Senhor(a)s poderá(ão) solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estou apta a esclarecer estas dúvidas e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da dissertação, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os dados de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

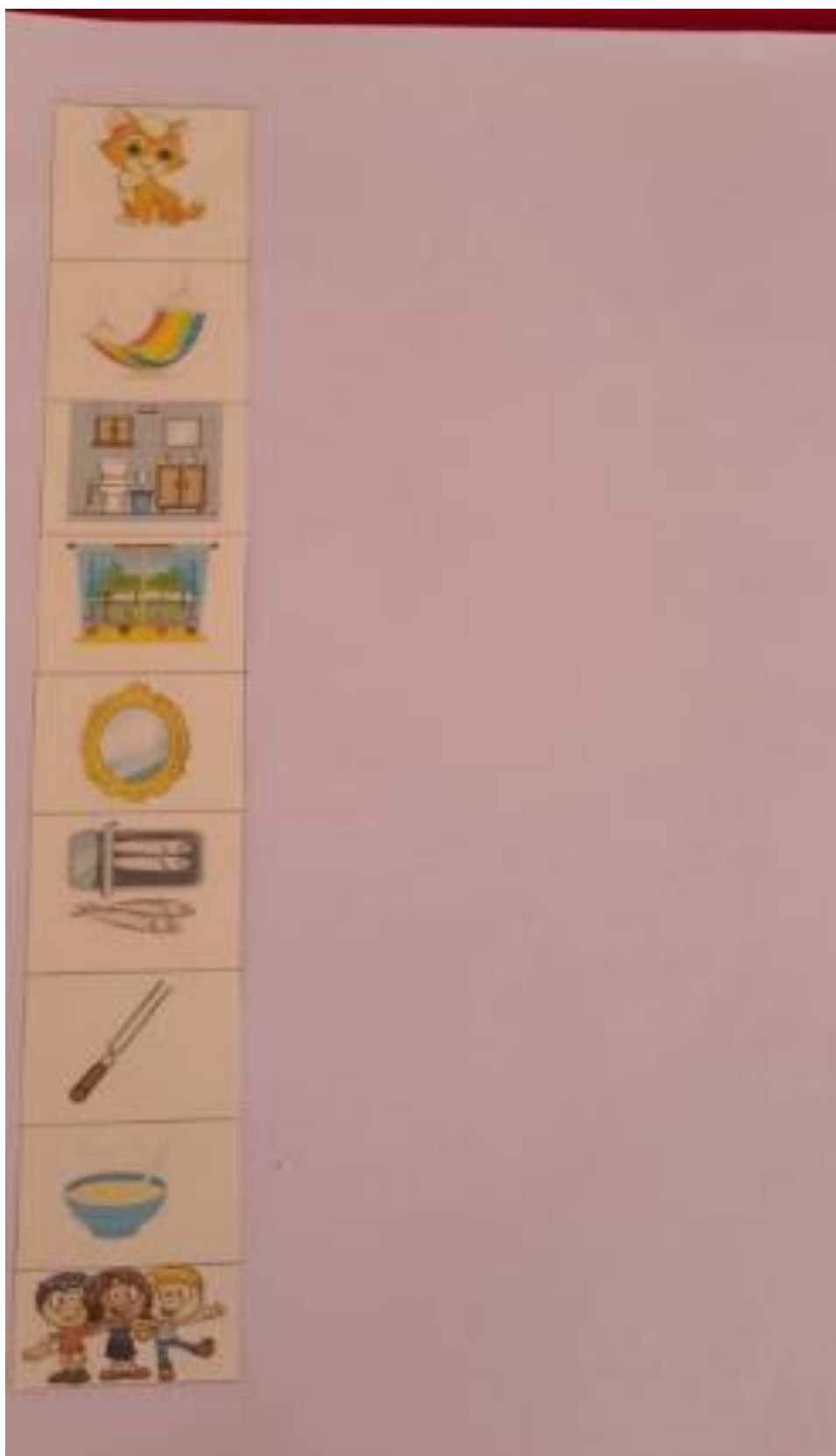
Aceite de Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistimos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Brasília – DF, 21 de agosto de 2024

Veranice Rodrigues de S. de Melo –Mestranda

Professor Responsável

APÊNDICE B - Roteiro da Sondagem Diagnóstica de Níveis Conceituais Linguísticos

APÊNDICE C - Quebra Cabeça Alfabeto



APÊNDICE D - História O Gato Xadrez

O GATO XADREZ

BIA VILLELA

ERA UMA VEZ UM GATO XADREZ
 CAIU DA JANELA E FOI SÓ UMA VEZ.
 ERA UMA VEZ UM GATO AZUL
 LEVOU UM SUSTO E FUGIU PRO SUL.
 ERA UMA VEZ UM GATO VERMELHO
 ENTROU NO BANHEIRO E FEZ CARETA NO ESPELHO.
 ERA UMA VEZ UM GATO AMARELO
 ESQUECEU DE COMER E FICOU MEIO MAGRELO.
 ERA UMA VEZ UM GATO VERDE
 ELE ERA PREGUIÇOSO E FOI SE DEITAR NA REDE.
 ERA UMA VEZ UM GATO COLORIDO
 BRINCAVA COM OS AMIGOS E ERA MUITO DIVERTIDO.
 ERA UMA VEZ UM GATO LARANJA
 FICOU DOENTE E SÓ QUERIA CANJA.
 ERA UMA VEZ UM GATO MARROM
 OLHOU PRA GATA E FEZ "ROM ROM".
 ERA UMA VEZ UM GATO ROSA
 COMEU UMA SARDINHA DELICIOSA.
 ERA UMA VEZ UM GATO PRETO
 ERA TEIMOSO E BRINCOU COM ESPETO.
 ERA UMA VEZ UM GATO BRANCO
 ERA TÃO SAPECA QUE PULOU DO BARRANCO.
 ERA UMA VEZ UM GATO XADREZ



APÊNDICE F - Imagens das Cartelas do Bingo Gato Xadrez



APÊNDICE G - Palavras para Recurso Janelinha



APÊNDICE H – Caça Palavras



APÊNDICE I - Ficha Consciência Fonológica

The worksheet is designed for phonological awareness activities. It includes a central grid with two main sections: 'FIGURA' (Image) and 'PALAVRA' (Word). The grid is surrounded by colorful letter cutouts (A-Z) and a small illustration of a window labeled 'JANELA'.

FIGURA

PALAVRA

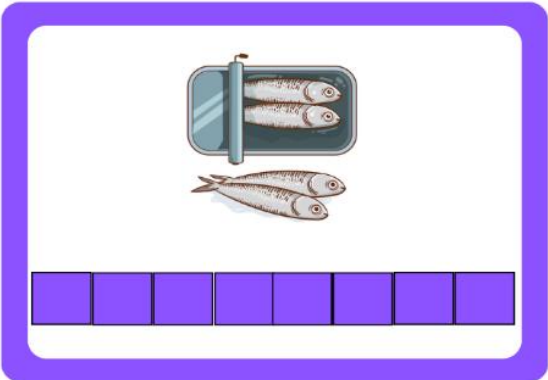
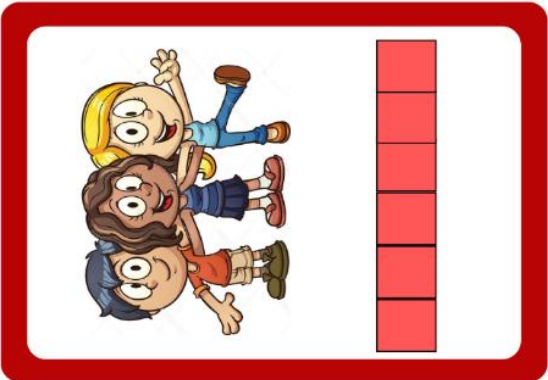
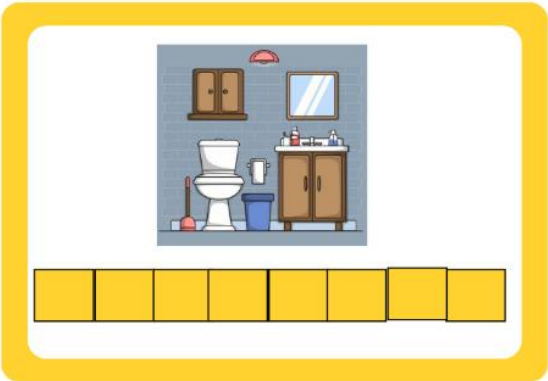
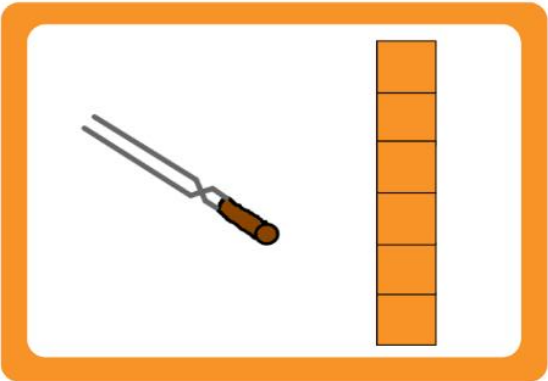
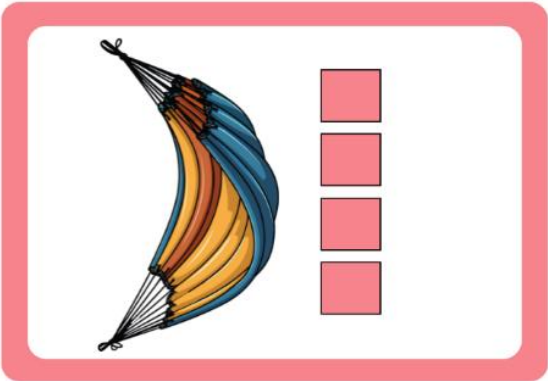
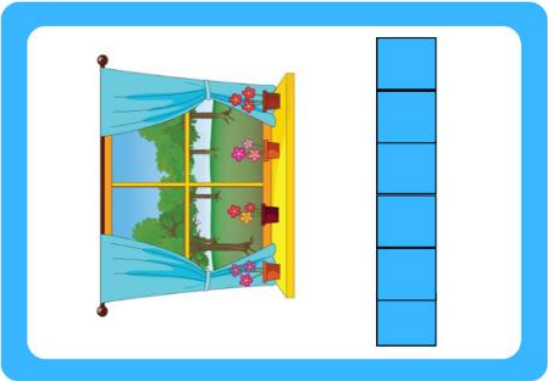
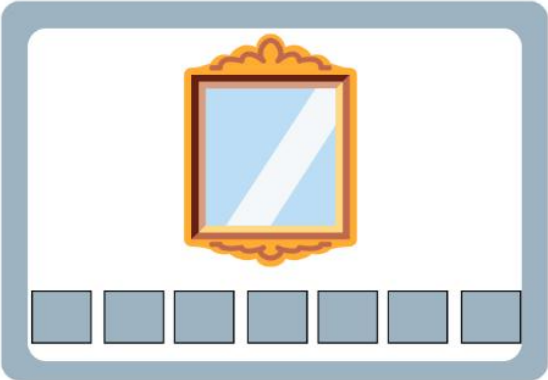
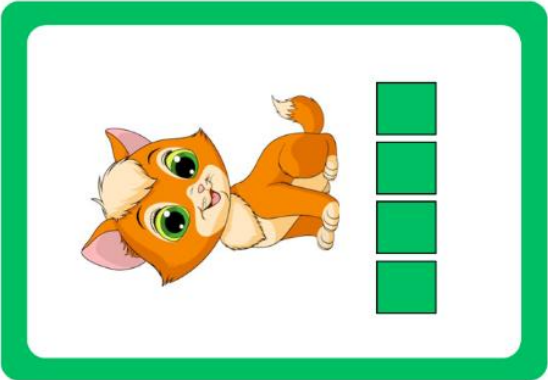
NÚMERO DE SÍLABAS		NÚMERO DE CONSOANTES	
NÚMERO DE LETRAS		LETRA INICIAL	
NÚMERO DE VOGAIS		LETRA FINAL	

Letters visible around the grid: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.

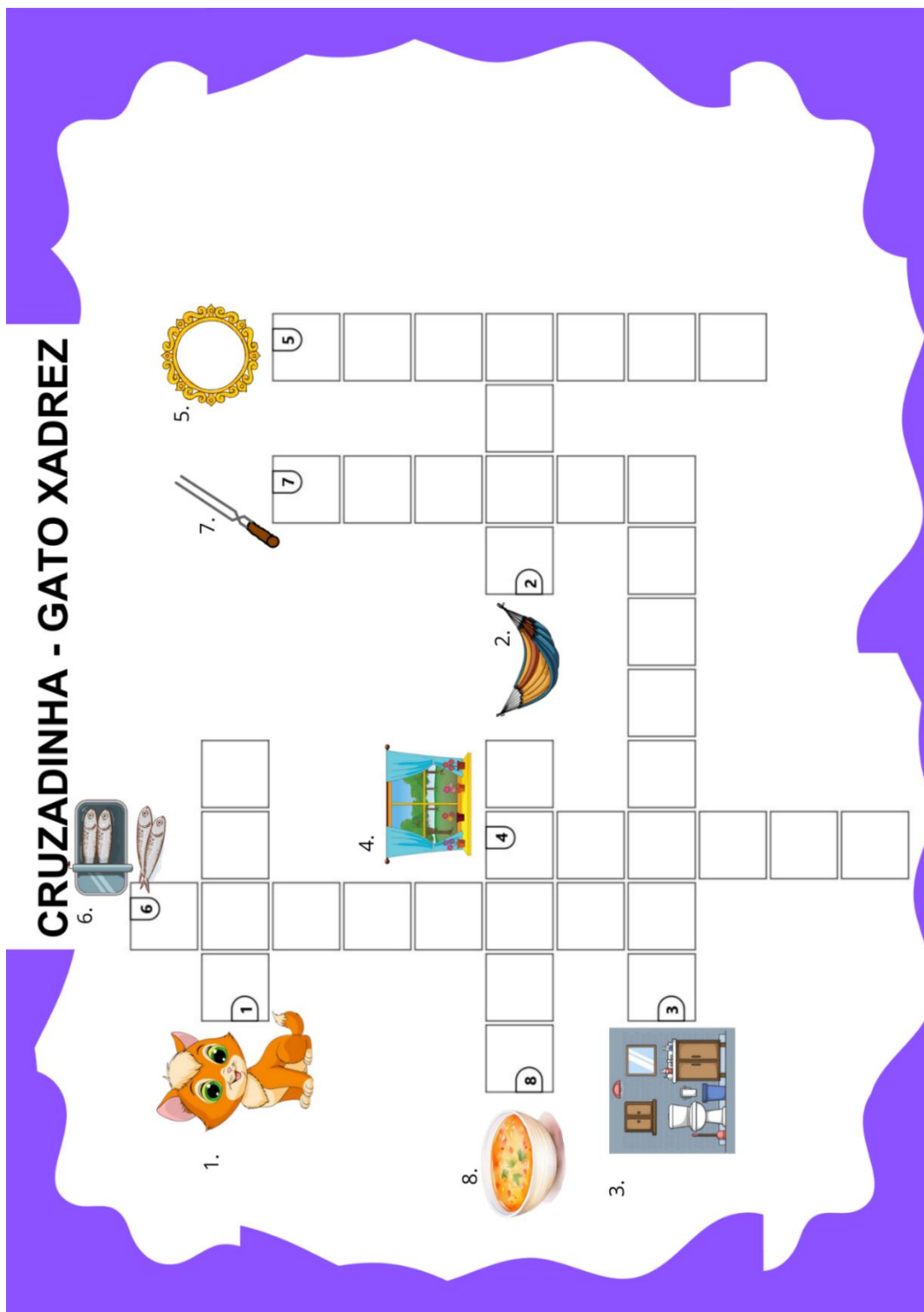
APÊNDICE J - Palavras para Análise do Apêndice I



APÊNDICE K - Cartão Conflito Gato Xadrez



APÊNDICE L - Cruzadinha Gato Xadrez



APÊNDICE M - Cadê Você? Leitura



APÊNDICE N - Completar Frases



APÊNDICE O - Texto Confusão na Floresta

A CONFUSÃO NA FLORESTA

A ABELHA ZIZI, HAVIA RECEBIDO UM CONVITE BEM DIFERENTE, ERA UMA FESTA QUE ACONTECERIA NA FLORESTA COM TODOS OS ANIMAIS. SERIA INESQUECÍVEL PARA TODOS!

PORÉM, APENAS A ABELHINHA ZIZI HAVIA RECEBIDO O CONVITE E ENTÃO ELA PENSOU:

- COMO OS OUTROS BICHINHOS DA FLORESTA IRÃO A ESSA FESTA SE APENAS EU RECEBI O CONVITE?

ENQUANTO LIA MAIS UMA VEZ AQUELE CONVITE PERCEBEU QUE HAVIA UMA OBSERVAÇÃO NO FINALZINHO E LEU:

- ATENÇÃO ABELHINHA ZIZI, TODOS OS ANIMAIS DA FLORESTA FORAM CONVIDADOS, PORÉM, SÓ VOCÊ RECEBEU O CONVITE, COMO ESTA FESTA SERÁ DIFERENTE DAS DEMAIS, A FORMA DE CONVIDAR TAMBÉM SERÁ. VOCÊ TERÁ QUE FALAR NO OUVIDO DO PRIMEIRO ANIMAL QUE VER NA FLORESTA, O DIA, A HORA E O LOCAL DA FESTA, E ASSIM CADA ANIMAL QUE FOR RECEBENDO O CONVITE IRÁ FALAR PARA O OUTRO... ATÉ QUE TODOS ESTAJAM SABENDO DA FESTA!

ZIZI FICOU MUITO CONFUSA, SERIA MUITO DIFÍCIL TER QUE CONVIDAR TODOS OS ANIMAIS DAQUELA FORMA... PORÉM PERCEBEU QUE SERIA COMO BRINCAR DE TELEFONE SEM FIO E PENSOU QUE SERIA DIVERTIDO. A ABELHINHA SAIU VOANDO ATÉ QUE ENCONTROU O ESQUILO TICO E O CHAMOU:

- TICO TENHO UM CONVITE PARA VOCÊ!

TICO FOI AO ENCONTRO DA ABELHINHA E ENTÃO ELA COCHICOU EM SEU OUVIDO:

- AMANHÃ NA CASA DE DONA RAPOSA TERÁ UMA SUPER FESTA PARA TODOS OS ANIMAIS DA FLORESTA. COMEÇARÁ PELA MANHÃ E NÃO TERÁ HORA PARA ACABAR. VÁ E FALE AO PRIMEIRO ANIMAL QUE ENCONTRAR!

TICO SAIU SUPER ANIMADO, SERIA UMA FESTA SENSACIONAL, PROCUROU ALGUM ANIMAL E ENCONTROU A COBRA CAROL.

E TICO COCHICOU NO OUVIDO DA COBRA CAROL:

- AMANHÃ NA CASA DE DONA ABELHA HAVERÁ UMA SUPER FESTA PARA TODOS NÓS. NÃO FALTE! FALE AO PRIMEIRO ANIMAL QUE ENCONTRAR!

A COBRA CAROL SAIU RASTEJANDO O MAIS RÁPIDO QUE PÔDE, TERIA QUE AVISAR A ALGUM ANIMAL LOGO, ESSA FESTA FICARIA NA HISTÓRIA DA FLORESTA. E ENTÃO ENCONTROU O MACACO PETECA.

- OLÁ PETECA, TENHO UM CONVITE PARA VOCÊ!

E ENTÃO ELA COCHICOU EM SEU OUVIDO:

- AMANHÃ PELA MANHÃ HAVERÁ UMA SUPER FESTA NA FLORESTA, VOCÊ ESTÁ CONVIDADO. VÁ E CONTE A ALGUM ANIMAL DESSA FESTA MARAVILHOSA!

PETECA DEU PULOS DE ALLEGRIAS E DE GALHO EM GALHO FOI ATRÁS DE MAIS ALGUM ANIMAL PARA FALAR DESSA GRANDE FESTA NA FLORESTA.

FOI ENTÃO QUE PETECA ENCONTROU A ABELHINHA ZIZI E EM SEU OUVIDO COCHICOU:

- AMANHÃ LÁ NO ALTO DA MONTANHA HAVERÁ UMA FESTA PARA TODA A BICHARADA, VOCÊ VAI?

E ENTÃO ZIZI TEVE UM GRANDE SUSTO!

- COMO ASSIM UMA FESTA NO ALTO DA MONTANHA?

PETECA RESPONDEU:

- FOI A COBRA CAROL QUE ME FALOU.

NÃO CONVIDE MAIS NINGUÉM, IREI AGORA MESMO FALAR COM A CAROL.

AO ENCONTRAR A COBRA, ZIZI PERGUNTOU:

- CAROL, QUEM TE FALOU QUE A FESTA SERIA NO ALTO DA MONTANHA?

E ELA RESPONDEU:

- NINGUÉM, FALEI QUE SERIA UMA FESTA NA FLORESTA.

- MAS NÃO SERÁ NA FLORESTA!

- FOI TICO QUEM ME FALOU.

ZIZI FOI FALAR COM TICO.

TICO QUEM MANDOU VOCÊ FALAR PARA A COBRA CAROL QUE A FESTA SERIA NA FLORESTA?

TICO RESPONDEU:

- NINGUÉM, FALEI QUE A FESTA SERIA NA SUA CASA.

- MAS NÃO SERÁ. E AGORA, CADA ANIMAL ESTÁ FALANDO UM LUGAR DIFERENTE! ASSIM, NINGUÉM CHEGARÁ À FESTA NA CASA DA DONA RAPOSA... O QUE FAÇO AGORA?

E ZIZI COMEÇOU A CHORAR, TODOS OS ANIMAIS ESTAVAM ATRAPALHADOS, CADA UM FALAVA UMA COISA DIFERENTE E FICOU MUITO PREOCUPADA, POIS NINGUÉM SABIA AINDA ONDE SERIA A FESTA E A RAPOSA IRIA FICAR DECEPCIONADA COM ELA.

ENTÃO UM PEQUENO RATINHO CHEGOU PERTO DE ZIZI E FALOU:

- ZIZI, NÃO CHORE, EU POSSO TE AJUDAR! SOU PEQUENINO, MAS SEI CORRER MUITO RÁPIDO E POSSO IR FALAR COM TODOS OS ANIMAIS DA FLORESTA SOBRE A FESTA QUE TERÁ AMANHÃ NA CASA DA DONA RAPOSA. VOCÊ CONFIAR EM MIM?

- CLARO QUE CONFIAR EM VOCÊ!

ENTÃO O PEQUENO RATINHO CORREU O MAIS RÁPIDO QUE PÔDE E FOI AVISANDO A TODOS OS ANIMAIS DA FESTA QUE ACONTECERIA AMANHÃ.

NO OUTRO DIA A RAPOSA ESTAVA TODA ANIMADA À ESPERA DE SEUS CONVIDADOS.

E AOS POUCOS FORAM CHEGANDO E A CASA ENCHENDO DE AMIGOS, ELES VINHAM DE TODOS OS LUGARES, A RAPOSA PROCUROU A ABELHINHA ZIZI PARA AGRADECER.

- OBRIGADA ZIZI, VOCÊ REALMENTE É UMA AMIGA E TANTO, CHAMOU TODOS OS ANIMAIS PARA A MINHA FESTA.

ZIZI FALOU:

- DONA RAPOSA, QUEM REALMENTE CONVIDOU TODOS OS ANIMAIS FOI O RATINHO TATÁ, AQUELA BRINCADEIRA NÃO DEU CERTO, ENTÃO ELE PASSOU A NOITE EM CLARO PARA DAR TEMPO DE CHAMAR TODOS OS ANIMAIS DA FLORESTA PARA A SUA FESTA, ANDOU TANTO, CORREU TANTO, QUE NEM PÔDE VIR A SUA FESTA DE TÃO CANSADO QUE ESTAVA.

A RAPOSA FALOU:

- COITADINHO DO TATÁ, TIVE UMA IDEIA!

ELA CHAMOU TODOS OS ANIMAIS E FALOU:

- ESTAMOS TODOS JUNTOS AQUI HOJE GRAÇAS AO NOSSO AMIGO TATÁ, ELE FEZ UM GRANDE FAVOR, DURANTE TODA A NOITE DE ONTEM ELE CORREU MUITO PARA CONSEGUIR AVISAR A TODOS DA FESTA QUE TERIA HOJE. NADA MAIS JUSTO DO QUE TODOS IRMOS AGORA À CASA DELE E AGRADECER!

TODOS OS ANIMAIS APROVARAM A IDEIA DA RAPOSA E FORAM À CASA DO RATINHO TATÁ, AO CHEGAREM LÁ A ABELHINHA ZIZI BATEU NA PORTA E QUANDO ELE ABRIU, TODOS GRITARAM:

- OBRIGADO TATÁ!

TATÁ FICOU MUITO EMOCIONADO E A FESTA COMEÇOU ALI MESMO, NA CASA DAQUELE PEQUENO RATINHO, ELE NOS ENSINOU QUE NÃO IMPORTA O NOSSO TAMANHO, E SIM NOSSA VONTADE DE QUERER AJUDAR.

E REALMENTE AQUELA FESTA FICOU INESQUECÍVEL NA CABEÇA DE TODOS OS ANIMAIS, POIS FOI UMA FESTA QUE HÁ MUITO TEMPO NÃO SE FAZIA MAIS... REPLETA DE ALEGRIA, AMIZADE, E PRINCIPALMENTE DE SOLIDARIEDADE!

MINÉIA PACHECO

APÊNDICE P - Escrita Espontânea



APÊNDICE Q - Encontre as Sílabas



SA TO RA PO SA CO



SE ES CI QUI PA LO



MA LA TA CA SA CO



BO TO CO PRA BRA TO

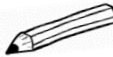
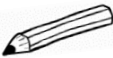


E A VE BE LA LHA

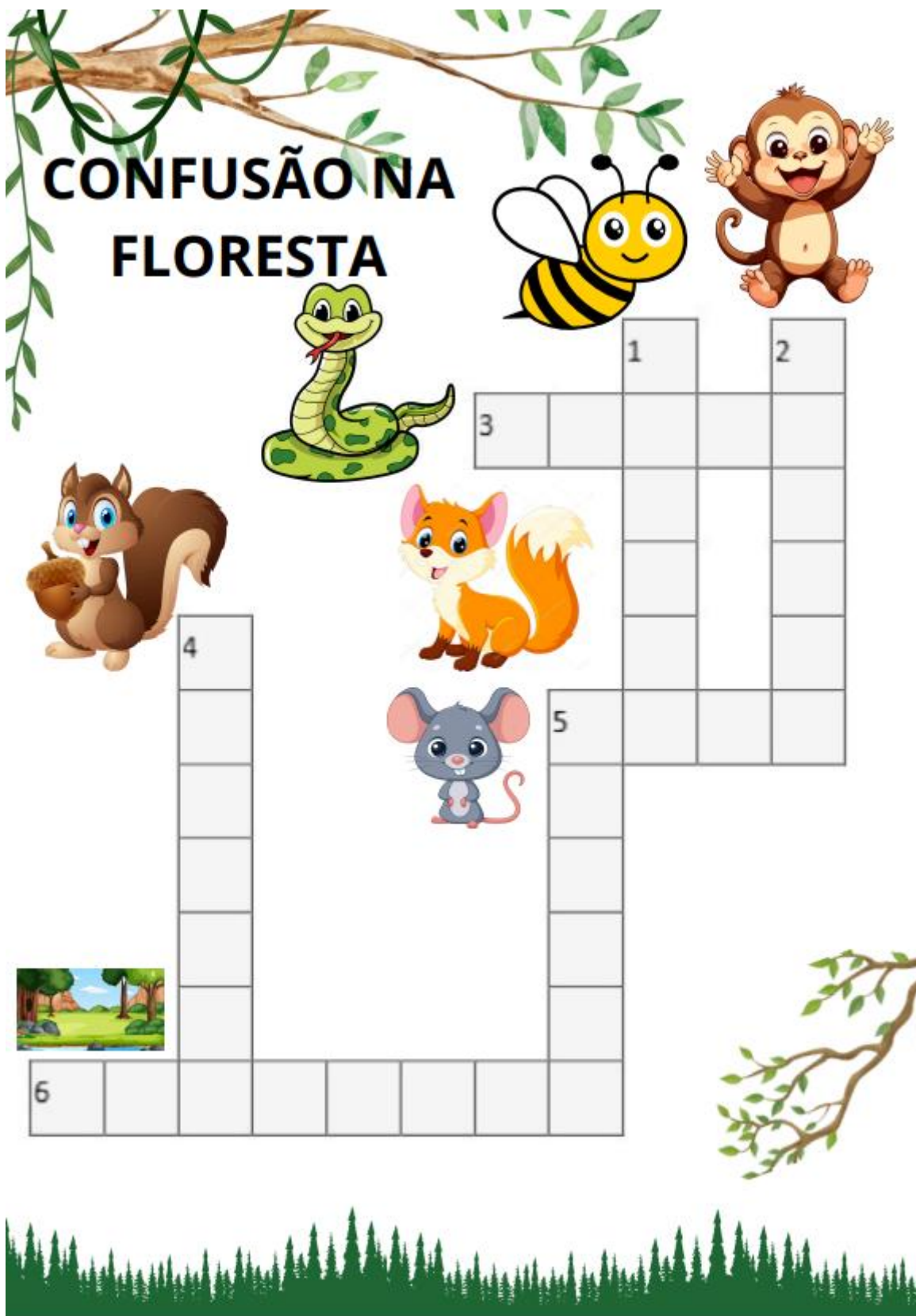


RA JA PO CA SA NO

APÊNDICE R - Análise Consciência Fonológica

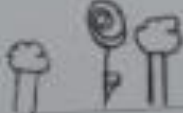
 COBRA			_____
 RATO			_____
 ABELHA			_____
 MACACO			_____
 RAPOSA			_____
 ESQUILO			_____
 FLORESTA			_____

APÊNDICE S - Cruzadinha Confusão na Floresta



APÊNDICE T- Leitura, Desenho e Análise das Palavras

MARQUE NA BOQUINHA QUANTAS VEZES VOCÊ ABRE A BOCA PARA FALAR CADA PALAVRA. MARQUE NO LÁPIS A QUANTIDADE DE LETRAS QUE PRECISA PARA ESCREVER. DEPOIS ESCREVA CADA UMA AO LADO E FAÇA UM DESENHO BEM BONITO DE CADA PALAVRA.

COBRA 	 <u>2</u>	 <u>5</u>	c o b r a
RATO 	 <u>2</u>	 <u>4</u>	r a t o
ABELHA 	 <u>3</u>	 <u>6</u>	a b e l h a
MACACO 	 <u>3</u>	 <u>6</u>	m a c a c o
RAPOSA 	 <u>3</u>	 <u>6</u>	r a p o s a
ESQUILO 	 <u>3</u>	 <u>7</u>	e s q u i l o
FLORESTA 	 <u>3</u>	 <u>8</u>	f l o r e s t a

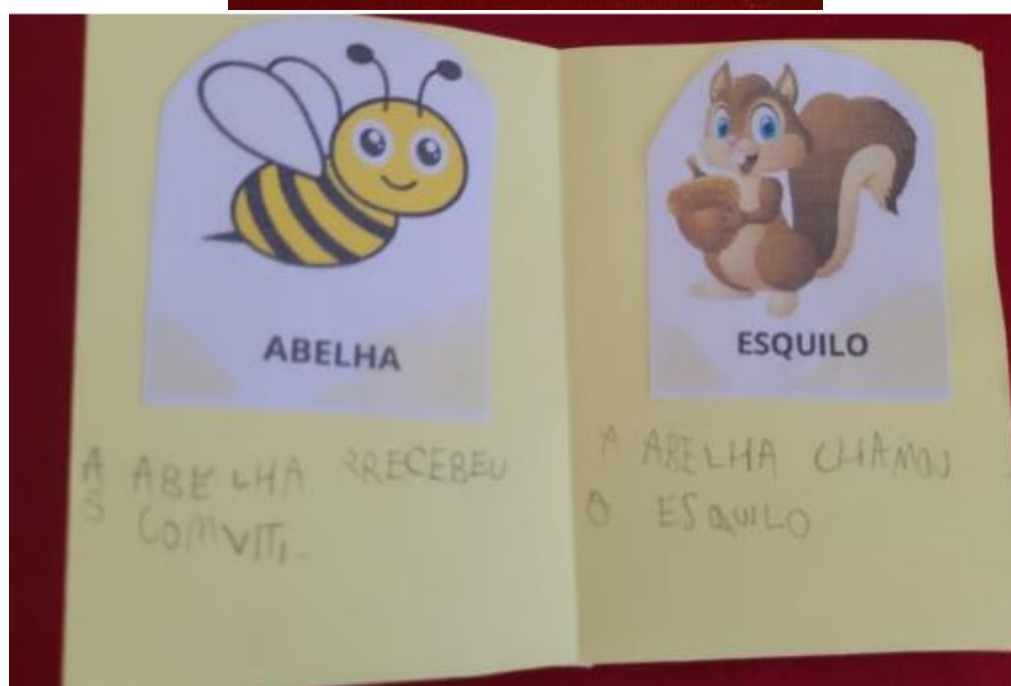
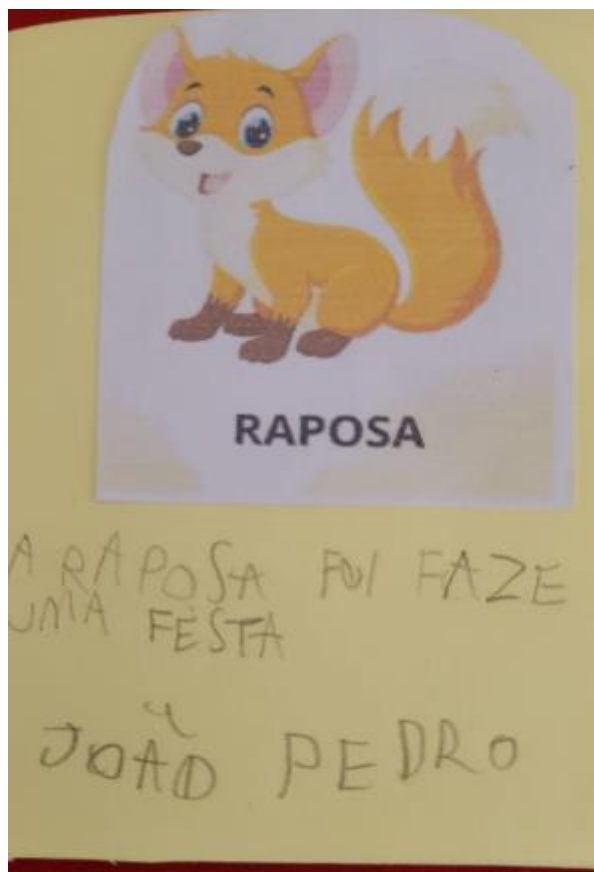
1º D BERNARDOM Atividade para pré-silábicos, silábicos e silábico-alfabéticos

APÊNDICE U - Jogo Ceel Palavra dentro de Palavra



APÊNDICE V - Jogo Ceel Letra Inicial



APÊNDICE W - Confeção de Livro e Reconto de Confusão na Floresta



COBRA

DESQUILLO CHAMO
A COBRA CAROU



MACACO

A COBRA CAROU
CHAMO O MACACO
PETICA

AGORA TECEU
UMA CONFOZÃO

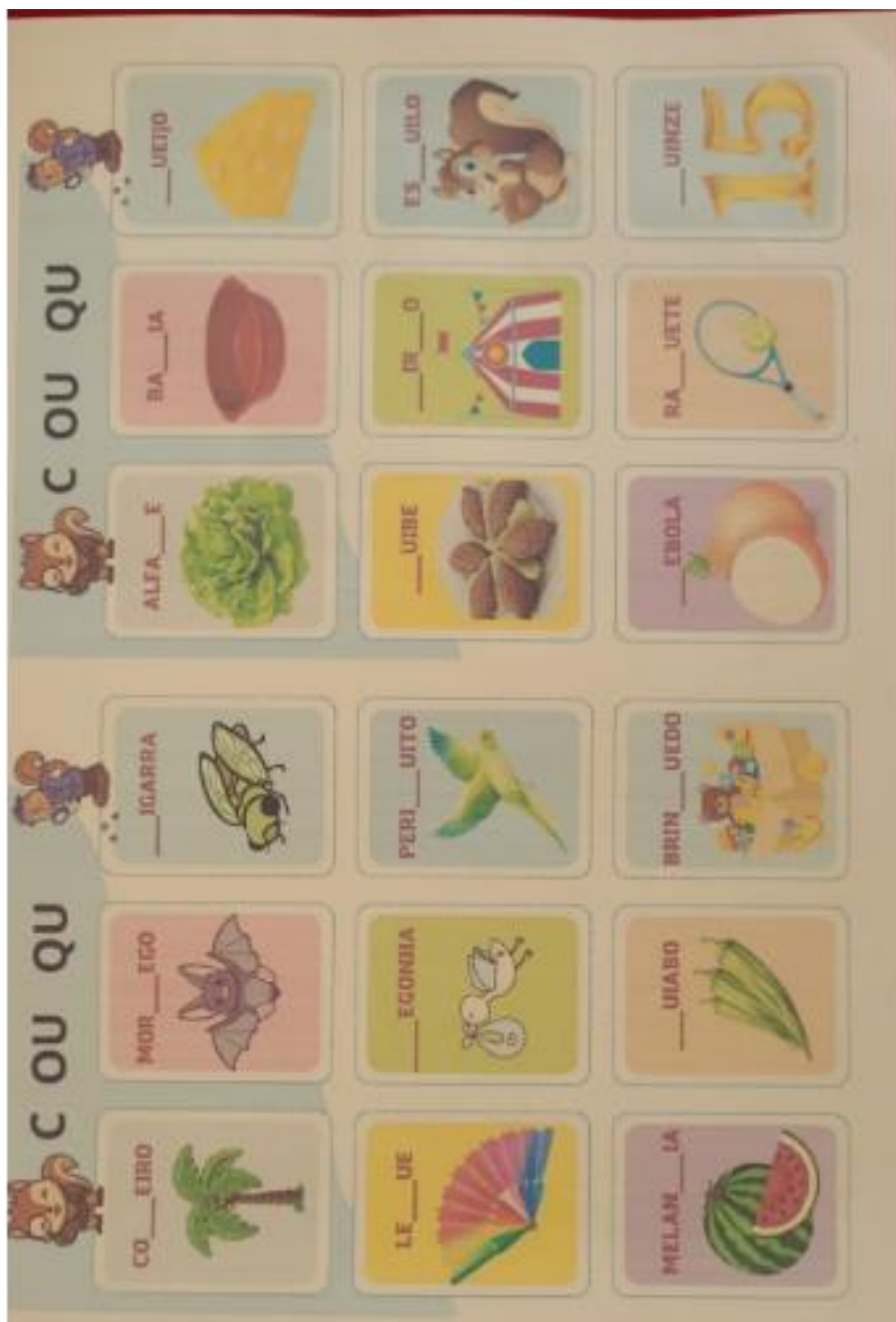


RATO

O RATINHO ZAZA
REZOVEU TUDO

A FESTA FUI
UM SUSESU.

APÊNDICE X - Desafio C ou QU





APÊNDICE Y - Texto da Música Bichinhos do Jardim



O  RASTEJA PELA GRAMA. CARACOL	O  PULA SEM PARAR. GAFANHOTO
A  FAZ DA TERRA SUA CAMA. MINHOCA	A  COLORIDA BATE ASAS PARA VOAR. BORBOLETA
O  ILUMINA A TERRA. VAGALUME	A  FAZ MEL E FAZ ZUM-ZUM. ABELHA
15 ADORA	A  PEGA FOLHA E TRABALHA PARA CHUCHU. FORMIGUEIRA

O  RASTEJA PELA GRAMA. O CARACOL RASTEJA PELA GRAMA.	O  PULA SEM PARAR. O GAFANHOTO PULA SEM PARAR.
A  FAZ DA TERRA SUA CAMA. A MINHOCA FAZ DA TERRA SUA CAMA.	A  COLORIDA BATE ASAS PARA VOAR. A BORBOLETA COLORIDA BATE ASAS PARA VOAR.
O  ILUMINA A TERRA. O VAGALUME ILUMINA A TERRA.	A  FAZ MEL E FAZ ZUM-ZUM. A ABELHA FAZ MEL E FAZ ZUM-ZUM.
MACHUCA A FOLHA	A  PEGA FOLHA E TRABALHA PARA CHUCHU. A FORMIGUEIRA PEGA FOLHA E TRABALHA PARA CHUCHU.

APÊNDICE Z - Acróstico

F	OGO
L	EÃO
O	VELHA
R	ATO
E	LEFANTE
S	APÓ
T	ATU
A	BELHA

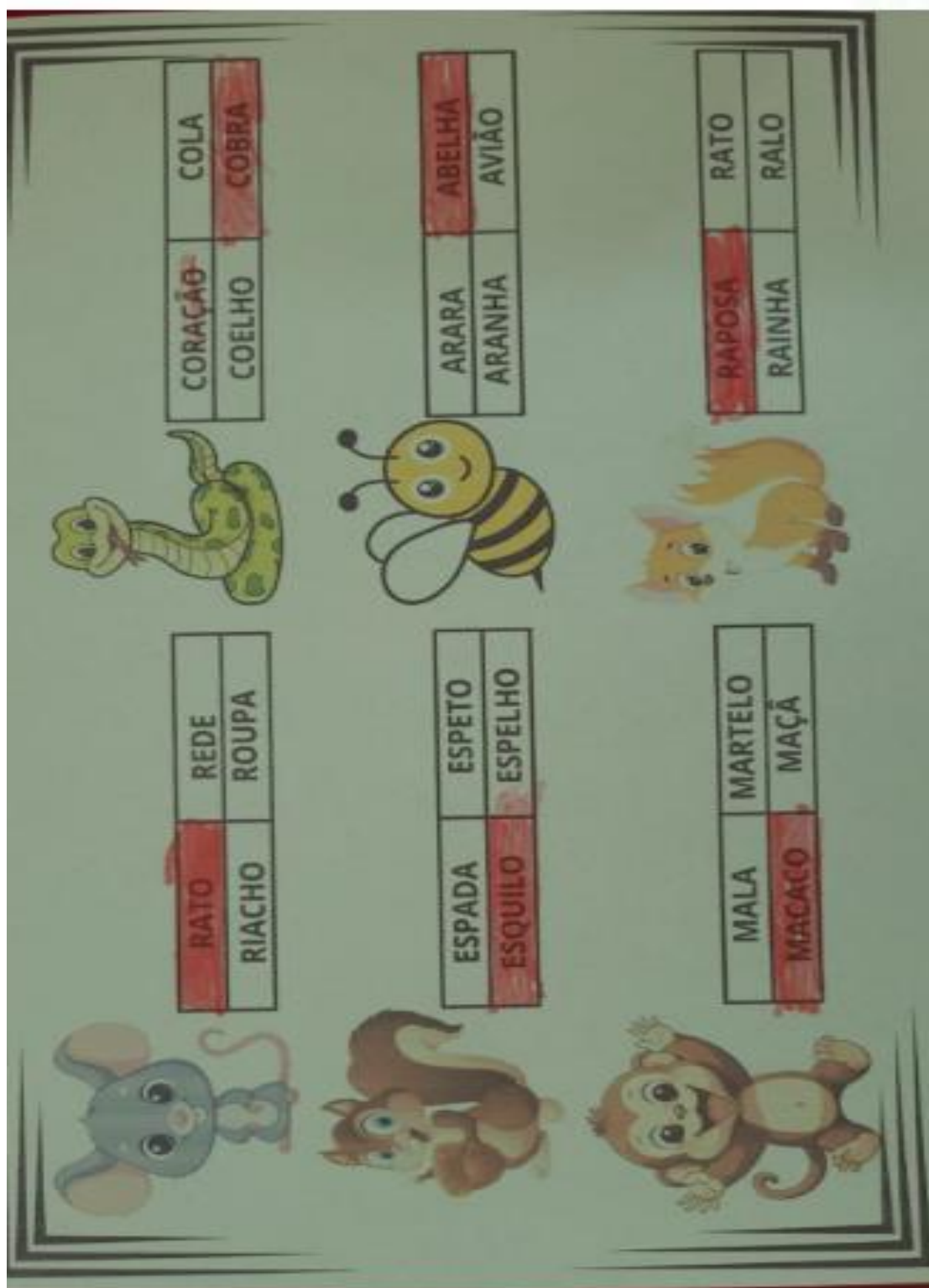
APÊNDICE AA - Cartão Conflito Confusão na Floresta



APÊNDICE AB - Cartão Conflito Sílabas



APÊNDICE AC - Leitura de Palavras com Iniciais Iguais



APÊNDICE AD - Jogo Ceel Bingo da Sílabas Inicial



APÊNDICE AE - Material Pedagógico para Escrita de Palavras

APÊNDICE AF - Jogo Associar Palavras às Imagens



APÊNDICE AG - Jogo da Memória Confusão na Floresta

APÊNDICE AH - Texto Coletivo A Batalha na Ilha dos Sonhos**A BATALHA NA ILHA DOS SONHOS**

CERTA VEZ, NO TEMPO EM QUE OS ANIMAIS FALAVAM E A MAGIA ESTAVA PRESENTE EM CADA CANTINHO DO MUNDO, QUE NOSSA HISTÓRIA COMEÇA. NA ILHA DOS SONHOS.

NA ILHA DOS SONHOS, VIVIA UMA SEREIA CORAJOSA, CONHECIDA POR SUA BONDADE E PROEZAS HEROICAS. UM TAPETE MÁGICO, GUARDIÃO DA JOIA DAS VOZES DOS ANIMAIS. UM GIGANTE, AMIGO DO TAPETE E UM ALIENÍGENA. CONHECEDOR DA ARTE TECNOLÓGICA QUE ÀS VEZES VISITAVA A ILHA.

UM DIA, APARECEU UM PIRATA CRUEL, CUJO CORAÇÃO ERA MALVADO E QUERIA DOMINAR O MUNDO DAS ÁGUAS.

O PIRATA SÓ PENSAVA EM DERROTAR O GIGANTE E ROUBAR O TAPETE QUE PROTEGIA A JOIA. ASSIM ELE CONSEGUIRIA ALCANÇAR SEU OBJETIVO.

MAS A SEREIA UNIU FORÇAS COM O ALIENÍGENA PARA ENCONTRAR UMA MANEIRA DE ENFRENTAR O PIRATA E PROTEGER O TAPETE QUE GUARDAVA A JOIA DO SEGREDO DA FALA DOS ANIMAIS.

FOI ENTÃO QUE OS IMPROVÁVEIS ALIADOS EMBARCARAM EM UMA JORNADA CHEIA DE PERIGOS E DESAFIOS. O PIRATA COM SUA ASTÚCIA, PARECIA INVENCÍVEL. MAS A DETERMINAÇÃO DA SEREIA, E OS PODERES TECNOLÓGICOS DO ALIENÍGENA PROVARAM SER UMA COMBINAÇÃO FORMIDÁVEL.

EM UMA BATALHA ÉPICA, O GIGANTE APARECEU FURIOSO PORQUE O TAPETE MÁGICO JÁ ESTAVA CANSADO E TREMULOU NAS ÁGUAS DA ILHA DOS SONHOS E QUASE PERDEU A JOIA. OS HERÓIS LUTAVAM COM TODAS AS SUAS FORÇAS CONTRA O PIRATA. OS ANIMAIS QUASE PERDERAM AS VOZES. MAS COM TRABALHO EM EQUIPE E CORAGEM ELAS CONSEGUIRAM ENFRAQUECER E DERROTAR O PIRATA.

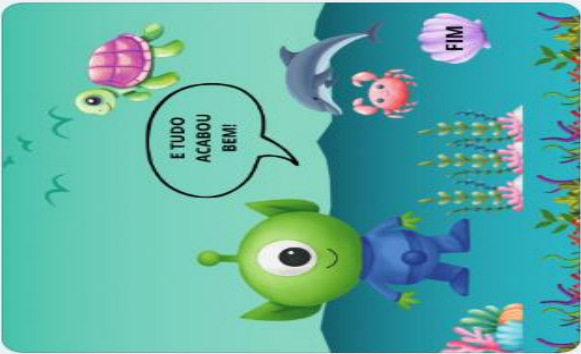
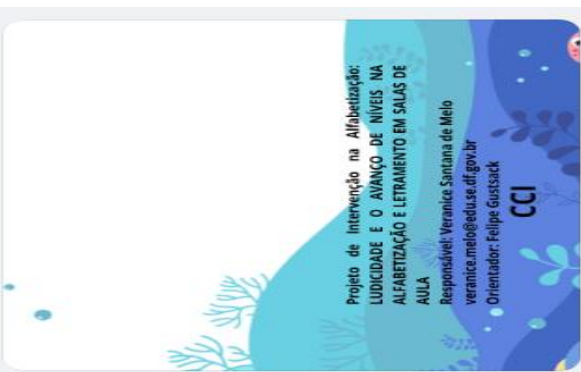
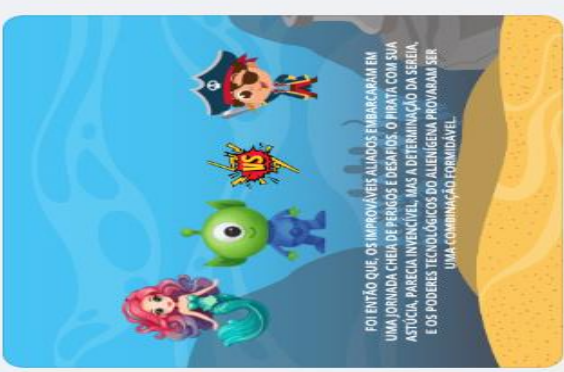
ASSIM, AO SOM DOS APLAUSOS DOS ANIMAIS QUE ASSISTIRAM À BATALHA, A SEREIA, O GIGANTE E O ALIENÍGENA SE ABRACARAM, CELEBRANDO A VITÓRIA CONQUISTADA EM CONJUNTO.

COM UM SORRISO NO ROSTO, O ALIENÍGENA OLHOU PARA O CÉU E DISSE AS PALAVRAS FINAIS: "E TUDO ACABOU BEM."

PROJETO INTERVENTIVO
1º ANO - CCI

FICHA PARA O CUBO DE PRODUÇÃO DE TEXTO
 DE ACORDO QUE FOR JOGANDO O CUBO, VÁ PREENCHENDO AS CAIXAS.

01	COMO INICIA A HISTÓRIA	CERTA VEZ...	NO TEMPO EM QUE OS ANIMAIS FALAVAM...
02	QUEM SERÁ O HERÓI?		
03	QUEM SERÁ O VILÃO?		
04	QUAL A MISSÃO A SER CUMPRIDA?	DERROTAR O GIGANTE	
05	QUAL O ADEREÇO QUE AJUDA NA MISSÃO?		
06	QUE OUTRO PERSONAGEM APARECERÁ?		
07	COMO ENCERRA A HISTÓRIA?	E TUDO ACABOU BEM	



Projeto de Intervenção na Alfabetização:
LUDICIDADE E O AVANÇO DE NÍVEIS NA
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM SALAS DE
AULA

Responsável: Veranice Santana de Melo
veranica.melo@educar.df.gov.br
Orientador: Felipe Gustavick

CCI

APÊNDICE AI - Sequência Ilustrada Casamento da Dona Baratinha

